CENAP - JORNALIVRO - AGOSTO - 83 - Nº 6

Jornalivro

ANO III - AGOSTO/83 - Nº 5

Textos inéditos que revelam as condições atuais da vida e da luta do povo salvadorenho. A verdade contada por eles e que os meios de comunicação escondem.

EL SALVADOR VENCERÁ!

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

EL SALVADOR VENCERÁ!

EDITORIAL

El Salvador Vencerá é mais uma edição importante do Jornalivro, que tem como objetivo levar aos companheiros e companheiras do Movimento Popular e Sindical diversos textos e trabalhos produzidos pelo próprio de El Salvador.

Trata-se de uma coletânea de materiais de informação, estudo, divulgação, denúncia e propaganda, que circula dentro de El Salvador — que jamais seria publicada pela imprensa brasileira atual — e que nos mostra como pensa, sofre e se organiza com valentia e esperança o povo salvadorenho.

Com este Jornalivro tivemos a intenção também de dividir com todos os companheiros informações sobre o outro lado desta guerra suja e desigual: o lado que revela o pensamento e a coragem de um povo simples, pobre, mas decidido a resistir até as últimas conseqüências contra o domínio, o poder e a loucura destruidora dos Estados Unidos, maior potência do Ocidente, que a cada dia que passa nos impõem novos sofrimentos ao nosso povo latino-americano.

Por fim, acreditamos que a publicação desta coletânea nos permitirá compreender a força e a determinação de um povo que já não tem outra escolha senão a de construir o dia da libertação.

Conselho Editorial

El Salvador no centro da confrontação global dos EEUU

(Extraído do boletim Radio Venceremos, editado pela sucursal da Cidade do México em 1982)

A política exterior dos Estados Unidos, com a subida de Reagan ao poder, entra numa etapa de volta às concepções que estiveram em voga na década dos anos 50, quer dizer, voltou-se ao velho e gasto recurso da confrontação direta com a União Soviética.

No centro desta posição, encontra-se a luta dos Estados Unidos contra as lutas de libertação dos povos e contra o mundo socialista; desta forma, cumprindo com suas funções de polícia internacional, coloca importantes recursos econômicos, políticos e militares ao serviço dessa *cruzada internacional* contra-revolucionária e anti-comunista que tem levado as diferentes administrações a investir enormes somas de dinheiro, para assegurar uma presença militar, que, distribuída no mundo e reforçada continentalmente com o armamento nuclear, está ameaçando a paz mundial e a estabilidade de várias regiões do planeta.

A direção desta política internacional, tem sofrido mudanças a partir das necessidades provocadas pelos fracassos tidos na sua confrontação com as lutas dos povos. Neste sentido, a heróica luta do povo vietnamita desempenhou um importantíssimo papel na derrota de uma das formas de luta surgidas para evitar justamente essa derrota e com isso o imperialismo viu-se obrigado a elaborar uma nova variante, que por sua vez também fracassou.

Vejamos algo desta turbulenta história: ainda não tinha acabado a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos começaram a chantagear a Humanidade com o uso da bomba atômica, inaugurando o período da guerra fria que estabeleceu uma época de tensões e conflitos em diferentes partes do mundo. Contudo, em princípios da década dos sessenta, os estrategistas ianques perceberam-se que uma confrontação nuclear, com o mundo socialista não daria ao vencedor as vantagens que normalmente obtem, no campo econômico, político e militar. Isto obrigou a reelaborar a concepção da guerra global, que, vinha pensando e que colocava uma confrontação direta com a URSS. Passou-se assim à concepção da guerra localizada, que compreendia a luta contra a revolução no Terceiro Mundo e o emprego de meios convencionais em grandes quantidades e qualidades. Esta mudança na linha política, afetou também a linha de produção nos complexos militares industriais dos EEUU, destinando-se maiores recursos econômicos para a construção de avançado instrumental de guerra convencional em detrimento dos meios nucleares, como conseqüência da maior demanda e da possibilidade de lucros enormes.

A grande derrota sofrida pelos Estados Unidos no Vietnã, acabou também com a concepção que a tinha motivado, e colocou na ordem do dia, a procura de uma nova concepção de luta contra as lutas de libertação. Assim surge a tese dos direitos humanos de Carter, que colocou a necessidade de aproximar-se do Terceiro Mundo através de uma nova política, que sem por de manifesto a confrontação total com o socialismo, e empregando em primeiro lugar os recursos políticos, tentou impedir o avanço das lutas populares no mundo; apesar disso neste período é que se vão dar as revoluções do Irã, Afganistão e Nicarágua, importantes golpes para a estratégia militar dos EEUU. Esta derrota foi equivalente à obtida na absoluta derrota eleitoral de seu patrocinador, e a subida à Casa Branca do *Novo Gladiador Texano*, Ronald Reagan, que retomou a concepção de guerra global levantada já há vinte anos, apesar das muitas mudanças que aconteceram no mundo, desfavoráveis aos interesses expansionistas dos EEUU; e mesmo as que aconteceram dentro dos EEUU, igualmente contrárias aos interesses guerreiros da política de confrontação global.

De tais circunstâncias, percebe-se que os altos comandos do Pentágono dos Estados Unidos têm a convicção de que ainda não estão preparados para uma confrontação global por meios não convencionais; desta forma além de estar obrigados a mudanças rápidas em sua política global, a administração Reagan, encontra-se com uma política que só pode ser aplicada no momento de forma parcial.

A luta de nosso povo tem sido situada pelos estrategistas norte-americanos no contexto desta confrontação Leste-Oeste, e como parece evidente, é a primeira prova de fogo da nova administração, que correrá o perigo de seguir o mesmo caminho de seu antecessor, o senhor Carter.

Daí a atitude declarada dos EEUU, frente a luta heróica que o povo salvadorenho leva adiante pela sua liberdade e autodeterminação; luta que tem profundas raízes nacionais e históricas.

Toda esta situação serve de marco ao agravamento da situação internacional dos EEUU e às contradições evidentes e públicas que se manifestam na administração, no que se refere à política com respeito a El Salvador e à região centro-americana.

Alexander Haig, ameaça freneticamente agredir Cuba, Nicarágua, e El Salvador, enquanto o ministro de Defesa Weimberger modera o tom de seu discurso, e Regan parece correr em apoio ao Secretário de Estado.

Estas oscilações têm por base as possíveis repercussões que uma agressão à nossos povos poderia originar: quanto ao aspecto militar, ela provocaria uma regionalização do conflito e sua grave repercussão internacional; quanto ao econômico, ela significaria um alto custo para a crítica situação econômica dos EEUU, e, políticamente, aumentaria a oposição à política de guerra, e a luta pela paz no próprio povo norte-americano.

No fundamental, uma agressão à nosso país e à América Central e o Caribe, dificilmente ficará dentro dos limites nacionais previstos por Reagan, e perigosamente ela levaria à uma larga confrontação convencional similar à do Vietnã, já defendida por Washington, ou à uma confrontação global para a qual eles mesmos confessam não estar preparados.

Por estas razões, o próprio pessoal da administração, chega a confrontar suas posições publicamente deixando evidente assim, as grandes divisões, dúvidas e as perigosas indefinições que são ainda manifestadas nas relações com seus aliados estratégicos, da Europa Ocidental, que mantêm uma posição diferente da dos EEUU com respeito à guerra e à paz.

No que se refere a El Salvador, este fato fica claro nas resoluções da Organização das Nações Unidas, a respeito das eleições em nosso país, quando reconhecem a inexistência de condições para a realização de eleições, e se manifestam a favor de uma solução negociada onde participem todas as partes e expressem também sua oposição à intervenção militar em nosso país.

A posição dos Estados Unidos e a de seus aliados europeus diferenciam-se, apesar das abertas pressões dos EEUU. Da mesma forma, fracasaram as tentativas de Haig na reunião da OEA em Santa Lucía, onde se procurava invocar o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR).

O mundo está ciente do perigo que esta política internacional de Reagan coloca para a existência mesma da Humanidade, e por isso mesmo manifesta-se contrária à ela. O mesmo processo ocorre no interior dos Estados Unidos, onde o povo e alguns órgãos do governo opõem-se à essa perigosa e aventureira política.

Jornal Venceremos nº 2
01/82 — Editorial

CEDEM

Da insurreição à guerra

(Entrevista a Joaquín Villalobos, comandante-chefe do ERP) por Martha Harnecker

Já se completaram 2 anos de guerra em El Salvador. A ofensiva revolucionária de tipo insurrecional de 10 de Janeiro de 1980 foi apenas o seu começo. O inimigo desnorteado não se moveu de seus quartéis, porém continuou a campanha de terror nas cidades. As forças insurrecionais aproveitaram estes meses para retirarem-se ao campo e criarem, nesse país com topografia adversa, densamente povoado e cortado de estradas, o que para muitos era uma ilusão: suas zonas de retaguardas e seu exército guerrilheiro.

Esta experiência histórica destrói uma vez mais o determinismo geográfico. Não são as montanhas selvagens, mas as massas exploradas decididas a lutar por um destino melhor, conduzidas por uma vanguarda lúcida e flexível, a FMLN, que têm feito possível o avanço ascendente das forças guerrilheiras. Estas, segundo as circunstâncias, têm sabido passar da luta insurrecional à guerra popular, da defesa de posições à guerra de movimentos.

Ao longo da entrevista, com o jovem, mas experimentado, chefe guerrilheiro e máximo comandante do ERP, Joaquín Villalobos, encontramos a mais exaustiva análise e balanço da guerra feita até agora.

A ofensiva de Janeiro de 1981: um erro?

MH. A estratégia que orientou a ofensiva militar lançada pela FMLN em janeiro de 81 tinha como objetivo principal — segundo o meu entender — atacar ou ao menos assediar as forças militares inimigas em seus quartéis. De fato não fez senão repetir a experiência nicaraguense de setembro de 1978, que é analisada criticamente pelo comandante Joaquín Cuadra numa entrevista que fizemos com ele um ano depois do triunfo da revolução sandinista. O atual chefe do Estado Maior do Exército Popular Sandinista acredita que "o grande erro" que então se cometeu foi atacar "o inimigo onde ele estava mais fortalecido", usando como arma principal o cerco. Reconhece que está tática fixa o inimigo, porém "em um terreno onde ele domina", e que essa forma "não permite resolver a situação a favor das forças revolucionárias".

Poderia me dizer por que se escolheu esta estratégia? Influiu nessa escolha a esperança de ter sublevações militares e levantamentos populares que não se produziram, ao menos com a intensidade e extensão esperadas?

JV. Com relação a isto eu creio que talvez o mais importante seja não restringir o que foi a ofensiva de janeiro de 1981 ao problema meramente militar e ao problema da tática empregada, e, sim, referir-se à situação própria do movimento revolucionário salvadorenho, e ao que havia sido o desenvolvimento do movimento de massas, que gerou obviamente expectativas em torno de possibilidades insurrecionais. É isso que explica o por que se utilizou essa tática.

O objetivo, num 1º momento, não era aniquilar o exército, mas sublevar as massas e, baseado na sublevação das massas, passar à aplicação de diferentes táticas que iam desde o assedio prolongado às guarnições, com o apoio das massas, até a aplicação de medidas que obrigariam o exército a mover-se e assim atacá-lo em movimento. Para San Salvador, por exemplo, nossos planos não eram de ocupar as guarnições militares, mas hostilizá-las, enquanto outras unidades realizavam sublevações em outros bairros populares. Uma vez conseguido isso, tentaríamos fazer com que o exército se movimentasse para recuperar os bairros, e nesses movimentos pretendíamos golpeá-lo.

Não se pode dizer que contávamos com muito desenvolvimento em nossa capacidade tática para atacar o inimigo em movimento, e inclusive em suas posições. O fundamental para nós era a sublevação das massas, e disto se derivaria o problema militar. Obviamente a questão estava também combinada com a possibilidade de levantamento de alguns setores do exército. Os motivos de não conseguirmos todos os nossos objetivos encontram-se no desgaste que havia sofrido a luta de massas nos últimos meses, devido ao terror imposto nas cidades, e no processo de resolução que começam a ter as contradições até então existentes no interior do exército e das diferentes forças políticas da Junta.

Pode-se dizer que eles já haviam conseguido um alto grau de homogeneidade em torno do projeto Democracia Cristã-Exército e Reformas-Repressão, e que este era o momento de seu maior nível de consolidação. Mas, só agora se pode dizer que eram estas as condições de então. Naquele momento, depois de viver um período com um dos mais fortes movimentos de luta de massas produzidas na América Latina, era muito difícil ter esta visão.

Cabe, então, se perguntar: quer dizer que no caso de El Salvador era impossível uma insurreição? Eu creio que não. O que acontece é que perdemos o momento propício. Ou seja, houve outros momentos de maior auge do movimento revolucionário, de graves contradições no campo inimigo, estava claro que eram claramente todas conjunturas nas quais poderíamos haver procurado mudar as correlações de forças a nosso favor e tomar o poder.

MH. Quais seriam esses momentos?

JV. Eu diria março-abril-maio de 1980... Se se analisar um pouco, nesse momento havia inclusive setores da burguesia dispostos a estabelecer alianças conosco e que tinham peso político. Mas ainda eles estavam, digamos, no projeto reformista e tinham algumas possibilidades de atuar. No exército, para falar claro, Mena Sandoval e os militares que se incorporaram ao 10 de janeiro e os que honestamente acreditaram no golpe de 15 de Outubro, estavam no seu melhor momento no interior do exército, havia melhores possibilidades de conspirar dentro dos quartéis, havia uma situação dentro do exército de grandes expectativas em torno do movimento revolucionário de massas, respeito e, inclusive desejo de participar. Eles haviam procurado iniciar conversações com a Coordenação Revolucionária de Massas.

Com o tempo, tudo isso foi sofrendo um enfraquecimento, e a direita foi recompondo a situação no interior do exército e dispersando essa gente. Por outro lado, as condições internacionais também nos eram bastante favoráveis, era menos difícil obrigar os EUA a procurar um acordo negociado com o movimento revolucionário. Depois isto passou a exigir mais esforços, ainda que eu acredite que os norte-americanos estão a caminho de entender que eles tem que chegar a uma solução negociada. Porém naquele momento isso era mais possível.

E por outro lado, havia o movimento de massas. Falamos, acima de tudo, de março-abril de 1980. O assassinato de Monsenhor Romero agita as massas, todo o mundo espera nesse momento um levantamento, o movimento revolucionário tinha então capacidade de paralisar o país sem necessidade de recorrer à ação militar; bastava fazer uso da disciplina, 90% das organizações a nível da classe trabalhadora, dos empregados, guiava-se pelas instruções do movimento revolucionário. Existia uma condução revolucionária estruturada a nível de camadas médias, a nível do movimento operário, do professorado, e um poderoso movimento de massas no campo. A prova foram as greves que se realizaram em março e junho, que foram de uma força impressionante: paralisou-se totalmente o país.

MH. Mas entendo que na última greve nacional de agosto não houve a resposta esperada...

JV. Nesse caso não se pode dizer que o problema estivesse no fato de as massas não nos apoiarem. Simplesmente, o inimigo já começava a impor o terror sistemático e massivo, e o movimento revolucionário não tinha suficiente presença militar que permitisse a expressão insurrecional das massas.

Então o movimento revolucionário das massas foi sendo submetido cada vez mais a um desgaste maior, sobretudo nas cidades. O inimigo começou a realizar, no campo, operações que são a base do que seriam depois as grandes manobras para despovoar as zonas de controle da FMLN. Certamente sofremos um desgaste. Por outro lado, em nossa incapacidade para responder à conjuntura de março, influiu de uma maneira significativa o fato de que estivemos atrasados na tarefa da unificação, ao não contar com uma unidade em torno de uma estratégia política; e que não tínhamos passado dentro do movimento revolucionário dos níveis primários da unidade a uma unidade com conteúdo mais político e ideológico. Isto provocou a ausência de uma estratégia insurrecional e uma estratégia político-militar mais acertada.

Se a FMLN tivesse, em março, abril e maio de 1980, a força militar ou a quantidade de homens armados que possuia e utilizou em 10 de janeiro, independentemente do problema tático, eu acredito que poderia ter havido uma insurreição. E poderia ter havido possivelmente uma quase destruição do inimigo. Agora, a 10 de janeiro, isso já não era possível devido ao nível de terror alcançado pelo aparato repressivo.

As massas já exigiam da vanguarda uma maior presença e

CEDEM

qualidade militar para poder passar a expressar-se em uma luta de características mais definitivas.

MH. Deixe-me esclarecer uma coisa: você está pensando sempre que a sublevação das massas vai acompanhar-se de uma sublevação nos quartéis ou você pensa que ainda sem sublevação nos quartéis poderia ter êxito a insurreição?

JV. Esse é um elemento que teria contribuído enormemente para a sublevação das massas.

Há um exemplo que é bem importante, que é o de Santa Ana. Na ofensiva de 10 de janeiro, Santa Ana foi talvez o lugar que adquiriu características mais insurrecionais de todo o país. E isso porque as massas, ao ver derrotada a guarnição do exército a partir da sublevação de alguns militares que estavam em seu interior, sentiram que aquela era uma luta de características decisivas. A desarticulação do exército é um elemento que sem dúvida impulsiona a insurreição das massas. Ou seja, em Santa Ana, diferentemente do resto do país, há centenas de pessoas que se levantam nos povoados da periferia, há barricadas, há a mais importante participação das massas de todo o país, o balanço da luta é de 400 mortos civis. E isso ocorre onde o aparato armado da FMLN é inferior ao resto do país. Ou seja, a sublevação do quartel, de uma parte dos militares, é um elemento que influi enormemente no estado de ânimo das massas.

Agora, nossos planos não dependiam totalmente deste fator. Considerávamos ele apenas como um elemento que contribuiria.

MH. Agora, ainda que não houvesse havido sublevação de quartéis, você acredita que somente com a sublevação das massas vocês teriam conseguido derrubar o governo?

JV. Acredito que sim. A força do movimento de massas era de tal força que, combinada com um poder armado mínimo, ou seja, com uma proporção muito menor de homens e armas, e com uma capacidade militar muito mais inferior que a atual, teríamos podido provocar a insurreição das massas e passar ao cerco de guarnições. Mas o cerco delas seria feita com a ocupação do terreno, tendo como base as massas sublevadas. Agora, as táticas com as quais depois iríamos derrotando o exército, debilitando-o através da sustentação da insurreição, a conquista e a imposição de movimento a ele, isso já era...

MH. A conquista dos quartéis estava então planejada com as massas?

JV. Com as massas...

MH. Não com o aparato militar somente...

JV. Ou seja, eu te citava o exemplo de San Salvador, onde nós planejávamos um importante fustigamento à força aérea, cercar a força aérea e atacá-la. Porém as ações visavam a ocupar os bairros de Mejicanos, Cuscatancingo, os povoados que estão mais ao norte de San Salvador e quase toda a periferia. Essa era a parte principal do plano.

MH. Mas vocês não achavam que o inimigo era capaz de atacar vocês?

JV. Sim, sabíamos que o exército ia nos atacar.

MH. E como iam fazer frente à chegada do exército nos bairros?

JV. Cercando-o quando tentasse penetrar nas zonas e ocupando as posições importantes. Por exemplo em Mejicanos nós planejávamos manter o acesso ao povoado controlado por nós. Ou seja, acredito que o mais importante não era um problema de tática militar. Teríamos tido êxito se tivéssemos conseguido a sublevação das massas; mas para isso, naquele momento, dada a situação de desgaste das massas de que te falei, necessitávamos de um aparato militar mais forte e desenvolvido do que o que tínhamos em maio de 1980.

Em abril e maio de 1980 não contávamos com a logística necessária e não tínhamos o aparato militar necessário. E quando digo que não o tínhamos, não me refiro ao problema de que não existisse, mas ao de que não existia um grau de unidade, no movimento revolucionário que permitisse gerar as condições capazes de criá-lo de uma maneira mais rápida.

Nenhuma organização sozinha era capaz de vencer aquela batalha. Agora, se se unificassem os aparatos militares de todas as organizações, o mais seguro é que teria sido possível dar uma resposta. E teria sido exigido um mínimo de logística, muitíssimo menos que a que se utilizou, se somássemos os níveis alcançados por todas as organizações em 10 de janeiro.

Eu diria que no período de março-abril-maio de 1980, com mil homens armados nós teríamos podido levar as massas à insurreição e destruir o exército.

MH. Ou seja, segundo o que você está me dizendo o que eu chamo de desconcentração de forças, quer dizer, a idéia de cercar muitos quartéis, era correta dentro do planejamento geral...

JV. Ainda que não de maneira absoluta, dentro da idéia da sublevação das massas, sim. Foi o debilitamento do movimento de massas que nos impôs outro esquema, e nos obrigou à criação de um exército e ao uso de planos militares mais completos. Ou seja, a vitória revolucionária não tinha necessariamente que ser filha do aperfeiçoamento da tática militar; houve períodos em que era possível alcançá-la com uma estratégia militar menos acabada.

Eu diria que na Nicarágua o papel que jogaram as massas fez com que não se necessitasse do desenvolvimento em profundidade de um exército popular. Houve, evidentemente, necessidade de desenvolver um aparato militar, porém não nas mesmas proporções que as nossas. Claro, a luta em El Salvador se produz após a vitória revolucionária na Nicarágua e isso influência também na política do imperialismo, surgem novos elementos que vêm nos impor outras condições. Por tudo o que disse a você, não acredito que se possa julgar o dia 10 de janeiro a partir do problema da tática que se utilizou no combate. Acredito que provavelmente teria havido melhores resultados se colocássemos maior empenho na luta nas vias de acesso, e esse é um reparo que se tem que fazer, porém a advertência fundamental não é essa. O que ocorreu é que já havia passado para nós o melhor momento político para a insurreição.

Houve momentos na capital, durante o período de janeiro-fevereiro-março de 1980, nos quais o exército, com toda a força que tinha, não era capaz de controlar o movimento de massas. E as massas estavam desarmadas.

MH. Não era capaz, ou não se havia decidido a empregar o terror?

JV. Eu diria que não era capaz de dar um golpe fulminante. A extensão e qualidade do movimento de massas era demasiado forte para acabar com ele de um só golpe. Em qualidade, o movimento de massas tinha no seu interior sólidas estruturas clandestinas e semi-clandestinas; e em extensão, englobava desde os funcionários do estado e os operários das indústrias estratégicas, cobrindo talvez quase 90% dos setores produtivos. Além de um movimento camponês solidamente enraizado em 12 dos 14 estados do país, cobrindo mais de 90% do território.

O inimigo precisou de mais de um ano para desgastar esse movimento e colocá-lo num ponto em que conseguiu esgotar suas possibilidades insurrecionais, pelo menos nas cidades; o que o exército não pôde esgotar foi a reserva de massas que o movimento revolucionário tinha, e sua capacidade de renovar as formas de participação para fazer sobreviver esse movimento em condições difíceis, e dar o salto para a criação de um poderoso exército revolucionário.

No período que vai de janeiro até o final do ano, o movimento revolucionário vai desenvolvendo seu exército; passa de massas desarmadas às massas armadas e daí à criação de um exército que será, daí em diante, seu principal instrumento de ação.

Como apesar das dificuldades se forma um Exército Popular

MH. Há quem tenha defendido a idéia de que em El Salvador não existem condições para a guerra de guerrilhas no campo; e menos ainda para a criação de um exército popular, no sentido de forças permanentes não ligadas a um território espe-

cífico, dadas as características geográficas do terreno: um país pequeno, sem grandes serras, montes, que impede a existência de zonas de retaguarda dentro do país; terreno, além disso, densamente povoado e com muitas vias de acesso ligando um ponto a outro do país. Estes analistas têm defendido que a luta armada que pode ocorrer nesse país é somente uma luta de tipo miliciano, intimamente ligada à uma estratégia insurrecional. Acredito que a melhor resposta a estas opiniões é a prática concreta de vocês nos últimos meses, mas, de toda maneira, me interessa que você me dê sua opinião sobre essa idéia.

JV. O país é montanhoso. É um país de vulcões. Mas para vê-lo na realidade, utilizemos um exemplo: um vulcão, dos muitos que há no país, está cultivado de café, e tem muitas vias de acesso que são necessárias para a saída da colheita do café. O problema de outras zonas montanhosas onde habitam camponeses pobres, zonas de terras ruins, como no caso de Morazán, Chalatenango e o norte de San Vicente, é que têm uma densidade populacional bem alta e também, tem muitas vias de acesso, grande quantidade de povoados e vilas, todos com seus terrenos já cultivados. E não há, digamos, uma vegetação que pudesse encobrir as unidades guerrilheiras do movimento revolucionário.

Nem a vegetação, nem o isolamento necessário para uma primeira etapa de formação. Quando o movimento revolucionário salvadorenho começou a formar suas bases no campo, tinha que empregar métodos tão clandestinos quanto nas cidades. Tinha que esconder-se nas casas dos camponeses e dar-lhes instrução militar. E fazê-lo às duas, três da manhã, tomando as mesmas, medidas de segurança, que se tomavam nas cidades. Em geral, poderíamos dizer que se trata de uma formação urbana. Isso teve desvantagens no princípio, porém também teve vantagens, porque nascemos e crescemos com uma comunicação constante com as massas camponesas. Nunca estivemos isolados das massas. Há certamente, como resultado do terror inimigo, uma diminuição da participação aberta das massas nas cidades, mas se bem que isso diminui as possibilidades insurrecionais, não impediu a criação de um exército que sem novas formas de participação das massas jamais teria sido possível.

Esta é a resposta que se pode dar a essa pergunta. O movimento revolucionário salvadorenho encontrou a solução para as

desvantagens topográficas, para as dificuldades que a grande densidade de população representava, no alto grau de organização do movimento popular; na incorporação massiva da população às tarefas revolucionárias; na criação de novas formas de participação, o que constituiu uma forte base para a criação do exército guerrilheiro. Dizer que só podíamos aspirar uma luta de tipo miliciano, e ligada a uma estratégia insurrecional, seria cair em um determinismo com relação a uma parte dos fatores que entram em jogo na construção de uma estratégia revolucionária. O movimento revolucionário salvadorenho encontrou a solução para estes problemas no enorme apoio das massas e no alto grau de organização que tinha entre os camponeses. É isso que nos tem permitido criar uma retaguarda como a que temos.

Hoje, quase dois anos depois da ofensiva de janeiro de 1981, que foi o que realmente permitiu consolidar a retaguarda, o exército começa a abandonar a maior parte de suas posições menores em nossas zonas de controle. Nós já passamos não só a ser donos dos pontos mais altos, que permitem o controle das zonas aldeias, vilas, algumas estradas principais e dos povoados, mas também a dominar posições militares estratégicas. E isso implica para nós maior desenvolvimento, maiores possibilidades de manobras, maior estabilidade de nossas frentes; isso nos dá uma série de condições para que nossos planos, nossas ofensivas, tenham uma envergadura e importância estratégica, no terreno militar, muito maior nos próximos meses.

MH. Agora, essas zonas já podem ser chamadas de zonas liberadas?

JV. Esta é uma pergunta um pouco difícil. O próprio fato de que todas as organizações tenham sido cuidadosas no uso desse conceito, está ligado, em alguma medida, ao problema de que não temos contado em nossas fronteiras com um país que nos possibilite ser auto-suficientes nessas zonas. Ou seja, temos o controle da zona: controle militar e influência política generalizada na população; mas não somos totalmente auto-suficientes.

Organizamos formas de poder popular com mínimas condições de auto-subsistência, mas não podemos ser totalmente auto-suficientes.

MH. Você me dizia então que a necessidade de criar o exército popular surgiu com o fracasso da tentativa insurrecional de janeiro de 1981...

JV. As condições nos forçaram a construir um exército. Fechada a alternativa insurrecional, colocou-se a necessidade de alcançar um maior desgaste e maior desarticulação do exército no campo meramente militar, o que nos obrigou a melhorar nossas estruturas militares.

MH. Quais são, segundo sua experiência, as condições mínimas necessárias para começar a formar um exército?

JV. O fundamental é poder ter uma retaguarda, e foi exatamente o que se conseguiu em janeiro, no dia 10. Esta ofensiva pôs o exército na defensiva, concentrando-o em suas áreas estratégicas. Isso nos deu uns meses de tranqüilidade e nos permitiu criar as sete frentes estratégicas, as sete concentrações de forças. E a existência dessa retaguarda é que nos deu a possibilidade de preparar pessoas... Inclusive as próprias ofensivas do inimigo se transformaram numa escola de preparação combativa. Todos esses meses, os meses em que resistimos nessas posições, nos obrigaram a aprender. Não só contávamos com o terreno para preparar os homens, mas também nos vimos obrigados a resolver o problema de aprendizagem tática e militar na prática, enfrentando o inimigo.

Não foi uma escola em que formávamos pessoas e logo as levávamos a um campo de operações. A retaguarda e o campo de operações estavam interligados, porque às vezes o inimigo nos tirava de determinadas zonas e logo voltávamos a retomar o controle do terreno. Isto implicou também em que as pessoas aprendessem o trabalho de engenharia para proteger-se dos bombardeios da artilharia, da aviação, porque isso era uma necessidade diária e acontecia diariamente. Ou seja, o que fez com que em Morazán, em Chalatenango, em Guazapa se formassem bons contingentes militares foi o fato de que, durante muitos meses, nessas zonas se teve que combater quase diariamente a tentativa do inimigo de nos aniquilar.

Outra coisa que ajudou a formação de nosso exército foi que para a ofensiva de 10 de janeiro, o movimento revolucionário se propôs armar-se e cumprir com os planos logísticos. Estes planos, feitos com base numa idéia insurrecional, partiam basicamente de duas coisas: por um lado, ter gente disposta a armar-se, e isso o movimento revolucionário tinha de sobra, ainda que com o enfraquecimento anterior que havia sofrido nas cidades; por outro lado, contava com recursos financeiros isto também a gente tinha como resultado das recuperações de todo o período anterior. Porém não foram só estas duas coisas, mas, ainda, a capacidade militar de executar operações de abastecimento em um terreno muito difícil, capacidade que influía nos planos, quadros e estruturas, que foram capazes de cumprir seus propósitos aproveitando todas as possibilidades.

Se nós não tivéssemos resolvido esse problema logístico no 10 de janeiro, dificilmente teríamos podido criar a retaguarda. O exército começou a lançar, ao longo de 1980, operações contra o que hoje são as zonas de controle, e a resistência que pudemos opor naquele momento foi muitíssimo menor que a que conseguímos fazer depois de 10 de janeiro, quando já nos en-

CEDEM

contrávamos armados. Isso, somado ao fato de haver conseguido conquistar a retaguarda, nos dá a possibilidade de opor uma resistência efetiva e passar à criação de nosso exército.

A outra questão importante é que conseguimos atingir níveis mínimos de abastecimento, combinando as pequenas recuperações que fizemos no período de janeiro a julho-agosto de 1981 e executando operações logísticas capazes de manter o abastecimento de munições. Esse foi outro elemento que jogou um papel estratégico nesse período. O problema alí já não era fundamentalmente de armas, senão a capacidade de manter o abastecimento de munição, para poder resistir ao exército; exatamente por isso ele aumentou os cercos, procurou a ofensiva, procurando o choque conosco para esgotar nosso potencial logístico, pois sabia que, quando nós esgotássemos as munições, iriam ter maiores possibilidades de nos aniquilar. Nossa capacidade de recuperação logística desnorteou o inimigo. Quando considerava que uma frente já havia sido desgastada, algumas semanas depois ela recomeçava a atuar. E, às vezes, com um nível de operações muito maior do que eles pensavam que era possível executar.

MH. Você diz que havia muito menos armas que homens dispostos a usá-las na ofensiva de janeiro de 1981.

Mas, a decisão de pegar em armas para uma insurreição não é diferente da de tomar as armas para formar um exército popular, que implica em desligar-se da terra onde se vive, etc, etc...?

JV. Certamente isso é verdade. Para poder transformar a massa armada num exército teve que se dar uma mudança na disciplina, teve que se formar uma mentalidade mais estratégica política e militarmente nos combatentes, uma visão de maior alcance do que é a guerra revolucionária. Agora, o fato de que o movimento revolucionário fosse capaz de defender essas zonas de retaguarda, permitiu ir modificando o comportamento de seus efetivos militares, educando-os num sentido diferente e começar, baseando-se nas mesmas necessidades que tinha de operar em outras zonas, a mobilizar-se para outros centros de operações, a buscar enfrentar o inimigo em outras situações, com grandes dificuldades no início, mas que aos poucos foram se resolvendo.

O 28 de março tem a enorme importância de incentivar o movimento revolucionário a atuar nos centros urbanos porque o inimigo, por causa do início das eleições, nos leva a enfrentamentos nas cidades e isso evidentemente vai influenciar uma grande mudança na forma de ver as coisas. Outra coisa que obriga o movimento revolucionário a movimentar-se é a necessidade de comunicação entre suas próprias frentes para melhorar a cooperação. Isso já vai criando uma disciplina nos combatentes na medida que sua participação não está ligada ao problema da defesa de um terreno, de uma posição, que é uma das maiores dificuldades que nós tivemos que superar numa primeira etapa. A defesa do terreno é algo que está ligado mais a uma luta miliciana que outra coisa. Passar daí a transformar combatentes em soldados de um exército revolucionário custou muitos meses; foi difícil sair inclusive da etapa em que estávamos, a de defesa frente às ações que o exército preparava para passar à etapa em que fossemos nós que determinaríamos quando se ia combater.

A defesa de posições: uma tática necessária

MH. Partindo da idéia de que a verdadeira guerra revolucionária em El Salvador começou em janeiro de 1981 — o que não quer dizer que nesta data se começou a luta armada, já que esta sem dúvida já existia há vários anos, mas somente no sentido de ações armadas dispersas, sem um plano global de ataque ao inimigo — poderia me indicar quais são os principais períodos pelos quais tem passado esta guerra até agora e que balanço você faz de cada um deles?

JV. Em primeiro lugar, eu diria que a guerra, como fenômeno militar de importância estratégica, começa certamente a partir de janeiro, mas que a guerra revolucionária propriamente dita existe nos últimos 10 anos, já que, como conseqüência do período anterior a janeiro acontecem dois fenômenos importantes: por um lado, o desenvolvimento de quadros que seriam os futuros elementos de comando do exército revolucionário, aqueles que em um dado momento poderiam conduzir uma insurreição, e mais adiante foram os que dirigiram o exército revolucionário: por outro lado, a capacidade que tem esse aparato armado de organizar também um poderoso movimento revolucionário de massas, que dirige no enfrentamento militar com o inimigo.

É importante, nesta altura, o período da auto-defesa das massas, método que é empregado por todo o movimento revolucionário. Os núcleos de combatentes, de milicianos, se infiltravam nas manifestações, nos atos de massas, ocupavam fábricas, instituições do estado, igreja. Esta foi uma das expressões mais importantes que teve o movimento de massas nesse período em El Salvador: a presença militar, a presença armada em seu interior.

Mesmo no enterro de Monsenhor Romero, o papel que desempenham os milicianos e combatentes é muito importante, e hoje muitos deles são quadros de direção do exército revolucionário, ainda que também haja toda uma geração nova de quadros, produto dos últimos dois anos de guerra.

Outro elemento também importante é que a luta armada nos permitiu a acumulação de recursos e capacidades básicas para poder desenvolver a etapa seguinte da guerra revolucionária. Eu diria que 10 de janeiro é a expressão mais alta dessa acumulação militar de forças, e tem uma enorme importância do ponto de vista político; há quem tenha dito que essa foi a carta de apresentação do movimento revolucionário salvadorenho a nível internacional. No plano político interno serviu até para às próprias massas no sentido de que conhecessem qual era o potencial militar do movimento revolucionário; deu-lhes confiança, viram que este podia vir a dar em uma nova acumulação de forças, num momento em que o movimento revolucionário já estava perdendo seu principal instrumento de presença, que era a luta aberta de massas, como conseqüência do terror inimigo.

Depois da ofensiva de janeiro de 1981, há um período que teve um papel de grande importância, aquele a que já nos referimos na outra pergunta sobre o desenvolvimento do movimento revolucionário, sobretudo no campo militar. Porque a curto prazo, logo depois de janeiro não podíamos lançar uma contra-ofensiva com objetivos insurrecionais. Era claro que o que precisávamos nesse momento, fundamentalmente, era do desenvolvimento de nossa força militar. Os seis meses seguintes à janeiro foram um período de resistência, de fortalecimento da retaguarda, de desenvolvimento de nossas forças e de avanço para a uma etapa de crescimento qualitativo maior no terreno militar, que tem sua primeira manifestação na campanha de julho e agosto.

MH. Agora, durante essa etapa, quais foram as orientações dadas do ponto de vista militar?

JV. Plano militar, no sentido ofensivo, não havia. Porque todas as nossas possibilidades não podiam ir além de aproveitar as ofensivas do inimigo para desgastá-lo. E o conseguimos. O exército reconhece que no mês de julho de 1981, sofreu 3 mil baixas, entre mortos, e feridos; aproximadamente 400 mortos em todo esse período, incluíndo 40 oficiais. Isso reflete os custos altíssimos que, para o exército, tiveram estes 6 meses de insistência em nos tirar de nossas posições, de tentar o aniquilamento de nossas forças. O único golpe de grande importância que sofremos nesta guerra foi em 17 de janeiro de 1981, quando uma coluna de nossas forças foi cercada no ocidente do país e mais de 100 combatentes, incluindo seus principais chefes, morreram combatendo heroicamente até a última bala no Cantón Cutumay Camones em Santa Ana.

MH. Em plena ofensiva...?

JV. Sim, digamos, na fase em que a ofensiva começava a diminuir em Santa Ana. Depois disso o que o exército conseguiu foi encontrar armas escondidas, desarticular as estruturas urbanas, mas as baixas que ele nos causa em suas ofensivas não passam de 8 ou 5 combatentes, milicianos e principalmente colaboradores e população civil. O que o movimento revolucionário utiliza neste período como tática fundamental, a defesa de posições, não deixou de provocar um certo desnorteamento.

Agora, foi a defesa de posições, em nosso caso, um erro? Eu diria que isso deve ser revisto do ponto de vista das características do terreno que temos para lutar. Por que razão? Porque é um terreno muito estreito, e não há, evidentemente muito onde movimentar-se. Que papel joga a defesa de posições no desgaste do exército? Obrigá-lo a ter que tomar posições... Ou seja, as 3 mil baixas do exército são produto da defesa de posições. No caso de Morazán, da ofensiva de março de 1981 que tenta capturar a Rádio Venceremos, o que causou ao exército? Dezenas de mortos e centenas de feridos. O exército gastou milhões de balas, milhares de disparos de obus, centenas de bombas de avião, e não obteve o mínimo resultado, em 22 dias de combate tentando conquistar as posições que a FMLN controlava.

Finalmente, tivemos que nos mover, mas já era outra a situação. O que teria acontecido se nós tivéssemos empregado nesse período fundamentalmente uma tática de movimento? Com certeza uma tática de movimento teria dado a eles possibilidades de aniquilamento. Por qual razão? Entre outras porque nós tínhamos que nos mover com as massas.

MH. Por que tinham necessariamente que se mover com as massas?

CEDEM

JV. Porque dependíamos delas. Ou seja, nessa retaguarda, sem as massas, nós não teríamos tido a menor possibilidade, nem de contar com reservas humanas nem de contar com abastecimentos. O próprio terreno exige de nós depender dessa massa para poder sobreviver. Nós devíamos protegê-la e considerá-la em qualquer plano de manobra militar. O inimigo sempre tem considerado a massa como objetivo militar e isso afeta diretamente nossas forças. Então o que acontecia? Nós tínhamos que forçar o inimigo a gastar muita munição a cada metro que avançava, de tal maneira que quando nos víamos obrigados a nos movimentar, o exército já não era capaz de poder manobrar contra nossa força, porque isso tinha que ser feito depois de muitos dias de combate. Quando vem a ofensiva de março em Morazán, o exército gasta 22 dias em campanha; se mantém 22 dias em ofensiva, e a FMLN resiste, mantém as posições... Agora, do ponto de vista político, naqueles momentos isto é também uma recuperação. Por que razão? Porque do ponto de vista político o exército passará mais de 20 dias em campanha, sem obter resultados concretos. Agora nós, não tínhamos nesse momento, capacidade para atacá-lo fortemente. Ou seja, a resistência se transforma na principal expressão de desenvolvimento e de força militar por parte da **FMLN** e influência na impossibilidade do exército inimigo restabelecer o controle em nossa zona; e isso provoca um enorme desgaste político e militar para ele. A defesa obrigatória de posições se transforma, assim, em uma atitude correta e na principal tática nesse período.

O próprio Garcia dizia que nós estávamos perdidos, porque uma guerra de posições exige uma enorme logística. Mas, o movimento revolucionário consegue enfrentar isso executando operações logísticas, por um lado, e, fundamentalmente porque, frente à necessidade de fazer uma defesa de posições, consegue fazer uso adequado do arsenal (condições militares), consegue educar seus combatentes em uma série de normas... No princípio não conseguimos, havia, claro, muitos problemas, porém na medida em que vai resistindo, o próprio combatente sabe que terminada esta ofensiva pode vir outra, e que tem que contar com as munições que possui para uma, duas ou três possíveis ofensivas do exército.

MH. Antes de começar a falar da campanha de julho-agosto seria interessante aprofundar uma questão: além dos aspectos positivos desta etapa de, digamos, defesa de posições, haveria algumas análises críticas interessantes a ressaltar?

JV. Sim, eu acredito que há dois elementos importantes a ressaltar. Um, o problema de que essa ligação do movimento revolucionário com as massas, ainda que tenha no contexto global um efeito positivo que lhe permite sobreviver, também tem um efeito negativo: a dispersão do poder militar do movimento revolucionário que influência no atraso da criação de suas forças operacionais estratégicas. Ou seja, a dispersão desse poder de fogo tem a ver mais com o que se ressaltava em uma das perguntas que você me fez, com um fenômeno mais miliciano, do que com o que nesse momento era necessário, que era a criação de um exército guerrilheiro.

Nós teríamos que escolher o melhor terreno para a criação desse exército, para defendê-lo e para poder provocar o desgaste do inimigo. Não podíamos nos preocupar somente com a necessidade de defesa das massas. Porém, isto nem sempre aconteceu. A prática, a realidade, a própria vida, foi demonstrando que isso era um erro e obrigou todos nós a ter que passar a aplicar uma proposta de concentração do poder militar, que englobava as armas e os quadros.

Outra coisa importante a assinalar é que, ainda que se tenha admitido o conceito da defesa de posições, já que era uma necessidade do movimento revolucionário, isso enfraqueceu o que deveria ser uma tática permanente do movimento revolucionário: a luta nas vias de acesso. As condições nos impuseram um esquema, e não se criou uma tática de ataque ao inimigo em movimento que permitisse, pelo menos, aprender a combater nas vias de acesso. Nesse momento, a luta nas vias de acesso é concebida como ações de fustigamento, de contenção, e não como uma tática fundamental para alcançar o aniquilamento de unidades inimigas. Agora, apesar destas análises críticas com relação a esse período, é necessário insistir em que esse foi um planejamento correto no contexto das condições do terreno no qual combatíamos.

O movimento revolucionário nesse momento necessitava conservar e fortalecer sua retaguarda. Aplicar uma tática de movimento nesse momento teria sido errado. Nossas forças não tinham, ainda, capacidade para realizar uma manobra; e o terreno, por ser estreito, não facilitava a passagem constante de uma zona para outra. Sair de nossas zonas significava cair em outras zonas de operações do inimigo, num momento em que o exército tinha condições para poder manter campanhas de até 30 ou 40 dias de duração.

Há dois pontos do território sobre os quais a FMNL teve controle e depois o perdeu: o Morro de Conchagua e a frente de Cabañas. No caso de Conchagua foram as características do terreno, a falta de trabalho político na população e a proximidade do porto de La Unión, que nos impediram de conservar essa posição. No caso de Cabañas, este ponto se perdeu pela inexistência de uma base social que nos apoiasse. Ambas as frentes acabaram reduzidas a pequenas unidades com alguma mobilidade. Foi a defesa de posições que permitiu transformar Morazán e Chalatenango no que são, que permitiu que Guazapa sobrevivesse a 30 km da capital. Sem a defesa de posições o mais provável é que o inimigo ocupasse determinadas posições nossas, obrigrando-nos a cair em outros terrenos mais desvantajosos, mais difíceis. E teria sido bastante difícil manter as 7 concentrações estratégicas da FMLN. No caso de San Agustín, que é uma zona plana com alguns morros perto, apesar de que o terreno não é o melhor, não é ótimo, o enorme apoio das massas com que se conta nesse momento é que possibilita que essa frente sobreviva, quase que milagrosamente. Se Guazapa, a poucos km da capital é uma demonstração das particularidades da guerra em El Salvador, o fenômeno de San Agustín é outro fenômeno importante. Trata-se de um terreno plano, cheio de plantações de algodão, onde não há maior possibilidade de nos proteger e, apesar dessas condições, à uma hora e poucos minutos de uma estrada estratégica, se mantém outra frente, que consegue sobreviver pelo apoio de massas que tem.

Resumindo, então, a defesa de posições teve um papel fundamental nessa etapa da guerra.

O fracasso do inimigo na tentativa de ocupar a Rádio Venceremos

Seis meses depois da ofensiva de janeiro, exatamente no fim de julho e início de agosto, o movimento revolucionário consegue, com base na experiência militar, que havia acumulado em toda a etapa de resistência, dar os primeiros saltos de qualidade tomar as primeiras iniciativas no terreno militar. Sai, assim, da etapa na qual tudo era definido a partir do que o exército fazia, das ofensivas que ele montava. Consegue, além disso, ocupar pela primeira vez uma posição militar inimiga, render suas forças, fazer prisioneiros, capturar armas, realizar uma emboscada importante, e, mais tarde, consegue resistir com bastante segurança a toda a resposta que o exército lança contra o ponto onde, fundamentalmente se iniciou esta campanha, no próprio estado de Morazán, na povoação de Perquín. Perquín é uma elevação estratégica no estado. Sua importância é militar, não política. Quem domina essa posição domina praticamente todo o norte do estado, e isso permite à FMLN fazer a ligação entre as posições mais importantes nessa zona de controle. O que o exército buscava era mantê-las isoladas.

MH. Poderia me explicar como foi essa campanha? Quais os objetivos que ela tinha?

JV. Pela primeira vez nosso objetivo era aniquilar as forças vivas do inimigo. Até esse momento tínhamos conseguido manter um nível de desgaste, um nível de fustigamento, e nesta campanha pretendíamos realizar uma ação na qual recuperaríamos armas, faríamos prisioneiros... E isso se conseguiu. Conseguiu-se com a combinação, por um lado, de uma operação principal realizada no estado de Morazán, com a conquista da população de Perquín, e emboscadas de aniquilamento nas estradas de aproximação.

MH. Que balanço você faz dessa campanha?

JV. Bom, eu acredito que talvez seja mais importante fazer um balanço mais geral, desta e outras campanhas, porque os erros que se cometeram vão aparecer constantemente e talvez seja melhor enfocá-los de maneira global.

Depois desta campanha foi possível ir mantendo, de alguma maneira, iniciativas de alguma importância. E no período que vai de agosto a dezembro, se aproveita a experiência e se formam novas forças, até chegar em dezembro, quando o exército, novamente preocupado pela existência da Rádio Venceremos em Morazán, lança uma das maiores operações que tinha lançado até este momento, mas com mudanças importantes na tática, tratando de conseguir um avanço em profundidade em nossa zona de controle que lhe permitisse chegar rapidamente aonde estava a Rádio. Pequenas unidades desembarcaram fundamentalmente pelo norte do estado, zona onde nós tínhamos pouca defesa. No início a operação teve êxito, já que desarticularam a defesa de frente e obrigaram-nos a realizar movimentos não muito coordenados.

Pode-se dizer que eles lançaram essa operação depois de fazer um balanço e uma boa análise de nossa tática de defesa de posições, tratando de quebrar o esquema que era utilizado por

nós. Dão grande mobilidade às suas unidades, colocam duas armas de apoio para cada esquadrão para dar capacidade de assaltar posições, de ir desocupando as nossas trincheiras, e atuam com grandes concentrações de forças na periferia, ocupando as possíveis zonas de retaguarda nossas. Conseguem capturar um transmissor de nossa rádio em uma emboscada. Eles disseram que haviam ocupado toda a Rádio, que inclusive haviam feito prisioneiros até os locutores. Isso era falso e caíram no ridículo. E aprova foi que depois de 20 dias a Rádio funcionava de novo.

O tempo em que a Rádio deixou de funcionar chegou a ser para o exército um grande êxito, mas de curta duração. O exército conseguiu também recolocar forças em La Guacamaya, recuperando a posição que havia perdido em julho e agosto. Obrigou a concentração de forças da FMLN e deslocar-se e estar em constante movimento, ao tentar cercá-la. Foi um momento difícil, mas foi possível contorná-lo, e as massas organizadas atuaram junto com a força militar. O exército, ao ver seu golpe cair no vazio, realiza um dos maiores massacres da população civil, assassinando mais de mil pessoas em El Mozote e outros povoados, e para isso utiliza as tropas do Batalhão Atlacatl, treinadas por assessores norte-americanos. Mas, em seguida, quando o exército entra em esgotamento, nossas forças tomam novamente a iniciativa. Isto já quase no final de dezembro, mais ou menos... Cercam a posição de La Guacamaya e logo conseguem aniquilar a posição inimiga. Inclusive morre aí um tenente dos que haviam ficado responsáveis pela posição. Recupera-se La Guacamaya e a Rádio sai do ar. Isto constitui uma grande vitória, diferentemente de julho e agosto, pois não somente se toma a iniciativa, mas se logra também a derrota total da ofensiva inimiga. Fracassa uma das maiores operações que se havia lançado contra a zona. Ou seja, esse é outro momento importante, é o momento no qual nós passamos a tomar uma iniciativa no terreno das próprias ofensivas que o inimigo nos preparava.

Nova tática frente às eleições de março de 1982

A etapa seguinte vai de dezembro a março, e consiste em realizar diversas pressões sobre as áreas urbanas, acompanhadas constantes de golpes de aniquilamento a posições menores do inimigo em Morazán e Chalatenango, nas quais se consegue uma importante recuperação de armas. A atuação da FMLN neste período está determinada pelo contexto político da campanha eleitoral. Teria sido um grande erro se o movimento revolucionário tivesse considerado superficialmente o planejamento eleitoral do inimigo, ou não o tivesse tomado em conta, já que isso definia, de alguma maneira, qual iria ser o comportamento das massas, o comportamento do resto das forças políticas internas e, outro aspecto importante, o comportamento de quase todas as forças internacionais que têm algum peso interno em El Salvador.

Estes fatores determinaram também os planejamentos militares que tínhamos que adotar. O processo de atividade militar que vai de dezembro a março está caracterizado exatamente pelo conteúdo político das ações, pela necessidade de pressionar as áreas urbanas, por grandes ações, como foi a do aeroporto, que procuravam desmoralizar o exército e elevar o nível combativo das massas. Nesse período se realizam incursões à capital, à Santa Ana, Usulután, San Vicente, San Miguel, praticamente a todas as principais cidades do país. O ataque à base aérea de Ilopango se realizou a 27 de janeiro de 1982, através de uma operação de comando que conseguiu destruir 70% dos recursos aéreos do exército salvadorenho. Esta ação preocupou o exército e provocou a aceleração da ajuda norte-americana em meios e recursos econômicos para que o exército pudesse refazer-se desse golpe.

Dentro dessa situação de pressões nas áreas urbanas é que se chega à ofensiva militar de março da FMLN. Em torno desta questão há, no entanto, um debate longo a ser feito. Eu o considero, globalmente, como um acerto político e militar. Agora, entrar nos detalhes, determinar se as conquistas parciais foram maiores ou menores do que poderiam ter sido, já é outra coisa. Em torno disso, sim, é possível discutir para determinar se o movimento revolucionário foi capaz nesse momento de imprimir-lhe àquela conjuntura toda a força que era capaz de mover e que o momento exigia, ou se por razões de sua tática militar, ou de seu insuficiente empenho político, isto não aconteceu. Aqui temos que ter em conta também os próprios problemas da unidade: como se elaborou o plano, quem defendia uma tese, quem defendia outra. Todos esses elementos se conjugam. Não tínhamos, todas as forças, uma mesma avaliação política daquela conjuntura.

Deixemos por enquanto de lado estes problemas e falemos das ações de 28 de março. Para que esta data se convertesse no início de uma debandada no interior do inimigo, necessitava-se de uma ação de conteúdo estratégico do movimento revolucionário e uma utilização audaciosa de sua força. Não a utilização de 10 ou 15%, mas a utilização de 100% de suas forças. Sem chegar a transformar aquilo em uma batalha final para nós, tinha que haver uma batalha estratégica pelo menos enfraquecesse o resultado eleitoral.

MH. Em que consistiu, no fundamental, o plano de março?

JV. Fundamentalmente, em tratar de conseguir uma vitória militar em um ponto do país que fosse capaz de desencadear um movimento insurrecional nesse ponto e, se possível, daí espalhá-lo a outras regiões. Isto podia levar a dois resultados: primeiro, que o movimento revolucionário resgastasse para si o fator massas urbanas, e assim pudesse continuar avançando com uma linha insurrecional como um elemento acelerador da guerra; segundo, que se desse uma conjuntura de decomposição, de deterioramento do inimigo, que pudesse derivar em uma ofensiva de características finais, ainda que, segundo nossos cálculos, isso fosse o mais improvável. O mais importante era tratar de dinamizar o movimento de massas urbano através de uma ação vitoriosa, cuja característica fundamental deveria ser militar. Ou seja, não partir de que as massas se levantassem desde o primeiro momento, como era o esquema de 10 de janeiro, mas partir de ações militares que, por seu acerto e precisão, conseguissem dar um forte impulso às massas. E se isto não acontecesse, nosso plano era procurar complicar ao máximo o desenvolvimento das eleições, e isto se conseguiu bem. Seus resultados foram se fazendo sentir com o correr dos dias.

MH. Com que objetivo se escolheu a zona onde se iria concentrar o esforço político-militar?

JV. Eu acredito que a zona escolhida explica claramente o plano. No oriente do país poderiam ser escolhidas outras zonas, mas se escolheu Usulután pelas seguintes razões: primeiro a debilidade da guarnição do exército, de 300 ou 400 efetivos que podiam chegar a render-se desde que os mantivessemos cercados durante vários dias. Em segundo lugar, a frente que ali existia tinha a possibilidade de exercer pressão sobre a cidade, controlar suas vias de acesso. Em terceiro lugar, é o lugar na parte oriental onde as massas da cidade tem o mais alto nível de politização, a maior tradição histórica de luta; portanto, era mais fácil que participassem de ações insurrecionais. Em quarto lugar, era possível concentrar nesse ponto uma boa quantidade de forças por parte da FMLN. E era possível que o resto das frentes lhe dessem uma cooperação militar importante, controlando as vias de acesso. E, por último, nessa frente estavam as forças com maior experiência no combate urbano dadas as constantes incursões que haviam realizado anteriormente às cidades.

O objetivo militar fundamental de uma primeira etapa não era conseguir a insurreição em Usulután, mas garantir o isola-

mento da parte oriental do país, e dessa cidade especificamente, para possibilitar um assédio prolongado ao quartel, que começasse baseado em nossas forças militares, para em seguida, fortalecer-se com uma crescente participação das massas, generalizando desta maneira os combates nessa cidade.

Partíamos da análise de que um desmoronamento estratégico em uma das guarnições mais importantes do exército provocaria seu enfraquecimento geral.

MH. Ou seja, o plano dependia em grande medida da capacidade que se tivesse para não deixar passar os reforços...

JV. Sem dúvida, sem isso o plano estava perdido e disso estávamos certos. Mas, o que ocorreu? A primeira meta do plano foi alcançada: participaram centenas de pessoas nas ações de Usulatán, mantivemos a cidade ocupada pelo período de mais de uma semana; mantivemos posições a poucos metros do quartel do exército e provocamos uma desarticulação de toda a zona oriental do país o que impediu as eleições praticamente em 4 estados, Usulután, San Miguel, Morazán, e La Unión. Todavia, não conseguimos atingir nosso objetivo fundamental, que era ocupar o quartel de Usulután através de um assédio prolongado. Por dias! Depois das eleições, o exército conseguiu recuperar a cidade. Se os reforços não tivessem chegado, em mais 4 ou 5 dias de cerco teríamos rendido a guarnição, produzindo uma importante mudança na correlação de forças na parte oriental do país. Já tínhamos ocupado 3/4 da cidade. Estávamos combatendo a 100 metros do quartel e já havíamos começado a fazer disparos de artilharia contra suas posições principais. Mais de 500 pessoas tinham começado a se incorporar à luta.

MH. Por que falhou essa parte do plano?

JV. Porque os reforços do inimigo conseguiram chegar à cidade e mudar a correlação de forças. Em primeiro lugar, as rotas estratégicas de aproximação ficaram livres e permitiram ao inimigo mobilizar forças importantes na parte oriental do país. E em segundo lugar, as nossas forças que estavam em Usulután esforçaram-se mais em desagregar o inimigo interno, do que em controlar os reforços. Pôs-se um cuidado maior no plano de cerco e se valorizou menos o plano de combate nas vias de acesso de aproximação fácil do inimigo: a maior quantidade de força, os melhores homens, e comandos foram destinados ao cerco, concentrando alí o maior poder de fogo. Por outra parte, as forças destinadas às vias de acesso não só eram menores, mas também estavam distribuídas de forma dispersa, o que dificultava dar um golpe forte no inimigo para obrigá-lo a deter-se ou aniquilar suas forças.

Estes erros ou debilidades da FMLN, eram conhecidas pelo exército inimigo. Por isso, para nos derrubar em Usulután, ele não só se empenhava em penetrar imediatamente com suas forças, como tornava parte fundamental de sua manobra uma disposição estratégica de cerco a toda a cidade. Nós deveríamos ter realizado a operação e, contudo, permitimos ao inimigo fazê-lo porque nossas forças estavam, em sua maior parte, concentradas no interior da cidade.

MH. O plano de março não previa ações na Capital?

JV. Sem dúvida. Sabíamos que o inimigo ia concentrar suas forças ali para dar a imagem de um país que é capaz de realizar eleições. Por isso, planejamos que as eleições se dariam num contexto de combates urbanos. Pretendíamos entrar em San Salvador dia 27 à noite, para tentar permanecer combatendo na cidade durante o dia das eleições, 28 de março, o maior tempo possível. Não sabíamos se íamos conseguir. Obviamente, o exército ocupou a cidade de San Salvador, enviou suas forças especiais para lá e colocou fortes linhas de defesa para impedir que nossas forças penetrassem. No entanto, conseguimos romper o cerco defensivo do exército, entramos na cidade e lá combatemos durante mais ou menos 8 horas em alguns lugares mais, em outros menos, e nos retiramos sem ter maiores dificuldades. Mas não pudemos permanecer lá durante todo o tempo.

As ações de 28 de março deixaram o projeto eleitoral em crise, embora o governo, que controla os meios de comunicações, conseguisse dar, nos dias imediatamente posteriores, uma imagem diferente. Porque de fato houve eleições nos vários estados do país e isso lhe serviu politicamente, especialmente nos primeiros momentos de sua propaganda internacional.

Mas, com a vitória da ARENA, o partido da direita, e o aparente êxito das eleições, o exército caiu em apreciações subjetivas que o conduziram a erros que custaram caro. Achando que o movimento guerrilheiro havia saído enfraquecido do processo eleitoral, o exército deu mais importância a seus conflitos internos. Por outro lado, não imaginou jamais o significativo avanço que a FMLN teria na campanha de junho. Por todas essas razões nós não consideramos a batalha de março uma derrota. Simplesmente não alcançamos as metas estratégicas que visávamos, mas isso ocorreu não porque nossa avaliação da conjuntura estivesse errada, mas porque cometemos importantes erros táticos na realização dos planos.

Por outro lado, logo depois dessas ações do dia 28, e em parte como resultado delas, que constituem toda uma aprendizagem importante de experiências para o movimento revolucionário, o inimigo entrou num processo de contradições políticas muito sérias, entrou no mais grave período de contradições de toda a história do processo.

A campanha de junho: Começo da derrota do exército

Depois que o inimigo nos considerou derrotados ao retomar Usulután, veio a nossa resposta em junho: etapa em que se produziu uma mudança estratégica determinante.

Aí começa a derrota do exército salvadorenho e um processo incontrolável até a vitória do movimento revolucionário. Começamos a demonstrar ao mundo que podemos ganhar a guerra. Terminado o processo eleitoral, nossa resposta ao inimigo não estava mais submetida à necessidade de dar uma resposta política a uma dada conjuntura que havia subordinado. nossa ação militar a essa finalidade política. Nosso problema fundamental passou a ser então: como destruir militarmente o exército?

Foi nos imposto, de fato, alcançar a maturidade do ponto de vista militar. A tática a empregar para vencer o exército, passou a ser o problema principal, passou a ser necessário conseguir uma maior eficácia no terreno militar: passar da defesa de posições à guerra de movimento, passar da dispersão à concentração de forças.

E feito, então, um balanço das experiências anteriores. Utilizou-se um critério mais militar na elaboração dos planos. O sigilo absoluto desses planos passou a ser uma necessidade fundamental. Nos planos insurrecionais anteriores, havia discussão em diversos níveis, o próprio conteúdo de massas e a necessária propaganda anterior que isso exigia, que punham em alerta o inimigo. Agora, o fator surpresa passa a ser um elemento indispensável. É eliminada a discussão detalhada dos planos militares e especialmente a sua base política. Cada força deve empenhar-se em conseguir os melhores resultados para ela porque isso contribuirá para um avanço do movimento revolucionário em geral.

Outro elemento fundamental para fazer mais efetivas nossas operações foi a necessidade de concentrar nossas forças e dar especial importância do ataque ao inimigo em movimento.

A campanha Comandante Gonzalo — que leva o nome de um dos quadros mais importantes que caiu em Usulután, o 2º no comando de toda a operação, sub-chefe da Frente Sul e fundador das forças da frente sudeste — consistia em cercar uma posição inimiga para obrigar o exército a dispersar-se, e atacar os reforços em movimento.

MH. Poderia explicar como se realizou, na prática, esse plano?

JV. Cercamos Perqüin, uma das posições mais importantes do ponto de vista do terreno, no estado de Morazán. Era uma posição menor, tinha mais ou menos 50 efetivos militares e um pequeno quartel. Mas, nosso objetivo não era esta posição, mas, sim, o ataque aos reforços que supunhamos que o exército enviaria, já que esse é o ponto mais importante no norte do país, e de grande utilidade para a comunicação com Honduras.

De fato, o exército enviou, por via aérea, duas companhias à posição de San Fernando que está próxima ao lado ocidental de Perquín, a aproximadamente uns 10 km. Além disso, ordenou a retirada do pequeno quartel de Perquín para em seguida tentar reconquistar a posição. Uma parte das forças do quartel conseguiu fugir, outros cairam prisioneiros e o povoado foi ocupado por nossas forças.

Naquele momento, nosso plano erá diferente dos anteriores — e é aqui que se expressa claramente o salto de qualidade na tática: já não nos interessava manter Perquín ou não. É claro que mantivemos o controle da população, mas, para avançar em nossa idéia principal, demos maior importância ao cerco do reforço inimigo, os 250 soldados que estavam acampados, nesse momento, em San Fernando.

Isto provocou um novo movimento do exército, o deslocamento de 3 companhias de Torola para sudoeste de San Fernando. Esta era a oportunidade que nós buscávamos. O inimigo caiu na armadilha. Desde que elaboramos o plano, nós sabíamos que uma emboscada tradicional dificilmente iria dar certo, porque o exército conhecia nosso comportamento, sabia que fazíamos emboscadas de fustigamento, sabia que púnhamos obstáculos, etc... e evidentemente seus planos eram ocupar as regiões mais altas, ou seja, dominar as posições estratégicas, para poder avançar pelas vias de acesso sem ter problemas.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Mas nós também nos preparamos para isso, executando manobras que nos permitissem atacar o inimigo em movimento, cercando-o no decorrer da marcha. No fundo, o princípio da emboscada se mantinha. O problema fundamental era conseguir destruir uma importante unidade do exército em movimento. Essa era nossa idéia. Como seria possível conseguir isto? Isto seria determinado pelo terreno e pelo comportamento que o inimigo adotasse.

Quando dizemos que manobramos, referimo-nos à construção da emboscada no decorrer do próprio deslocamento, ou seja, uma idéia mais dinâmica, mais apropriada à guerra de movimento. E é exatamente isso o que mais resultados nos tem dado, porque o exército já não se move mais tradicionalmente; além disso, as pequenas extensões em que tem que se movimentar, permite fazê-lo a pé, flanquear, ou seja, não avançar só por estrada, mas buscar outras rotas de aproximação do objetivo, conquistar as elevações mais próximas, etc.

Toda essa série de elementos têm que ser considerados por nossas forças. Então o que nós temos que fazer? Bom, ir manobrando no deslocamento para fazer um cerco à tropa que vai se movimentando, colocando-a em uma situação desvantajosa, até que finalmente caía em uma emboscada. O que foi realmente que se passou na movimentação que fez o exército, com 3 companhias, desde Torola, para tentar salvar os 250 soldados que estavam cercados em San Fernando? O exército avançou a pé, em 1º lugar, e não avançou somente pela estrada principal de aproximação: ao nos identificar, fez o contorno por uma ravina, em um ponto baixo do terreno. E aí nossas tropas foram capazes de identificá-lo, cercá-lo e aniquilá-lo. Quando se está numa situação desse tipo é perigosíssimo ocupar uma posição baixa do terreno.

Bem, isso foi resultado de toda a dificuldade que estavam tendo na tentativa de avançar para alcançar seu objetivo por diferentes vias de acesso, não podiam avançar pela estrada principal que é a que vem de Gotera... todos esses elementos influenciam o plano, mas tornaram mais complexa a ação de aniquilamento. Os resultados desta ação foram 43 prisioneiros, mais de 80 mortos, mais de 170 fuzis capturados, 12 armas de apoio que incluíam peças de artilharia ligeira e milhares de cartuchos.

E na fase final tivemos uma importante vitória política e militar: derrubamos o helicóptero em que viajava o vice-ministro da defesa, no momento em que ele tentava chegar a San Fernando para levantar o moral das forças que estavam alí cercadas. Vários dias depois, unidades da FMNL aprisionaram o vice-ministro, que tentava escapar para Honduras.

Esta grave derrota levou o exército a decidir empregar uma enorme quantidade de efetivos numa contra-ofensiva. Concentrou mais de 6 mil homens, em Morazán mas o único resultado foi o desgaste de suas forças e a derrota do Batalhão Belloso, treinado nos EUA. Para fazer frente a esta contra-ofensiva utilizamos uma nova modalidade de atuação que se aplicou em todas as frentes: a sabotagem generalizada do transporte de todo tipo, nas vias de acesso. Decidimos não permitir a circulação de veículos pela estrada, e começamos a paralisar o transporte. Isso constitui-se num enorme golpe à economia que, junto com o desgaste que o exército sofria em Morazán, obrigou-se a retirar-se da zona. O exército teve que aceitar o golpe sem ter feito nada contra nós. Teve de retirar-se sem cumprir seu objetivo de resgatar o vice-ministro da Defesa que havia sido aprisionado quando derrubamos o helicóptero em que viajava. Os hondurenhos acabaram não podendo fazer muita coisa, e com uma forte denúncia contra sua atuação.

Uma mudança de qualidade

O novo planejamento militar que se utilizou na parte final da campanha, quase em julho, a sabotagem nas estradas, a sabotagem a todo tipo de transporte: comercial, nacional, de combustíveis, etc... já em sua forma mais acabada apareceu também como uma forma de atacar o inimigo em movimento. O exército se via obrigado a mover-se para liberar os caminhos e então, generalizamos as emboscadas de fustigamento, que nesta campanha ainda não tiveram uma grande importância, mas na seguinte, na que estamos atualmente, em outubro, aparecem como uma modalidade fundamental. A sabotagem ao transporte adquiriu uma importância estratégica: o fechamento, o bloqueio constante das estradas e a emboscada de fustigamento sobre as movimentações do inimigo, que saía para patrulhar as estradas, procurando manter vazias as estradas para permitir o transporte de mercadorias e insumos necessários para o cultivo de algodão, café e outros produtos, se transformaram numa parte fundamental de nossos planos. O exército começou a sofrer golpes em sua tentativa de desimpedir as estradas. Esta nova modalidade que obrigava o exército a movimentar-se, e nos permitia atacá-lo no momento em que tinha suas defesas mais desprotegidas, tornou-se uma lei para o movimento revolucionário, transformou-se numa mudança de qualidade. O exército se vê obrigado a ter que ceder terreno, mas isto já seria falar das primeiras manifestações que tem a campanha de outubro.

MH. Adotavam medidas imediatas ou faziam antes uma campanha de propaganda anunciando que essas estradas não podiam ser utilizadas?

JV. Fazia-se um trabalho de divulgação da medida, como uma forma de demonstrar força por parte do movimento revolucionário. Era uma decisão que devia ser cumprida por todo mundo. Isto tem em si uma conseqüência política: o fato de demonstrar que o exército não é capaz de controlar o território e que o movimento revolucionário tem um peso fundamental no controle da situação. A medida também procura evitar prejuízos a parte da população que tenha, por necessidade, que movimentar-se.

MH. Os civis respeitaram esta medida ou houve pessoas que saíram com seus caminhões pela estrada?

JV. Não, a medida foi respeitada. Ou seja, foi uma prova da força que havíamos conseguido acumular em todo esse período. É uma prova real.

MH. Os únicos que utilizaram a estrada foram os militares?

JV. Os militares e, bem, nos primeiros dias se moveu um ou outro veículo comercial, mas como a nossa capacidade de atuar nas estradas é real, não é fictícia, bastaram uns poucos golpes para conseguirmos a paralisação de fato. Ou seja, não houve necessidade inclusive de fazer uma grande quantidade de sabotagens para que aquilo fosse respeitado. Podemos considerar que as duas estradas principais do país, a Panamericana e a Litoral, na via de acesso a San Salvador, pelo Oriente e norte do país, foram paralisadas em uns 75%; e o trânsito pela parte ocidental foi diminuído por algumas ações, ainda que seu efeito tenha sido muito menor. Esta é uma zona onde o movimento revolucionário não conta com tanta força para exercer pressão sobre as estradas. Nas pelo oriente e pelo norte, até Chalatenango houve praticamente uma paralisação do transporte. Já na campanha seguinte, isto aparece com muito maior força. O próprio inimigo considerou isto como uma prova de força.

MH. Depois da campanha de junho, o que aconteceu?

JV. A campanha Comandante Gonzalo teve, continuidade nas operações que se desenvolvem em agosto; ou seja, é praticamente um plano contínuo cuja intensidade diminuiu, sem dúvida, mas que dura três meses: junho, julho e agosto. Em seguida, há uma interrupção durante setembro e nos dez primeiros dias de outubro, quando começa nossa campanha seguinte. Até nisto se vê uma manifestação do avanço do movimento revolucionário: agora conseguimos tomar iniciativas e passar à ofensiva de maneira muito mais rápida do que nas etapas anteriores.

As operações de agosto tiveram uma grande importância, porque mostraram incapacidade do exército de mobilizar-se. Esse foi o papel que tiveram a emboscada na estrada até Ciudad Barios, a ocupação da povoação de Yamabal e a ocupação da fazenda San Carlos, no vulcão Cacahuatique que, em conjunto representam a perda de mais de uma companhia do exército: en-

CEDEM

tre prisioneiros, mortos, feridos e armas capturadas.

MH. Antes de entrar na etapa atual da guerra, poderia fazer um balanço das primeiras conquistas da campanha de junho?

JV. As ações da campanha de junho alcançaram seu auge com a captura do vice-ministro da defesa, a desarticulação de duas companhias do exército, a recuperação de quase 200 armas numa única frente, em Morazán, a retirada forçada de 250 soldados que estavam próximos do território hondurenho e a participação de quase seis mil efetivos de tropas salvadorenhas e três mil hondurenhos numa operação contra uma só frente sem conseguir o mínimo resultado; não conseguiram nos tirar de nossas posições e deixaram ao exército mais de 500 baixas e dezenas de prisioneiros. E o principal é que conseguimos demonstrar o que pretendíamos: que podíamos ganhar a guerra, e ganhá-la militarmente. Esse foi o objetivo com o qual se planejou a campanha de junho.

Pois bem, isso foi possível devido a uma mudança na tática usada. O movimento revolucionário conseguiu passar da defesa de posições à guerra de movimentos. O controle das vias de acesso surge agora como o elemento fundamental de sua tática militar.

Isto acaba com todos os esquemas do exército, e acontece num momento em que ele começa a se enfraquecer. Por outro lado, esta mudança de tática significa para o movimento revolucionário a abertura de uma via permanente de abastecimento logístico, através da recuperação de armas.

Ao analisar os resultados estatísticos da guerra, de janeiro de 1981 até agora em que foram recuperados aproximadamente mil armas de guerra, a maior porcentagem de captura dessas armas concentra-se entre junho e outubro. Somente na campanha de junho-julho-agosto, em Morazán, recuperamos mais de 300 armas de guerra. Do ponto de vista militar, derrotar um exército é capturar-lhe armas e fazer prisioneiros, porque somente provocar baixas é desgastá-lo, já que ele pode manter-se em pé e conservar suas unidades estruturais ainda que sofra um desgaste quantitativo.

Por outro lado, o movimento revolucionário sofria mais baixas nas ações de fustigamento, na tentativa de ocupar posições, que numa tática de movimento.

MH. Sofria baixas e gastava muita munição?

JV. Sim, gastava grandes quantidades de munição. Claro que o fustigamento pode ter uma grande importância política e militar em determinadas conjunturas. Mas, evidentemente não deixa nenhum resultado logístico.

Nessa campanha, o movimento revolucionário ganhou em logística, e com muitíssimo menos baixas que em qualquer combate anterior. E isso é uma mudança fundamental. Inclusive as nossas baixas, que foram muito menores que antes, não as sofremos, fundamentalmente, como resultado do combate direto contra o inimigo. Porque na maior parte dos combates nós tínhamos posições vantajosas, mas porque tínhamos que fazer manobras. As manobras não permitem fazer o trabalho de engenharia, e assim as peças de artilharia do inimigo, os meios aéreos, os helicópteros, os aviões tinham mais efetividade. Esses são os motivos de nossas baixas. Quando conseguimos fazer fortificações, podemos diminuir essa porcentagem de baixas.

Rumo ao colapso moral do exército

MH. Qual o objetivo da atual campanha iniciada em outubro?

JV. Na campanha anterior nos propusemos provar que podíamos ganhar a guerra, agora pretendemos levar o exército a um ponto de colapso moral. Para ganhar de um exército não é necessário aniquilar todos os seus homens, nem tirar-lhes todas as suas armas. Basta provocar seu colapso moral.

Como conseguir isto? No nosso caso, procurando aprofundar as três linhas da campanha anterior: 1º, ações de aniquilamento estratégico nos pontos do território onde isto seja possível; 2º, desastabilização nacional do país através da sabotagem, fundamentalmente do transporte nas estradas, da energia elétrica, do sistema de comunicações telefônicas e do combustível; 3º, emboscadas de fustigamento e ações menores de aniquilamento. Aprofundando essas linhas, usando melhor todas as forças e aproveitando o alto moral combativo e o grande esforço que todas as nossas frentes estão fazendo para desenvolver-se, estamos avançando para provocar um colapso moral do exército inimigo. Isto já começou a dar resultados: as ações de aniquilamento estratégico se produzem em duas frentes, em Chalatenango e em Morazán.

Em 2º lugar, a ação de desestabilização se iniciou com o próprio plano, e já como parte de uma idéia ofensiva. Em 10 de outubro começaram as ações em Chalatenango; no dia 10 em Morazán, e dia 14 começou o plano nacional de sabotagem.

Em 3º lugar, as emboscadas de fustigamento constantes nas estradas, e os aniquilamentos menores, se multiplicaram desde o começo. Poucos dias depois das duas grandes operações, ocorreu a operação de San Vicente, uma emboscada na qual se recuperaram 10 armas; e em Cabañas se tomou uma posição menor, de onde se recuperam 14 armas. Há 38 dias a ofensiva avança sem que tenha havido uma baixa sensível na qualidade e quantidade das operações, e demos 3 importantes golpes no exército: o de El Jícaro-Las Vueltas, em Chalatenango, e os de Perquín e Corinto em Morazán, com a perda de 3 companhias.

Até agora, em um mês, fizemos 210 prisioneiros, mais de 200 mortos, 343 feridos e capturamos 422 fuzís e 25 armas de apoio, que incluem 2 morteiros pesados calibre 120mm, e mais de 100 mil cartuchos de diferentes calibres; derrubamos um helicóptero, destruimos um pequeno tanque e mais de 12 caminhões militares, e realizamos importantes ações em Guazapa, onde também capturamos armas e munições a poucos Km da Capital. As emboscadas nas estradas estratégicas são numerosas. A captura de armas e prisioneiros já é uma constante para o movimento revolucionário. A parte oriental do país está praticamente paralisada economicamente, desde o início da campanha; não há transporte, não há energia elétrica, há uma grande falta de combustível porque foram destruídos mais de 1 dúzia de caminhões cisternal. Que tentavam levar combustível à parte oriental; a água está racionada e a estrada de ferro está paralisada pela destruição de pontes e locomotivas. Tudo isso ameaça a colheita de algodão e café.

Na zona central, são 4 os estados mais afetados pelo corte de energia: San Vicente, Cabañas, Cuscatlán e Chalatenango. A estrada Tronco do norte se encontra também interrompida pela sabotagem constante.

Na capital as sabotagens são constantes e têm provocado a diminuição do serviço de transporte urbano; a energia está dimuída em 50% e, às vezes, é interrompida totalmente. Todos os postos estratégicos de energia têm sido sabotados. Milhares de linhas telefônicas da capital estão sem funcionar por causa da sabotagem.

No ocidente do país, temos conseguido a paralisação parcial do transporte com a destruição de furgões, ônibus e caminhões carregados de café; a energia elétrica começa a faltar também aí. O transporte comercial vindo da Guatemala está interrompido por causa da sabotagem.

O exército definitivamente dá-se conta de que não pode controlar o território nacional, que tem que ceder terreno e utilizar as forças para cuidar de sua área estatégicas. Não lhe resta nenhuma outra possibilidade. E mais, no

próprio desenrolar da campanha são realizadas operações que demonstram que ao exército que ele deve defender seus centros estratégicos. Uma destas operações foi o ataque à refinaria de petróleo na zona supostamente mais segura para o inimigo: a zona ocidental, onde o movimento revolucionário, como resultado do terror, se havia visto forçado a diminuir sua atividade.

A refinaria foi atacada por vários foquetes RPG-2 de fabricação chinesa, produzindo-se "prejuízos consideráveis" segundo o próprio governo, obrigando a baixar o nível de produção e distribuição de combustível da refinaria ao resto do país.

Este ataque, a ação sobre as estradas e a sabotagem na capital, obrigaram o exército a usar melhor suas forças. As unidades de elite são enviadas para controlar as estradas, enquanto o exército vai perdendo uma após outra suas posições nas zonas de retaguarda. A esta altura, já ocupamos militarmente seis povoados em Morazán e três em Chalatenango; e os povoados abandonados por eles são muitos mais, chegando a 19. Isto deixa ao movimento revolucionário uma grande quantidade de terreno, o que constitui uma de suas principais conquistas.

Outro elemento é a desmoralização do exército. Isto se reflete em duas coisas: por um lado há mais prisioneiros que mortos e feridos da parte do exército. As tropas têm já uma tendência muito grande para render-se; preferem não combater, para salvar a vida, o que confirma a idéia de buscar o colapso moral. Outra prova de sua desmoralização é que não querem movimentar-se. A não movimentação não só é resultado de um planejamento militar defensivo, mas também reflete a desmoralização, medo de que as tropas possam ser desarticuladas ou aniquiladas. Outro elemento que reflete também uma crise moral dentro do exército é que se começa a falar de maneira mais constante de operações que não existem, ou melhor, de operações que não têm nenhum valor militar, porque se trata de ações feitas contra a população civil, como uma política contra pessoas que podiam chegar a fazer parte de nossas forças. Mas isto já tem um efeito limitado porque nossas unidades vão avançando cada vez mais e eles vão cendendo um terreno que tem grande importância estratégica para nós.

É somente depois de 30 dias no começo da ofensiva da FMLN, e como resultado dos efeitos negativos pela perda de terreno, que o exército concentra forças e lança uma contra-ofensiva sobre as nossas posições em Chalatenango, com cooperação de forças do exército hondurenho.

Os custos desta contra-ofensiva vão ser muito altos não só do ponto de vista do desgaste que o exército está sofrendo em Chalatenango, como porque nossa atividade ofensiva não tem diminuído e nem vai dimuir; os golpes tem continuado e o exército vai ter que sair de Chalatenango sem nenhum êxito militar. Ao que parece, o principal objetivo de sua ofensiva é recapturar algumas das povoações perdidas, para dar moral a suas forças. Para nós, mais do que conservar terreno, interessa-nos golpear o exército. Mas, de qualquer forma, o exército vai perder terreno nesta nossa campanha porque já não é capaz de conservá-lo e continuar mantendo posições. Em muitos desses lugares, é seguir nos dando objetivos militares.

MH. Poderia dizer na realidade, qual era o plano de outubro em Morazán?

JV. Até agora o plano de outubro não terminou. Nosso plano concreto procurava colocar o exército diante da alternativa: ou nos cedia terreno porque decidia não se mover, e nós continuavámos ocupando posições e estendendo nossa zona de controle; ou se movia, e então nosso plano era conseguir o aniquilamento de unidades maiores.

Que caminho escolhe o exército? No início cede terreno, abandona um território que para nós se transforma na possibilidade de mais área de manobra, de solução do problema de abastecimento. Pois bem, no processo de ocupação das seis povoações e com os resultados da emboscada na estrada de Corinto a Sociedad, em 8 de novembro, em Morazán, aniquilamos e capturamos as armas de duas companhias, e desarticulamos e colocamos fora de combate outras duas. Praticamente, acabamos com um batalhão inimigo por mês. Antes eles podiam manter um amplo cerco em torno de nossas zonas de controle, para impedir a chegada dos abastecimentos, com o objetivo de enfraquecer nossa base social. Agora tudo isso começa a desaparecer ao ampliarmos nossas áreas de operações e zonas de controle.

É muito significativo que agora o exército argumente que as posições perdidas não têm importância, depois de haver feito grandes operações para mantê-las nos dois anos anteriores de guerra.

O problema do terreno no caso de El Salvador é um problema grave para os dois adversários. El Salvador é um país demasiado pequeno para qualquer um se dar ao luxo de perder terreno. Se o exército está perdendo terreno é porque está perdendo a guerra.

Dizer que a zona que está próxima a Honduras não têm importância estratégica é absurdo. Há todo um território controlado pela FMLN ao norte de Morazán e de Chalatenango que dificulta a comunicação com o exército hondurenho. A posição mais perto da fronteira que tem o exército salvadorenho em Morazán neste momento fica a 30 ou 35 km dela. Isto provoca um enfraquecimento, inclusive dos planos de intervenção dos militares hondurenhos.

MH. Como é possível que o inimigo não tenha conseguido destruir a Rádio Venceremos?

Qual o papel que ela desenvolve na guerra e quais são as linhas principias de sua política de informação?

JV. A Rádio Venceremos nasce praticamente com a ofensiva de janeiro de 1981, e depois que o exército reconstrói suas fronteiras, coloca como seu objetivo fundamental, tomar a Rádio. Assim, as operações de março-abril, vão ter esse objetivo. Eu acho que é aqui que se percebe com mais clareza como a defesa de posições se transformou numa vitória político-militar. Porque a defesa de posições surgía da relação com as massas, surgía da estreiteza do terreno, mas também surgiu da necessidade de defender um instrumento político estratégico como foi a Rádio.

A Rádio nos obrigou a fixarnos no terreno, a tentar desgastar o inimigo, e impedir que chegasse; ou que, pelo menos, aos chegar estivesse tão desgastado que tivesse que ir embora da zona, ou pudessemos expulsá-lo.

Parecia uma loucura militar, uma guerrilha fazer defesa de posições; mas o que em verdade estava fazendo era proteger esse instrumento político. E além disso, estava criando uma situação política ao mostrar que o exército precisava de 20 dias para ocupar um pequeno espaço de terreno. Depois, de julho-agosto até finais do ano, a Rádio Venceremos continuou sendo o objetivo fundamental. Em dezembro, em outra operação, o exército conseguiu capturar uma parte do transmissor.

Mas, como a Rádio tinha para nós uma importância estratégica, tínhamos equipamento de reserva em outros locais. E exatamente isso garantiu que a rádio pudesse novamente ir ao ar, de forma quase imediata.

Pois bem, quando o movimento revolucionário começa a tomar iniciativa, a Rádio começa a deixar de ser o objetivo principal do inimigo, que passa a interferir em suas transmissões. E por que? Porque a iniciativa do movimento revolucionário já o coloca frente a outros problemas, que são as ações ofensivas. Neste momento, a Rádio está protegida, não só pelas forças destacadas para defendê-la, mas também pelas ações militares ofensivas que o movimento revolucionário realiza, e que são sua melhor proteção.

Vão se multiplicando as possibilidades de criação de outras rádios, em outras frentes; já há a possibilidade de transmitir em frequência modulada, diretamente para capital; esta vitória obtida após a campanha de junho é quase um luxo: as pessoas podem nos ouvir em um rádio comum todas as noites.

Neste momento, levamos uma batalha contra a interferência transmitindo a programação em duas frequências simultâneas, a onda curta três vezes ao dia e uma vez ao dia em FM para San Salvador. Agora, em relação ao papel que tem desempenhado na guerra, é importante assinalar que um dos instrumentos mais importantes que tem utilizado o exército após janeiro, tem sido o controle da informação nacional e internacional.

O papel da Rádio Venceremos, tem sido exatamente o de romper com o bloqueio informativo, permitindo que exista outra informação.

As agências de imprensa tomam sua palavra como a oficial do movimento revolucionário salvadorenho, e por isso sua importância começa a ser muito maior, ao jogar um papel na batalha contra a intervenção.

A Rádio chega ao exército. O exército é um de nossos melhores ouvintes. Os próprios soldados prisioneiros têm falado disso, e também o soubemos por nossos trabalhos de informação e espionagem no exército. Por que? Porque há um apolítica de desinformação dentro do exército. Os oficiais acreditam mais no que disse a Rádio Venceremos que no que fala Garcia e lhes informa o alto comando.

Por exemplo quando, na campanha de junho, capturamos o coronel Castillo, uma grande quantidade de oficiais desinformados não acreditava que houvesse prisioneiros. Mas, o que acontece? A Rádio Venceremos, dá nomes, localização e provas concretas. Então eles utilizaram suas vias de informação para comprovar isso: onde estão as companhias pertencentes à III Brigada de Infantaria, que foram enviadas como reforço? Que fim tiveram as de Usulután, onde estão esses soldados? E começaram verificar que estávamos dizendo a verdade.

O Papel fundamental dos meios de comunicação militares

MH. Parece que um dos problemas da ofensiva de janeiro foi que não havia possibilidades de comunicação entre as diferentes frentes; que também havia pro-

CEDEM

blemas de comunicação com o comando, etc.

Como vocês conseguiram solucionar o problema de comunicação militar, e que papel desempenham êstes nas possibilidade de levar adiante o processo de ofensiva militar que vocês vem realizando?

JV. Nós consideramos, da maior prioridade o problema das comunicações. Porque a multiplicidade de vias de comunicação em nosso país e a densidade da população nos tiravam o fator surpresa no combate; por outro lado a necessidade de reelaborar os planos enquanto nos deslocávamos fazia com que cada vez mais víssemos como urgente o desenvolvimento dos meios de comunicação militares.

Ao transformar-nos num exército necessitamos recorrer aos meios mais avançados e mais adaptados ao terreno que, nos fossem possíveis, para assim poder realizar o que chamávamos uma manobra.

Por exemplo se íamos, entrar na guerra de movimentos e o exército contava com várias estradas para sua aproximação, alguma delas ía utilizar, mas nós não podíamos estar em todas. Então, a única forma de conseguir a localização que nos permitissem saber em que direção principal eles estavam avançando, para poder executar um operação de aniquilamento que organizávamos no decorrer do processo.

E como atuar contra o tempo sem usar a rádio-comunicação? ... Os correios, tão pouco podem ser usados.

Se nós e o exército, estivessemos , numa grande selva, com poucas vías de acesso, nossas possibilidades de movimento seriam escassas, então nós não teríamos tantos problemas. As opções do inimigo seriam poucas e as nossas também. Mas em nossa atual situação, é imprescíndivel ter resolvido o problema da rádio-comunicação.

É exatamente por isso que os assessores norte-americanos reforçam, em primeiro lugar e em grande quantidade, a rádio-comunicação. Porque eles sabem que o exército ía ter que enfrentar-se com o desenvolvimento da capacidade de manobras do movimento revolucionário e que também iam ter que tomar decisões rápidas durante os deslocamentos.

MH. E a partir de quando vocês tem esse sistema mínimo de comunicação?

JV. Após o 10 de janeiro.

A política frente aos prisioneiros

MH. Você me falava que um dos elementos positivos das últimas duas campanhas é o fato que se tem feito prisioneiros. Isto é consequência de uma mudança política da FMLN?

Porque eu tenho a impressão que no começo o movimento revolucionário salvadorenho procurava geralmente aniquilar ao inimigo; ou seja, seu objetico fundamental não era fazer prisioneiros.

JV. O movimento revolucionário salvadorenho sofreu influências de determinados fatores que explicam algumas mudanças a esse respeito em algumas forças da F.M.L.N.

Mas eu acho que este fato deve ser analisado, não como coisa isolada. é necessário lembrar o efervecente passado de massas do movimento revolucionário salvadorenho, e como dentro do espírito insurreicional surge lógicamente a necessidade de golpear os esbirros, de justiçar os traidores. Isto influi, obviamente, na estruturação inicial do exército revolucionário e fez surgir diferenças dentro da FMLN a respeito da necessidade de fazer prisioneiros.

Em nossa opinião, fazer prisioneiros nos deixaria benefícios em todos os aspectos: não só do ponto de vista militar, mas também do ponto de vista humano, político e social. Desde o ponto de vista militar, por exemplo, fazer prisioneiros, é aprofundar a desmoralização do exército.

MH. Vocês tiveram que lutar contra tendências espontâneas da população para atingir este objetivo?

JV. Foi isso mesmo. Por exemplo, nós enfrentamos situações deste tipo, logo depois da ofensiva de outubro de 1980, em Morazán. Quando nossa força conseguiu recompor-se, sua primeira atitude foi justiçar para-militares. Uma ordem da direção determinou que esses justiçamentos deveria parar, que não se devia tocar nos para-militares, que era necessário chamá-los e explicar claramente nossas concepções, de forma que eles pudessem ver que estavam errados, utilizando assim uma via política para derrotá-los. E de onde saía essa política com respeito a eles? ... Do fato de que 90% dos paramilitares pertencem a famílias camponesas. Ainda que alguns deles possam ser considerados um pouco como fenômenos lumpem entre os camponeses, gente com deformações mentais, etc., a maioria dos componentes da ORDEN (organização para-militar do exército) são camponeses que, pela ignorância, pelas pressões, ou acreditando realmente que estão certos, entram nesta organização.

O mesmo acontece com o exército.

Pois bem, as massas pressiovam para que fossem executados, e se nós nos tivéssemos deixado levar pelo fanatismo, ou pelos sentimentos subjetivos das massas, atuaríamos de forma incorreta.

Não podíamos empenhar-nos numa política de extermínio dessas pessoas, simplesmente porque estavam armados contra nós, ou delatavam as pessoas. Tínhamos que adotar com eles outras formas de luta, que incluíam a luta com mensagens de esclarecimento político, a luta política em si mesma até darlhes tratamento político quando tivéssemos possibilidades de fazê-los prisioneiros.

Para poder derrotar o inimigo estratégico, o exército como estrutura, dominado pelo alto comando facista, é necessário ter inclusive um apolítica dirigida a resgatar parte desse exército.

Esta guerra que dura dois anos, e na qual se dá um enfrentamento de grande envergadura, pode provocar deformações em nosso próprios combatentes. É o que nos possibilita a política de fazer prisioneiros? Possibilita que nossos combatentes aprendam a respeitar o vencido, que tenham um gesto humano; que, na guerra e na vitória, não atuem com a prepotência de um vencedor, incapazes de compreender os problemas que as vezes tem levado os militares a pegar em armas contra nós, o que pode ter ocorrido por ignorância, por erro, etc.

MH. Mas, concretamente, que resultados tem tido na prática esta política frente aos prissioneiros?

JV. Na prática, o principal resultado tem sido a incorporação a nossas forças de 10 a 12% dos prisioneiros que temos capturado. O tratamento político e humano que lhes foi dado, levou-os a tomar a decisão de incorporar-se a nossas fileiras e continuar lutando.

Isto mostra que era errado pensar que a solução era matá-los, ou adotar medidas fortes contra eles, descartando a possibilidade de que estes homens pudessem ter sensibilidade pelo projeto revolucionário.

Por outro lado, os prisioneiros têm sido libertados sem nenhuma condição. A única pessoa que não libertamos foi o vice-ministro da Defesa; os demais ou foram entregues à Cruz Vermelha Internacional, ou tem sido liberados imediatamente depois dos combates. Este fato faz com que os soldados vejam de outra forma o movimento revolucionário, modificando a idéia que o inimigo passa para eles sobre nós. Assim, eles comprovam que esta nossa forma de atuar é a mais alta expressão de humanismo, inclusive no combate.

Os combatentes curam o soldado ferido, dão-lhe alimento, ou tratam ele como companheiro; pouco a pouco, isto vai quebrando todos os esquemas que esse soldado tinha e ele vai percebendo que é tão povo quanto nós mesmos.

Isto também nos traz benefícios políticos, porque os que se vão levam assim uma boa informação ao resto do exército. E começa a se divulgar que render-se não é um ato de humilhação, que é uma forma de salvar a vida, mas também que é uma forma de não continuar lutando por algo que para eles não tem nenhum sentido. Não tem sentido morrer, para defender os interesses de alguns oficiais. E cada vez mais isto é melhor compreendido.

Este é um aspecto de nossa batalha contra os setores mais reacionários do exército, que estamos ganhando. Inclusive o próprio general García, numa declaração à imprensa, disse uma vez, que ele não poderia aceitar a devolução dos prisioneiros oficialmente, porque isto implicava em que iam continuar se rendendo. Mas, passado algumas semanas, este mesmo general, estava aceitando oficialmente que a Cruz Vermelha Internacional, recebesse os primeiros prisioneiros. E poucas semanas depois, outra vez recebendo outro grupo. E já se estão preparando para novos grupos de prisioneiros.

O alto comando se viu forçado a tomar esta atitude porque os prisioneiros fazem surgir uma pressão no interior das forças armadas por sua devolução. Essa política vai se transformando também numa forma de levar uma mensagem aos setores que tenham alguma sensibilidade, de que é possível entender-se em relação ao problema da guerra e procurar outras formas de solução do conflito.

Razões da descontinuidade na ofensiva

MH. Uma última pergunta. Depois do que você contou, não há dúvidas de que foi dado um grande salto na guerra revolucionária em El Salvador, e que cada vez é mais curto o tempo que há entre uma e outra campanha; no entanto, há algumas pessoas que acham que existe uma certa lentidão da parte de vocês para passar a novas ofensivas. O que você poderia falar a respeito disso?

JV. A ausência de continuidade não é determinada por uma vontade conservadora, mas pelas próprias características que a guerra tem assumido. Esse esvaziamento que aparece entre distintas etapas é conseqüência do esgotamento real de nossas forças. E isto assume maior importância quando passamos à etapa de formação de nosso exército. Aqui, o esgotamento físico, de abastecimento e de reservas logísticas é real. O próprio inimigo passou de campanhas de 20 dias,

CEDEM

a campanhas de 8 dias, e logo a campanhas de 4 ou 5 dias.

Por que?... Porque cada vez os fatores de esgotamento o afetam mais, porque seu comportamento é o de um exército e portanto o fator desgaste pesa enormemente sobre ele. Houve momentos em que tivemos que parar devido ao desgaste físico.

Algumas pessoas pensam que é fundamental manter a continuidade de caráter quantitativo ou seja estar atuando sempre.

Nós achamos que é preferível parar num determinado momento, fazer uma revisão total e procurar um novo objetivo estratégico, utilizando nele 100% de nossas forças, com o objetivo de conseguir uma transformação significativa da luta. Dá melhores resultados executar um conjunto de ações num mesmo período, que a simples soma quantitativa de operações que não estão unidas por nenhuma idéia tática.

A ação de 10 de janeiro tem essa virtude. Nós poderíamos ter utilizado todo nosso potencial armado acumulado para o dia 10 de janeiro de outra maneira, mais espaçada, contínua, com operações sucessivas. Isso teria sido um erro gravíssimo. Não teríamos detido o inimigo. Pois bem, o que significou tê-lo detido, tê-lo pressionado em vários pontos, num mesmo momento? Significou o aquartelamento do exército, a parada das ofensivas, e a nossa possibilidade de ganhar um tempo para nos garantir em determinados territórios. Mas isso trouxe um período de relativa estabilidade? Sim, trouxe, mas foi em benefício nosso. E isso vai acontecer em outras etapas.

Atingimos uma acumulação estratégica que se expressa num momento culminante, mas que, pelas características da situação, pela diminuição do potencial insurrecional, principalmente das massas urbanas, não podia manter-se num crescimento constante, como ocorreu na Nicarágua nos últimos 6 ou 8 meses de guerra, onde eu diria que às vezes as próprias massas se adiantavam às ações militares. Ou seja, a Frente Sandinista, tomava a decisão de tomar um bairro de hoje para amanhã, e nesse período as massas tomavam esse bairro e as unidades militares chegavam para assegurá-lo.

Esse é outro potencial, é outra situação. Nós, não. Nós temos que partir das próprias forças, dos abastecimentos que levam nossas forças, da exploração do terreno, de que as armas tenham munição, de que o plano esteja acabado.

Todos esses fatores influem na realização das operações. As formas de participação das massas são diferentes das de uma insurreição e, por isso, nosso exército tem às vezes características quase regulares.

MH. Mas, o fato de que com esta nova tática de atar o inimigo em movimento vocês estejam conseguindo resolver os problemas logísticos, não permite acelerar o ritmo das campanhas?

JV. Depois da campanha de junho, algumas pessoas perguntavam por que parar? Há que levar em conta que com o cerco feito pelo exército, no qual havía, entre hondurenhos e salvadorenhos, mais de 8 mil homens, acabou nossa comida. Como íamos continuar as operações militares?

Claro que teriam que passar algumas semanas para que nós pudéssemos continuá-las. Mas, e o exército, fica em que situação depois de ter feito essas operações?

A análise não deve ser feita somente à partir da situação em que está o movimento revolucionário, mas também deve ter em conta o enfraquecimento que sofre o exército. O problema é quem se recompõe mais rápido, se eles ou nós.

E o que começa a surgir desta situação é exatamente que o tempo de recomposição das forças da FMLN é mais rápido que o do exército. Por isso, falamos que a campanha de outubro pode significar, se obtiver seus melhores resultados, o fim da capacidade ofensiva do exército salvadorenho. Pode manter-se atuando, hostilizar nossas posições, mas já sem conseguir nenhum resultado militar.

E o que significa isso? Que, é claro, nós vamos começar a resolver os problemas de abastecimento. E vamos resolvê-los de duas maneiras: por uma generalização do apoio das massas ao exército revolucionário e porque a extensão do terreno nos dá maiores possibilidades. O aniquilamento de unidades do exército, deixa-nos armas, munições e logística. E as armas nos possibilitam potencialmente a incorporação de novas massas. Ou seja aparecem outros fatores. E em que isso implica? Implica num crescimento no qual a continuidade das operações será constante e já não se produzirão vazios.

Mas, qual será a forma na qual as massas participarão na fase final da guerra? Sobre isto é difícil fazer uma previsão.

Primeiro, é necessáro repetir que as massas nunca estiveram ausentes do processo revolucionário, que sem elas jamais teríamos conseguido criar o poderoso exército popular com que contamos neste momento. Agora, se as massas vão se manifestar nesse momento de forma insurreicional, ou na forma de uma greve geral, ou através de uma incorporação massiva ao exército revolucionário, isso está por se definir.

O que sabemos é que a Guerra Popular avança a passos largos; que a própria luta fortalece cada vez mais a unidade de nossas forças e isto permite dar golpes cada vez mais fortes ao inimigo.

Os revolucionários salvadorenhos, tem consciência da dimensão que nossa luta tem diante do futuro da América Latina, e também temos clareza de nossa responsabilidade para com a liberdade e a paz do continente.

Os níveis de guerra e de vitória que temos alcançado apesar de lutarmos contra uma ditadura que recebe um vasto apoio do imperialismo norte-americano, só tem sido possível graças ao heroísmo de nosso povo e à capacidade e abnegação dos chefes combatentes das forças da FMLN, que têm respondido a cada momento da guerra com a fé revolucionária e a sabedoria necessárias para fazer valer os ideais pelos quais ofereceram suas vidas as gerações de heróis e mártires que nos precederam na luta pela liberdade de nossa pátria.

Se, apesar disso, o imperialismo se obstinar em impedir que o nosso povo construa seu próprio destino, estamos certos de que sofrerá uma derrota ainda mais dura que a do Vietnã, já que nada nem ninguém pode deter a conquista de nossa liberdade. Nosso povo e sua vanguarda têm a decisão de vencer. **E VENCEREMOS.**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Para entender El Salvador

Ano 1980
A Força da Unidade
— 1º Passo para a Unidade Total
— Os caminhos da oposição legal
— Surgimento da Frente Democrática Revolucionária
— A direção da Revolução

Surge a C.R.M.

Duas forças formam fundamentalmente a unidade democrática-revolucionária que se consolidou em El Salvador. Esta unidade conduz a uma alternativa de poder viável frente ao atual regime de ditadura militar, que é apoiado pelo Pentágono e tem o aval dos dirigentes nacionais mais reacionários da Democracia Cristã e dos setores internacionais mais conservadores desta tendência política.

Estas forças são, por um lado, as organizações que ganharam o posto de condutoras do atual processo de libertação do povo salvadorenho, as quais têm combinado desde há 10 anos, as lutas reivindicatórias gerais e sindicais. Paralelamente têm construído na clandestinidade fortes organismos de direção político-militar, os quais, por sua vez, têm desenvolvido sólidos braços armados capazes de enfrentar as ferozes forças repressivas da ditadura militar oligárquica e pró-imperialista.

Por outro lado, integram-se nessa força revolucionária as organizações que desde o final da década de 60, têm buscado uma saída institucional para a crise salvadorenha, procurando, fundamentalmente através das eleições, mudar a ditadura militar existente desde 1931.

No entanto, neste momento é necessário levar em consideração uma terceira corrente que, dadas as condições políticas de El Salvador, decidiu engrossar e reforçar o movimento político da revolução libertadora do povo salvadorenho. Trata-se do setor das camadas médias da sociedade, que se não tinha participado da política de forma organizada, nos anos anteriores ao golpe de Estado de 15 de outubro, sempre constituiu — pela sua indiferença pelos problemas políticos, por um lado, e por sua capacidade técnica por outro — uma importante base de apoio dos governos anteriores.

Em 11 de janeiro de 1980, em uma histórica entrevista coletiva à imprensa, as organizações populares de reconhecida capacidade de mobilização e organização, anunciaram a formação de um organismo unitário, conhecido desde então como Coordenadoria Revolucionária das Massas (**CRM**).

A partir de então, até os observadores mais céticos e indiferentes voltaram seus olhos para El Salvador. O acontecimento adquiriu ressonância internacional, e internamente a notícia foi recebida com grande alegria pelas massas populares.

A CRM reunia, no momento de sua formação, as Ligas Populares 28 de Fevereiro (**LP-28**), o Bloco Popular Revolucionário (**BPR**), o Partido Democrático Nacionalista (**PDN**) e a Frente de Ação Popular Unificada (**FAPU**). Depois, incorporou-se a ela o Movimento de Libertação Popular (**MLP**).

Estas organizações tinham sido criadas, desenvolvidas e dirigidas pelas distintas organizações clandestinas político-militares que, por sua vez, tinham chegado, na época (12/1979), a formar a Coordenadoria Revolucionária Político-Militar. Estas organizações são as Forças Populares de Libertação (**FLP**), a Resistência Nacional (**RN**), o Partido Comunista Salvadorenho (**PCS**), aos quais se incorpora depois o Exército Revolucionário do Povo (**ERP**).

A combinação da luta ilegal como forma principal de apresentar as propostas políticas e de organizar as massas populares como alternativa de poder, com as formas de luta clandestinas político-militares tinha demonstrado que esta era a forma mais correta para a tomada do poder pela maioria e a destruição da ditadura militar.

A 22 de janeiro, só 11 dias após ter sido anunciada a fundação da CRM, ela dá uma clara demonstração de força, realizando uma passeata pelas ruas da capital, que foi qualificada como a maior manifestação da história de El Salvador. Diferentes observadores calcularam que aproximadamente umas 500 mil pessoas entre homens, mulheres e crianças, reuniram-se na Capital, no momento em que a Junta de Governo fazia as maiores promessas reformistas.

Esta manifestação e as que se realizaram depois, aconteceram sempre com um alto grau de repressão, até culminar com a chacina comandada pelo Exército e os organismos repressivos da ditadura, no dia do enterro de Monsenhor Oscar Arnulfo Romero que, por sua vez, caíra assassinado como uma vítima a mais dessa imensa onda repressiva, a qual, naquele momento, já era apoiada apenas pelos dirigentes mais corruptos e reacionários da Democracia Cristã.

Os caminhos da oposição legal

Os diferentes setores que acreditaram na possibilidade de uma saída institucional para a ditadura militar, dentro dos marcos da legalidade, foram formando um

CEDEM

Cronologia: 1930 - 1980

Fatos políticos mais importantes acontecidos durante esta época em El Salvador. Período no qual se marca o presente trabalho.

Data	Acontecimento	Resultado
1931-01	Eleições livres	— Eleito Dr. Arturo Araújo
1931-12	Golpe de Estado	— Imposição do Gen. Maximiliano Hernández Martínez
1932-01	Insurreição Popular	— Massacre de 30 mil camponeses
1944-05	Greve Geral dos Braços Caídos	— Cai o Gen. Martínez, assume a presidência provisória o Gen. André Ignácio Menendez.
1944-10	Golpe de Estado	— Imposição do Gen. Osmin Aguirre y Salinas, ministro de guerra do ditador Martínez
1944-12	Tentativa de levantamento popular	— Repressão contra estudantes e setores urbanos comprometidos
1945	Golpe de Estado	— Imposição do Gen. Salvador Castañeda Castro
1948	Golpe de Estado	— Imposição da Junta Revolucionária de Governo encabeçada pelo Major Oscar Osório
1950	Entrega do comando	— Imposição do Coronel Oscar Osório
1956	Farsa eleitoral	— Imposição do Coronel José Maria Lemus
1960	Golpe de Estado com apoio popular	— Assume Junta de Governo Cívico-militar
1961-01	Golpe de Estado com a intervenção dos EUA	— Imposição do Diretório Cívico-militar encabeçado pelo Cel. Júlio Adalberto Rivera
1962-03	Farsa eleitoral	— Imposição do Cel. Júlio Adalberto Rivera
1967-03	Farsa eleitoral	— Imposição do Gen. Fidel Sanches Hernández
1969-07	Guerra com Honduras	— 6 mil mortos de ambos os lados, 80 mil salvadorenhos regressam ao país
1972-02	Fraude eleitoral	— Descarado roubo da vitória eleitoral à Coalisão Opositora UNO — Imposição do Cel. Arturo Armando Molina
1977-02	Fraude eleitoral	— Novamente rouba-se vitória eleitoral da UNO — Imposição do Gen. Carlos Humberto Romero
1979-10	Golpe de Estado	— Conformação da Junta Revolucionária de Governo, civil e militar
1972-12	Inicia-se o processo de Unidade Revolucionária	— Forma-se a Coordenadoria Política-Militar.
1979-12	Renúncia em massa de membros civis da JRG	— Decomposição do Governo formado com o Golpe de 15 de Outubro
1980-01	Aliança de Militares e dirigentes democrata-cristãos	— Imposição da Junta Militar democrata-cristã
1980-01	União das organizações políticas de massa	— Conforma-se a Coordenadoria Revolucionária de Massas (CRM)
1980-01	Grande marcha da Unidade	— Concentram-se aproximadamente 500 mil pessoas os organismos do Exército e da Guarda reprimem a manifestação
1980-03	Assassinato de Monsenhor Romero	— Luto popular, isolamento total da Junta Democrata-Cristã
1980-03	Funerais de Monsenhor Romero	— Manifestam sua dor mais de 500 mil pessoas. Repressão contra o funeral. Consolida-se a Unidade Popular.
1980-04	Funda-se a Frente Democrática-Revolucionária	— Conformação da ampla aliança de todas as organizações e instituições democráticas e revolucionárias.
1980-06	Greve Geral	— Durante 3 dias paralisa-se totalmente o país.
1980-05	Conformado o Comando Unificado da Revolução	— Integração da Direção Revolucionária Unificada

bloco eleitoral que participou das diferentes farsas eleitorais montadas pela ditadura que sempre resultaram no desrespeito aos resultados eleitorais e aumento da repressão.

A força assim organizada formou a coalizão eleitoral denominada União Nacional Opositora (UNO), integrada pela Democracia Cristã, o Movimento Nacional Revolucionário, de tendência social-democrata e o Partido União Democrática Nacionalista.

Sua participação nos processos eleitorais serviu para demonstrar a inconseqüência da ditadura, para demonstrar que o regime militar não estava disposto a entregar o poder a nenhum movimento que se apoiasse no movimento popular, e para demonstrar às massas populares que a ditadura militar sustentada pelo poder das armas não poderia ser derrotada com votos.

A farsa eleitoral foi se tornando cada vez mais uma farsa desavergonhada que não podia enganar a ninguém. Por isso, as forças políticas de oposição foram procurando outras saídas que lhes permitissem alcançar o poder, e, assim, vincularam-se a setores militares que propunham possíveis alternativas à ditadura por meio dos golpes de estado, os quais por sua vez também foram frustrados: este foi o caso do golpe de estado tentado pelo Coronel Mejia em 1972, logo depois que Romero arrebatou à coalisão eleitoral opositora, UNO, sua vitória eleitoral.

Posteriormente, já em 1979, as possibilidades eleitorais foram totalmente descartadas pelos partidos de oposição legal que, ante a gravidade da crise, propuseram a primeira tentativa de unidade com as forças revolucionárias que estavam lutando na clandestinidade. Assim, surgiu o Foro Popular.

O Foro Popular foi organizado em Setembro de 1979 e reuniu inicialmente os partidos eleitorais da oposição democrática, alguns sindicatos e inclusive algumas organizações populares ilegais.

No entanto, sua existência foi curta, já que no dia 15 de Outubro, apenas dois meses após sua constituição, deu-se o golpe de Estado contra o General Romero, o que levou as organizações político-eleitorais, a comprometer-se, num primeiro momento, com os setores militares golpistas, ao mesmo tempo, que as organizações populares ilegais saiam desse agrupamento de forças, exatamente por esse compromisso.

O Foro Popular nunca chegou a reunir todas as forças que lutavam contra a ditadura já que, o Bloco Popular Revolucionário, importante organização das massas, de caráter popular e ilegal, jamais se incorporou ao Foro; além disso, como já assinalamos a presença das organizações populares de massas inicialmente incorporadas, não passou do dia 15 de Outubro.

O Foro Popular deixa de existir, com a renúncia dos altos dirigentes desta aliança de organizações aos cargos públicos que assumiram a partir do golpe de Estado. Pouco depois, dirigentes da

CEDEM

Democracia-Cristã concordaram em renovar o pacto com os militares e instaura-se assim o que se chamou a 2ª Junta Militar, ou Junta Militar Democrata-Cristã.

A FDR

Os partidos políticos da oposição eleitoral conseqüentes com sua decisão de conquistar as transformações estruturais que as amplas massas populares exigiam, comprovaram, com sua incorporação ao governo, que o movimento militar de 15 de Outubro estava preso aos limites da segurança interna e das indefinidas propostas de reformas que nem os altos comandos militares aceitavam.

A poucas semanas de efetivado o compromisso de governar com os militares, o esquema de reforma com repressão ficou evidente até para os mais ingênuos. No entanto, altos dirigentes da Democracia Cristã renovaram seu compromisso com os militares, sendo que, desta vez, não apenas com os dirigentes da Juventude Militar, mas, também com altos comandos comprometidos que tinham conservado seus cargos após o golpe.

Os setores populares, desde o anuncio do golpe militar, passaram massivamente à resistência e realizaram ações de enfrentamento direto, tomando a iniciativa política a partir de ações reivindicatórias, de denúncias e desmascaramento da falsidade das declarações dos militares.

Como se tem demonstrado várias vezes, as organizações populares: **BPR, FAPU, LP-28**, desconfiaram do movimento militar baseando-se na experiência histórica salvadorenha na qual se tem repetido — até o cansaço — este tipo de manobras militares, independentemente de ser esta mais inteligente.

As organizações democráticas que tinham procurado a transformação social do país procurando chegar ao poder através das eleições — e agora através do golpe de estado — frustraram-se uma vez mais em seus objetivos e decidiram, ante a gravidade dos fatos e a urgência da situação política, formar a Frente Democrática Salvadorenha (**FDS**), à qual se incorporaram setores médios da sociedade, como os profissionais e técnicos reunidos no recentemente criado Movimento de Intelectuais e Profissionais (**MIPTES**).

Assim, ficou constituída a **FDS**, EM 1º de Abril de 1980, reunindo entre outros o **MNR**, partido de tendência social-democrata, o setor dissidente que abandonou a direção democrata-cristã comprometida com os militares, a Federação Nacional da Pequena Empresa (**FENAPES**) e as duas universidades, a Nacional, e a Católica.

Contudo, a aceitação da Plataforma Programática da Coordenadoria Revolucionária de Massas, e o desenvolvimento acelerado dos acontecimentos políticos, levou rapidamente (18/04/80), à fusão da FDS e a CRM, surgindo assim a Frente Democrática Revolucionária, que neste momento reúne todos os setores democráticos, progressistas e revolucionários em luta contra a ditadura militar.

Surge a D.R.U.

Ante tal agrupamento de forças, face a tal crise econômica, social, política, cultural e militar, frente à desintegração do Partido Democrata-cristão, frente à incoerência das declarações dos militares, frente à política intervencionista do governo dos Estados Unidos, surge a Direção Revolucionária Unificada.

Em Dezembro de 1979, as organizações político-militares que vinham lutando na clandestinidade, chegaram a um histórico acordo de unidade que abriu caminho ao vasto movimento unitário que descrevemos anteriormente. Desde a criação da **CRM**, até a constituição da FDR, a unidade deveria avançar ainda mais e dar saltos qualitativos que consolidariam os avanços e responderiam às novas condições de direção de um amplo movimento de libertação popular e nacional.

Surge assim a Direção Revolucionária Unificada (**DRU**), a qual, além de atrair uma nova organização político-militar que tinha ficado fora do acordo, dá um salto qualitativo e assume a direção total do processo revolucionário salvadorenho. Daqui para a frente — assinala o comunicado da criação da **DRU** — haverá uma única direção, um único plano militar, um único comando, uma única política nacional e internacional".

A Frente Democrática Revolucionária reconhece o papel de vanguarda da DRU e submete sua política aos acordos desse organismo máximo de direção da revolução salvadorenha.

Desta forma ficaram constituídas as instâncias orgânicas da revolução salvadorenha: como organismo máximo de direção, a **DRU**, com suas duas instâncias: a **CRM**, organismo encarregado da organização e mobilização das massas, seja para ações políticas como para a incorporação destas massas a ações insurrecionais, e o Comando Único (**CU**), como a instância que levará adiante as ações de guerra das unidades militares populares e revolucionárias.

Por sua vez ficou solidamente constituída a Frente Democrática Revolucionária como expressão da aliança de todas as forças progressistas, democráticas, populares e revolucionárias comprometidas com a formação do futuro Governo Revolucionário Democrático.

Ricardo Sol
Coleção Centro-Americana - Dpto. Ecumênico de Investigações 1980

Programa do governo democrático revolucionário

É isso que propomos.
Esta é a alternativa política que apresentamos ao país.

Este é nosso programa, e ele não é inflexível, mas aberto às possibilidades de convergência com todos os setores sociais interessados em alcançar a paz, a democracia e a independência nacional.

1

O GOVERNO DEMOCRÁTICO REVOLUCIONÁRIO (GDR) GARANTIRÁ A INDEPENDÊNCIA, A SOBERANIA NACIONAL E A AUTODETERMINAÇÃO DO POVO SALVADORENHO.

2

O GDR GARANTIRÁ A PAZ, A LIBERDADE, O BEM-ESTAR E O PROGRESSO DO POVO SALVADORENHO E, PARA ISSO, REALIZARÁ REFORMAS ECONÔMICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS QUE ASSEGUREM A GRANDE MAIORIA UMA DISTRIBUIÇÃO JUSTA DA RIQUEZA, O ACESSO À CULTURA E À SAÚDE, E O EXERCÍCIO REAL DOS DIREITOS DEMOCRÁTICOS.

Entre as reformas que serão realizadas pelo **GDR** encontram-se:

- O desarmamento e dissolução efetiva dos corpos repressivos.
- A reestruturação dos poderes do Estado.
- A nacionalização do sistema bancário, do comércio exterior, da refinação do petróleo, do sistema de distribuição de eletricidade e das empresas monopolistas na indústria, no comércio e serviços.
- a realização de uma reforma agrária profunda, uma reforma urbana e uma reforma do sistema tributário.
- O estabelecimento de mecanismos efetivos de ajuda à pequena e média empresas privadas em todos os ramos da economia.
- A realização de programas de benefício social nos campos da saúde, moradia, educação e cultura.

3

O GDR APLICARÁ UMA POLÍTICA INTERNACIONAL DE PAZ E NÃO-ALINHAMENTO.

Serão estabelecidas relações diplomáticas e comerciais com os demais países, sem discriminação de sistemas sociais e baseadas na igualdade de direitos, mútua conveniência e respeito à autodeterminação.

Prestar-se-á especial atenção ao desenvolvimento de relações amistosas com os demais países da área centro-americana, dirigi-

CEDEM

das a afiançar a paz e a vigência do princípio de não-intervenção.

Nosso país se incorporará ao movimento de países não-alinhados, como membro ativo, e desenvolverá uma política invariavelmente filiada à defesa da paz mundial e em favor da distensão.

4

No **GDR** haverá representação dos setores democráticos que tenham contribuído ativamente para a derrubada da ditadura.

Muitos desses setores acorrem atualmente a integrar-se em uma aliança democrática e revolucionária na qual se respeita plenamente a ideologia política e religiosa de cada um. A forma orgânica dessa aliança voluntária a serviço do povo salvadorenho será o resultado do consenso entre todos que a integrem.

5

O **GDR** CRIARÁ UM EXÉRCITO DE NOVO TIPO NO QUAL SE INTEGRARÃO O EXÉRCITO POPULAR REVOLUCIONÁRIO E OS SETORES, AGRUPAMENTOS OU ELEMENTOS DEMOCRÁTICOS E PATRIÓTICOS QUE EXISTAM ENTRE OS SOLDADOS, GRADUADOS E OFICIAIS DO ATUAL EXÉRCITO.

Para iniciar um processo de convergência com esses setores e pessoas dentro do exército, foi assinado um documento base do acordo para a criação desse novo exército, entre membros da Juventude Militar e a **FMLN**, o qual prevê o respeito a graus e hierarquias dos oficiais, a elaboração de um plano conjunto de profissionalização e estruturação do novo exército, assim como de novas legislações que regulamentem as relações entre os oficiais e a tropa; o fim dos tratados de assistência militar e outros que lessem nossa soberania e independência nacional; a realização de julgamentos justos para os oficiais comprometidos com a repressão, e o respeito aos acordos da Convenção de Genebra no que se refere aos prisioneiros de guerra.

6

O **GDR** APOIARÁ TODOS OS EMPRESÁRIOS PRIVADOS COM SENTIDO REALISTA E PATRIÓTICO QUE COOPERAREM PARA O DESENVOLVIMENTO NACIONAL, IMPULSIONANDO A REALIZAÇÃO DO PROGRAMA DO **GDR**. NOSSO SISTEMA ECONÔMICO SERÁ UM SISTEMA DE ECONOMIA MISTA QUE COMPREENDA A PROPRIEDADE SOCIAL (ESTATAL E COOPERATIVA) E A PROPRIEDADE PRIVADA.

Será adotada uma política de ajuda creditícia e assistência econômica e técnica para as pequenas e médias empresas privadas.

A reforma agrária não afetará os pequenos e médios proprietários de terras, que receberão estímulos e apoio para fazê-las produzir cada vez melhor.

7

O **GDR** GARANTIRÁ A LIBERDADE DE CRENÇA E O LIVRE EXERCÍCIO DOS CULTOS RELIGIOSOS.

Este ponto programático está sendo, desde já, posto em prática na nova pátria que estamos construindo nas zonas sob controle; aqui, o povo religioso (na maioria, católicos) praticam diariamente o culto religioso.

O Poder Popular Local e o avanço da guerra de libertação em El Salvador

APRESENTAÇÃO: No mês de setembro, celebra-se o aniversário da Proclamação da Independência Centro-americana do domínio espanhol.

Por esse motivo, o Centro de Documentação da Rádio Farabundo Martí, elaborou um folheto em honra ao mês de setembro, declarado mês dos *Poderes Populares Locais*, nas frentes de guerra, como homenagem nacional a todos os patriotas que caíram para conquistar a verdadeira independência.

Há mais de 160 anos, os povos centro-americanos vem lutando pela liberdade, mas suas aspirações viram-se frustradas. Desta forma, a Guerra Popular de Libertação em El Salvador, é a continuação e representa uma síntese de todas as lutas anteriores do povo contra a opressão.

É nos Poderes Populares Locais que o povo salvadorenho experimenta a consciência de ser dono de seu próprio destino, começa a governar-se a si mesmo, começa a conquistar sua liberdade e sua verdadeira independência.

Sobre o Poder Popular Local: No marco da estratégia da Guerra Popular de Libertação, os Poderes Populares Locais significam um avanço de grande importância na mudança da correlação de forças contra o inimigo, já que possibilitam a incorporação das bases, nas distintas localidades do país, a todas as formas de luta, de maneira consciente e organizada. Os Poderes Populares Locais (**PPL**) são os primeiros pilares do Governo Democrático Revolucionário. Eles representam um grau avançado do desenvolvimento da guerra, onde existem dois poderes que se contrapõem: por um lado, o decadente poder da oligarquia e o imperialismo, e, por outro lado, o nascente poder do povo em armas.

O território nacional, já não se encontra sob o total controle e domínio político militar do regime salvadorenho. O PPL surge da necessidade que têm as massas de transformar revolucionariamente a velha ordem política, administrativa e coercitiva local do inimigo, destruída pelas Forças Revolucionárias, por um novo tipo de organização administrativa, política e social, que garanta desde já o atendimento de urgentes necessidades materiais e reivindicatórias, e assegure a ampla participação popular na construção de um novo governo local, assim como o impulso da guerra revolucionária. São os próprios trabalhadores que começam a ter em suas mãos a organização de um novo regime social na sua região.

Os **PPL**, estreitamente ligados e apoiados pelo trabalho organizativo e mobilizador das organizações de massas, constituem poderosos instrumentos de condução integral, especialmente na incorporação do povo às diferentes formas de luta, às tarefas combativas, à defesa, à produção e à ampliação das zonas sob controle revolucionário.

O elemento básico da concepção dos **PPL**, é que ante a política criminosa do imperialismo de isolar o povo das Forças Revolucionárias, despovoando as zonas sob controle revolucionário e as que ficam em sua periferia, devemos responder com a política de que o povo, as massas, devem afincar-se na terra em que nasceram e cresceram, libertando-a a qualquer custo e conservando-a para as futuras gerações.

FORMA DE ORGANIZAÇÃO DOS PODERES POLÍTICOS LOCAIS:

A organização política administrativa dos **PPL** tem como unidade mínima de base, a população de determinada aldeia ou povoado, chegando em alguns lugares até o nível municipal.

O limite territorial também está relacionado com a forma de organização territorial das frentes de guerra: as zonas sob o controle da FMLN, as zonas em disputa e a retaguarda do inimigo.

Os PPL são criados fundamentalmente nas zonas sob controle revolucionário, em determinadas condições e mediante uma avaliação concreta da situação. Organizam suas tarefas de acordo com as características da zona: nas zonas sob controle, como único e total esforço do governo local; nas zonas em conflito, sob a forma de "duplo poder", ou seja em que aparentemente é o inimigo que controla, mas na verdade é a Força Revolucionária que tem o poder real e efetivo.

A população de uma localidade participa do **PPL**, reunindo-se

CEDEM

para escolher seus representantes na Assembléia de Base e sua Diretoria, por um período de seis meses.

Assembléia de Base — É o órgão de consulta do governo local, formado pelos membros que representam as localidades de cada Poder Popular. O número de seus integrantes depende do número de habitantes da aldeia ou povoado. A Assembléia de Base é a mais alta instância de decisões dos Poderes Populares Locais.

A Diretoria — É o organismo que executa as linhas do governo local, traçadas pela Assembléia de Base. É composta de:

— um presidente
— um secretário de Produção
— um secretário de Assuntos Jurídicos
— um secretário de Assuntos Sociais
— um secretário de Segurança e Auto-Defesa (geralmente designado pelo comando militar local)

Mas este esquema não é mecânico. Podem ser criados outros cargos e funções que a comunidade ache necessários.

Os membros da Diretoria realizam as seguintes tarefas:

Presidente: é a autoridade máxima em matéria de administração local. Zela pelo funcionamento da Diretoria, controla a realização das tarefas e representa a comunidade em qualquer evento.

Secretário de Assuntos Jurídicos: é o encarregado de tomar conhecimento e resolver todos os problemas de ordem jurídico-legal: casamentos, julgamentos, demandas, etc.

Secretário de Segurança e Auto-defesa: organiza a população para enfrentar as "operações limpeza" do inimigo, promove a participação na preparação do terreno para o combate e, junto com as milícias, orienta a participação do povo nas atividades combativas, em combinação com as Forças Armadas Populares de Libertação (**FAPL**). Além de reforçar a defesa da população.

Secretário de Produção: promove a organização coletiva da produção, distribui as terras para o cultivo, obtém os insumos, ocupa-se da criação de estoque de reserva, etc.

Secretário de Assuntos Sociais: zela pela melhoria das condições materiais e espirituais de vida da população: melhora das trilhas e caminhos, limpeza das fontes de abastecimento de água, promove a saúde, alfabetização, e difusão da cultura em geral, contatos políticos com atos culturais, jornais, murais, cinema móvel popular, etc.

Secretário de Propaganda e Agitação: cuida da difusão permanente e sistemática dos valores, princípios e orientações revolucionárias à comunidade, promove a construção dos meios de difusão massiva da revolução, como as rádios, o cinema revolucionário, e impulsiona a propaganda alternativa (as pixações, os murais populares, os números de madeira, etc.).

A Diretoria pode criar equipes de trabalho que lhe apoiam na realização das tarefas.

Todas as decisões são tomadas a nível da Assembléia de Base. A Diretoria encarrega-se de controlar e impulsionar a realização das decisões tomadas.

Nas zonas controladas, pela **FMLN**, as inquietações e necessidades são constantes. As crianças, mulheres, velhos, homens e combatentes precisam de alimentação, de cuidados médicos, da defesa armada da localidade e de aprender a ler e escrever. É aí que entra em função o Poder Popular Local.

Na organização e administração de uma localidade, o Poder Popular Local abrange os seguintes aspectos:

— Defesa
— Produção
— Saúde
— Educação
— Justiça
— Propaganda e Agitação

A Defesa — A tarefa dos **PPL** na defesa não é apenas defender a localidade, mas também participar e contribuir no desenvolvimento da guerra. Todas as suas atividades são realizadas em estreita relação com as Milícias e a guerrilha local.

A defesa do território consiste na vigilância de todos os movimentos dentro da zona, o controle dos movimentos de pessoas que entram e saem, para detectar infiltração do inimigo, e a observação dos quartéis, comandos e todas as atividades das forças governamentais e paramilitares do inimigo.

Para a proteção da população contra os bombardeios indiscriminados do regime, os **PPL** organizam a construção de refúgios, chamados "tatús".

Os Poderes Populares Locais são os motores da atividade combativa das massas de caráter ofensivo. O povo salvadorenho aprendeu muito com a experiência vietnamita, que demonstrou ao mundo inteiro que com a participação e criatividade do povo organizado é possível vencer um inimigo poderoso, desenvolvendo a Guerra Prolongada do Povo. Hoje, a população integrada nos **PPL** demonstra sua grande criatividade, tanto na construção de armas caseiras, armadilhas e barricadas, como na realização de sabotagens, explorações e ataques ao inimigo.

Entrevista do companheiro Vicente responsável da Segurança e Auto-Defesa de um PPL: Um dos correspondentes populares da *Rádio Farabundo Martí* encarregado de informar à rádio rebelde os avanços e o desenvolvimento dos **PPL**, entrevistou recentemente o companheiro Vicente, responsável pela segurança e auto-defesa em uma zona do **PPL.**

— Companheiro Vicente, aqui estamos numa zona que já está muito consolidada. Você talvez pudesse explicar, como o **PPL** mantém o controle aqui?

— Bom, não somente o **PPL**, mas também a guerrilha local e as milícias se encarregam da segurança e da proteção do povo em nossa zona controlada.

A guerrilha está patrulhando os pontos por onde o inimigo pode penetrar. Nós, os encarregados da segurança, junto com as Milícias, mantemo-nos em estado de alerta e observamos tudo o que é estranho, para comunicar à guerrilha. Temos um sistema de alarma com bombas, para explodir quando vier o inimigo! Fazemos armadilhas de alarme: São vasilhas amarradas com fibras, vasilhas de todo o tipo, como latas de óleo, de conservas, etc. - ... o que cada um encontra por aí, certo? Então, de noite, como o inimigo não ilumina nada ao seu redor ao caminhar... isso trava seu pé e faz barulho.

Assim os detetamos.

Às vezes fazemos bonecos de pano com fuzís de pau e escondemos ao lado de uma árvore com o peito para fora. Então quando o inimigo vai entrar na zona, olha para o vulto e se assusta, então dispara sua arma.

Além disso colocamos outras armadilhas: primeiro reconhecemos o terreno e depois as fabricamos junto com a população, porque ela também tem que saber onde se encontram estas armadilhas. As que mais fazemos são as armadilhas de "púas e molino", fazemos canais e barricadas, utilizamos os caça-bobos. Os caça-bobos são uma mistura de cimento e explosivo. E quando não temos cimento, as crianças juntam restos de ferro, pregos e varetas de metal. Fazemos um buraco numa pedra e aí pomos tudo isto. Depois colocamos a pedra no caminho onde vai passar o inimigo. Quando o inimigo passa por cima da pedra, esta faz entrar em contato os dois arames e explode. É uma explosão forte.

O que importa aí é a criatividade. As pessoas tem muitas idéias. Quando alguém tem alguma idéia, anota e na próxima reunião discutimos; desta forma inventamos outras armadilhas e novas armas caseiras.

Às vezes quando o inimigo joga uma bomba, algumas delas não explodem. Devemos estar atentos a isso, para avisar a guerrilha e assim recuperar material de guerra.

— Companheiro, uma das características dos PPL é fazer as massas participarem de maneira ofensiva na guerra. De que forma a população de sua região participa ofensivamente?

— Aqui nas zonas controladas, tudo é planejado. Dentro da população há vários grupos, todos têm que realizar sua tarefa. Formam-se grupos de pessoas com facões que se encarregam de abrir caminhos em caso de uma retirada ou para a desocupação da zona pela população. Há também o grupo dos companheiros que fustigam o inimigo com estilingues... outro grupo tem arco e flecha.

Até as crianças de 12 anos já participam destes grupos. Por exemplo, se há um ataque a um posto militar, o Estado-Maior pede às milícias e ao **PPL** para manter o controle e o assedio. Então, um dia a guerrilha vai fustigar, e no dia seguinte vão algumas pessoas com as milícias e agitam com alto-falantes e latas. Então, à meia-noite, se ouve uma gritaria: Bloco! Bloco!* Morte à ditadura fascista! Entreguem-se que aí vai a guerrilha! Todos morrerão!... Assim, os soldados ficam nervosos, não dormem à noite toda e no dia seguinte não têm ânimo para combater. Nestes ataques, as massas também fazem barricadas e sabotagens nos caminhos, com fios elétricos, etc.

— Companheiro, parece que o abastecimento da população em alimentos e outros materiais não é sempre fácil, não é?

Como os **PPL** resolvem este problema?

— É evidente que o problema da produção e abastecimento não é sempre fácil de resolver. Porque não temos entradas de produtos e não temos uma produção grande. Em geral, o que temos é o que cultivam os coletivos e o que tiramos do inimigo.

Cultivamos tudo junto e distribuímos entre todos. Temos um depósito e lá guardamos as coisas. O encarregado do depósito, com uma assinatura do **PPL** distribui os alimentos parte por parte: o que é da guerrilha, o que vai para a população e o que se entrega ao Estador Maior.

A guerrilha também ajuda nos trabalhos da produção. Por exemplo, o chefe do acampamento decidiu que esta semana iríamos trabalhar três dias na produção limpando os feijões. Fazemos saques ao inimigo junto com a guerrilha. Neste caso vai todo o mundo, bem disciplinado, isso sim! Nós tomamos o povoado e organizamos uma concentração. A guerrilha ocupa-se da segurança. Então todas as massas, os **PPL** e as milícias, cerca de 200 pessoas, vamos saquear as casas que são

NOTA: Referência à organização Bloco Popular Revolucionário.

CEDEM

dos membro da Ordem, do esquadrão militar. Vamos juntando tudo em um só depósito. Aí ninguém pode mexer ou pegar nada, e quem fizer isso será punido. O saque é repartido em conjunto e segundo as necessidades. Tudo isso é do povo, e quem o administra é o chefe do **PPL**.

Não dizemos "isto é das massas", ou "é da guerrilha", não. Dizemos "aqui tudo é de todos"!

Se no **PPL** não há comida, todo mundo passa fome; se há um pouquinho, cada um comerá um pouquinho. Às vezes não há açúcar, não há sal, mas o povo já está consciente e ninguém protesta e ninguém coloca a culpa disso em ninguém. Sabemos que é necessário muito sacrifício para ganhar esta guerra, para que possamos viver livres de verdade.

Assim é a preparação que vai tendo nosso povo nas frentes de guerra!!

Produção: A Reforma Agrária promovida pelos EEUU para dar uma imagem mais "democrática" ao regime foi uma farsa. Mas, hoje, com o desenvolvimento da guerra de libertação, o povo está recuperando suas terras e estendendo e consolidando a zona controlada pela **FMLN**. A população organizada no **PPL** rompeu com as velhas estruturas de exploração, desenvolvendo novas formas de produção em suas próprias terras, para seu próprio benefício.

Homens, mulheres e crianças se integraram em massa às tarefas da produção, para fortalecer a economia nas zonas controladas e assegurar alimentação adequada para o povo e suas Forças Armadas Populares. Grandes regiões em poder do movimento revolucionário foram semeadas para o cultivo de milho, feijão, arroz, hortaliças e outros produtos que constituem a alimentação diária. São organizadas turmas com tarefas específicas de cultivo, colheita e distribuição da produção, que se faz destinando 30% para os combatentes, 50% para a população e 20% para estoque. Além do trabalho coletivo, alguns camponeses cultivam sua lavoura individual.

De acordo com as necessidades da população e do Exército Revolucionário, e com as possibilidades da região, os coletivos traçam seus planos de trabalho, que incluem a expropriação de inseticidas, instrumentos agrícolas e até tratores e outras máquinas necessárias à melhoria da produtividade.

O abastecimento de alimentos é um dos elementos fundamentais no desenvolvimento da guerra, e ciente disso o inimigo tem como objetivo estratégico a destruição da produção, para enfraquecer a base de subsistência do movimento revolucionário. Em resposta, os coletivos cultivam campos pequenos, dispersos, fáceis de ocultar, e dão prioridade à produção de tubérculos, que não podem ser destruídos pelas bombas incendiárias.

O PPL conseguiu estimular a produção pecuária nas zonas controladas. O gado antes pertencia aos latifundiários e os trabalhadores não podiam se alimentar com o leite e a carne. Com a intensificação da guerra, muitos fazendeiros abandonaram suas propriedades, que hoje estão na mão do povo. Os coletivos e as Milícias Populares organizam a produção de queijo, requeijão, creme e manteiga.

Organizou-se a cooperação entre as diversas zonas e alguns produtos são enviados a outras regiões que por suas condições não têm acesso a determinados produtos. O **PPL** estimulou também a comercialização dos produtos, em lojas populares, onde se vendem frutas, pastéis, queijo, café, mel, doces, velas e sabão.

Foram criadas oficinas artesanais de sapataria, cerâmica, fabricação de panelas, artigos de couro, etc., e uma ampla rede de oficinas de costura, encarregada de fazer uniformes e remendar roupas usadas. As máquinas foram doadas pelos donos e são propriedade coletiva.

As oficinas de armas caseiras têm um papel importante no desenvolvimento da guerra. Nelas se cortam barras de ferro que viram fragmentos na base do que depois vem a ser uma potente mina vietnamita. Também são feitas armadilhas caça-bobos e granadas de diversos tipos. O armamento caseiro pode ser potente a ponto de destruir um blindado.

Para elevar o nível da produção e a consciência coletiva da população, o **PPL** estimula a realização dos dias de trabalho farabundistas, dos quais participam todos os membros das Unidades Militares, os organismos do partido e as massas populares.

Um coletivo de pescadores — Napoleón é o responsável do coletivo de pesca das margens do rio Sumpul. Todas as noites, quando acaba de escurecer, as canoas saem em busca das fossas dos peixes. Enquanto lança uma tarrafa e recolhe mais de uma dúzia de peixes, Napoleón nos fala do coletivo de pesca.

— Temos comido peixes grandes assim. O peixe é enviado todos os dias a um dos acampamentos, para a alimentação de nossos combatentes e do povo. Mas os hospitais é que têm prioridade.

O local de pesca tornou-se passagem obrigatória para quem passa pela região. Aqui é também um lugar de descanso para alguns combatentes que, com permissão, pode pescar e nadar. Os planos da **FMLN** são de multiplicar os núcleos pesqueiros, aproveitando ao máximo o potencial dos rios dos territórios controlados.

Saúde — Os **PPL** promovem a criação de hospitais de campanha e clínicas de saúde nas frentes de guerra. A estrutura da organização hospitalar funciona assim:

Em cada acampamento do Exército Popular de Libertação há um encarregado de cuidar da saúde e atenção médica.

Em seguia, vêm os hospitais de campanha que atendem vários acampamentos e a população que vive nas zonas em disputa. Estes podem resolver problemas graves.

Por último, o hospital geral da frente atende os casos mais graves, e também pode realizar operações cirúrgicas mais delicadas.

Nas zonas controladas só se dispõe de uma quantidade limitada de remédios, por isso, a tarefa principal dos **PPL** é a medicina preventiva; realizando-se cursinhos sobre higiene ambiental, e pessoal; se constroem privadas, etc. etc.

Se tem aproveitado ao máximo o conhecimento dos mesmos camponeses sobre as qualidades curativas das plantas e assim já se tem fabricado medicamentos para doenças como diarréias, dores estomacais, e infecções das vias respiratórias.

A medicina caseira, poderá chegar a substituir no correr do tempo 60% da medicina de laboratórios que utiliza a sanidade militar revolucionária.

Educação — Enquanto o governo salvadorenho fecha centenas de escolas os **PPL** realizam nas zonas liberadas a criação de novas escolas. Mas estas escolas estão intimamente ligadas à realidade salvadorenha de hoje, tem uma educação integral, procurando desenvolver os valores de fraternidade, do amor, e do respeito.

O responsável pela educação é geralmente um ótimo professor. Este deverá detectar na zona, os adultos que podem chegar a ser "professores populares" e os treina para isso. Não se trata de uma educação de sentido único — do professor para o aluno — mas de sentido recíproco, todos são professores e alunos.

Dentro do **PPL** a educação compreende vários aspectos:

A Alfabetização — que consiste em ensinar a ler e escrever. Também inclui-se o aprendizado dos primeiros elementos de matemática. Mas tudo isto em íntimo contato com o meio ambiente e a natureza; utilizando os recursos e a realidade ambiental.

A formação política — se consegue mediante o diálogo sobre os acontecimentos, as palavras-de-ordens, o canto do hino da organização, etc. Além de conversas sobre os valores revolucionários como o amor ao povo, a importância do trabalho coletivo, o reconhecimento e respeito pelos heróis e mártires caídos na luta.

Desenvolver a cultura popular — de resistência de nosso povo na guerra popular de libertação. Se impulsionam os teatrinhos.

Os temas apresentados são populares de caráter político, educacional ou ideológicos. O conteúdo e o desenvolvimento dos temas é elaborado pelas mesmas pessoas que participam (sejam crianças ou adultos). Se representam em escolas, casas, ou acampamentos guerrilheiros.

CEDEM

Geralmente tem um aspecto engraçado para que seja também uma atividade de lazer. Logo após a representação se faz uma discussão sobre o que o tema quis transmitir.

Todos os esforços desta educação promovida pelo **PPL** tem como objetivo capacitar ao indivíduo para conquistar a qualquer custo a felicidade que por tanto tempo foi negada ao povo.

Agitação e Propaganda — Dentro da estrutura do **PPL** se escolhem os encarregados da agitação e propaganda que planejam suas tarefas a fim de conscientizar e educar politicamente a população, organizando-a em tarefas concretas como os coletivos da produção ou a defesa do terreno nas Milícias Populares.

Os meios de agitação são: por um lado, a propaganda escrita em forma de mantas, murais, ou pichações nas paredes.

Em alguans zonas os coletivos dispõem de mimeógrafos de madeira e tecido para a elaboração de folhetos simples ou folhas voadoras.

Por outro lado, chamam ao povo para realizar atos políticos, onde informa-se sobre o desenvolvimento político e militar da luta de libertação na localidade, ou ao nível do país. Realizam-se também atos para comemorar os companheiros caídos.

Os responsáveis da propaganda elaboram um censo da população pesquisando quem na localidade tem familiares dentro do exército, para assim poder impulsionar um trabalho sutil de penetração e desestabilização do inimigo.

A propaganda compreende também a organização da vida diária dentro das zonas controladas, campanhas de saúde, alfabetização e são eles os que impulsionam os dias de trabalho voluntário, chamados "dias Farabundistas".

Justiça — Nas zonas controladas pela **FMLN** a justiça está nas mãos do povo. Os **PPL** se encarregam de administrar esta justiça popular.

Formaram-se já, os Tribunais, integrados pelo presidente do **PPL**, o chefe das Milícias da localidade e um membro da integração partidária. Estes Tribunais de Justiça Popular, junto com a população da localidade ou com a Assembléia de Base, são os encarregados de estabelecer leis que ordenem a vida diária e de ditar sentença ante qualquer ato delituoso que aconteça na população civil.

Após uma investigação minuciosa realizada pelo Tribunal de Justiça Popular, convoca-se à população inteira e se coloca o caso, tendo o acusado a oportunidade de expor ante o plenário sua defesa ao longo de uma discussão o Tribunal determina a culpabilidade e a sentença.

O Coronel Castilho fala às Forças Armadas

Depois de passar nove meses como prisioneiro, o ex-Vice-Ministro da Defesa, através da **RÁDIO VENCEREMOS**, Voz Oficial da **FMLN**, dirigiu-se aos soldados, sargentos e oficiais e ao povo salvadorenho para expôr suas impressões, julgamentos e experiências a respeito do curso da guerra vivida em El Salvador.

Sem deixar de considerar-se membro das Forças Armadas, o Coronel Castillo vê o fracasso para onde o Alto Comando e principalmente o General Garcia a estão levando.

Decidi, cumprindo um dever profissional e moral, fazer algo que nem o General Garcia, nem o coronel Flóres Lima ousariam fazer, ir à frente de combate para conhecer de perto a situação das tropas e dar-lhes moral.

Já se passaram praticamente 9 meses desde minha captura pelas forças guerrilheiras aqui em Morazán. Creio ser importante transmitir ao povo e a meus companheiros de armas, minhas experiências, julgamentos e impressões.

As circunstâncias em que fui capturado são conhecidas, já que foram divulgadas pelos meios de informação nacionais e internacionais. Contudo, creio que é necessário esclarecer alguns aspectos em relação à minha captura, já que no interior das Forças Armadas circularam versões propaladas pelos setores interessados.

No mês de junho do ano passado, a guerrilha tinha nos posto numa situação bastante difícil, aqui em Morazán, não apenas no terreno militar, mas, também, no político. Se tínhamos repetido que, a partir das eleições de Março a guerrilha estava derrotada, eles tinham nos dado um forte golpe ao realizar, com êxito, uma manobra de cerco e aniquilamento de 3 companhias nossas, e, além disso, mantinham sob cerco, no povoado de San Fernando, 250 elementos do Centro de Instrução de Comandos de Gotera. Estes 250 homens estavam bastante desmoralizados, e temíamos que de um momento para o outro fossem aniquilados pelos guerrilheiros. Discutimos esta situação com os membros do Alto Comando e do Estado-Maior, mas o tempo passava e não chegávamos a um acordo quanto à resposta a ser dada. Foi por isso que decidi, cumprindo um dever profissional e moral, fazer algo que nem o General Garcia, nem o Coronel Flores Lima, tinham se atrevido a fazer desde o início do conflito. No dia 17 de junho passado, juntamente com o coronel Beltrán Luna, dirigimo-nos ao povoado de San Fernando, com o objetivo já citado.

Nas proximidades de San Fernando, nosso helicóptero foi atacado pelos guerrilheiros, atingido por balas, e nos precipitamos em terra. Ao espatifar-nos, o coronel Beltrán Luna morreu imediatamente, assim como meu assistente. O piloto e eu recebemos feridas leves; o piloto fugiu em direção a Honduras. Na confusão que reinou logo após nos derrubarem, encontrei-me sozinho; decidi fugir rumo ao território Hondurenho, e foi nessa tentativa de deslocar-me para Honduras que me capturaram. Posteriormente a minha prisão, inteirei-me de que vários oficiais, alguns comandantes que eu considerava mais amigos pessoais que companheiros de armas, lançaram nas Forças Armadas versões de que isso me tinha acontecido por andar bêbado; que, com o devido perdão, isso havia acontecido por ter-me "encagaçado", que eu próprio tinha procurado isso; outros chegaram a dizer que eu tinha vínculos com a guerrilha e tinha vindo me entregar, quando o que fiz foi cumprir um dever profissional de militar; o que, repito, nem meu General Garcia, nem o Coronel Flores Lima, nem nenhum outro chefe militar ousa fazer.

Continuo sendo membro das Forças Armadas... ainda não compreendo por que não fazem essa troca... abandonaram-me, destituiram-me de meu cargo e enganaram minha família. A instituição está dividida e caminha para sua própria destruição.

Quero deixar bem claro que que mesmo sendo prisioneiro da querrilha, continuo sendo membro das Forças Armadas; mas que acho que é justo que transmita ao povo e a meus companheiros de armas está análise que decorre de minha permanência por nove meses neste local. Vendo daqui, passo a entender muitas coisas que antes não entendia. Quando os guerrilheiros me capturaram, achei que iam me matar, mas me dei conta de que os guerrilheiros não agem assim com os prisioneiros. Aí pensei que os guerrilheiros iam exigir do governo a liberdade de companheiros seus, em troca de minha libertação. Eu estava certo de que o Alto Comando e o governo concordariam em realizar a troca. Com o tempo, desenganei-me.

Estabeleci contato com minha família, através da Cruz Vermelha Internacional. Pude constatar que meu General Garcia e o coronel Flores Lima enganavam minha família, já que meu General Garcia praticamente encerrou o caso ao se negar a fazer a troca. A troca de prisioneiros é normal em todas as guerras. Bem, meu General Garcia nunca aceitou receber prisioneiros da guerrilha, e foi só quando o número de prisioneiros já era muito grande, que se decidiu a receber prisioneiros de guerra, já que isso estava causando efeitos muito negativos nos quartéis. No meu caso, achei que ia ser diferente. Por que? Bem, por causa do meu cargo e graduação, mas lamentavelmente não foi assim;

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

abandonaram-me, destituiram-me de meu cargo e enganaram minha família.

Eu me pergunto a pergunto a meus companheiros de armas: Numa guerra em que todos estamos expostos a muitos riscos, inclusive o de ser capturado pelo inimigo, pode algum soldado, algum oficial, confiar num Alto Comando que deixa abandonados não apenas os soldados, mas também os chefes, como é o meu caso? Creio que não. Acho que é porque o Alto Comando trata de maneira errada várias situações, como meu caso, por exemplo, é que a instituição está dividida e marcha para sua própria destruição. Nestes 9 meses que estou vivendo como prisioneiro, pude ver a alta moral dos combatentes da guerrilha e pude apreciar as relações entre os comandantes e a tropa. Todos, sem exceção, dormem nas mesmas condições, comem a mesma coisa, os comandantes vão à linha de fogo e mantêm contato direto com a tropa, o que não acontece nas Forças armadas.

A relação entre o comando e as tropas é totalmente diferente da relação que existe entre os soldados e oficiais das Forças Armadas... A disciplina é baseada em convicções... Não vi nenhum cubano, nenhum nicaragüense e muito menos algum russo. A guerrilha ataca a economia, mas não a população civil.

Quero referir-me também a vários aspectos que são ensinados aos membros das Forças Armadas em relação à guerrilha. Aspectos que pude comprovar que são falsos. Dizem que os guerrilheiros são uns assassinos, uns desalmados, e tenho podido comprovar por minha própria situação que é exatamente o contrário. Desde que me capturaram, os guerrilheiros têm me dado um bom tratamento, curaram os ferimentos que sofri, permitiram-me trocar cartas com minha família e a Cruz Vermelha vinha visitar-me periodicamente. E fazem isso com todos os prisioneiros.

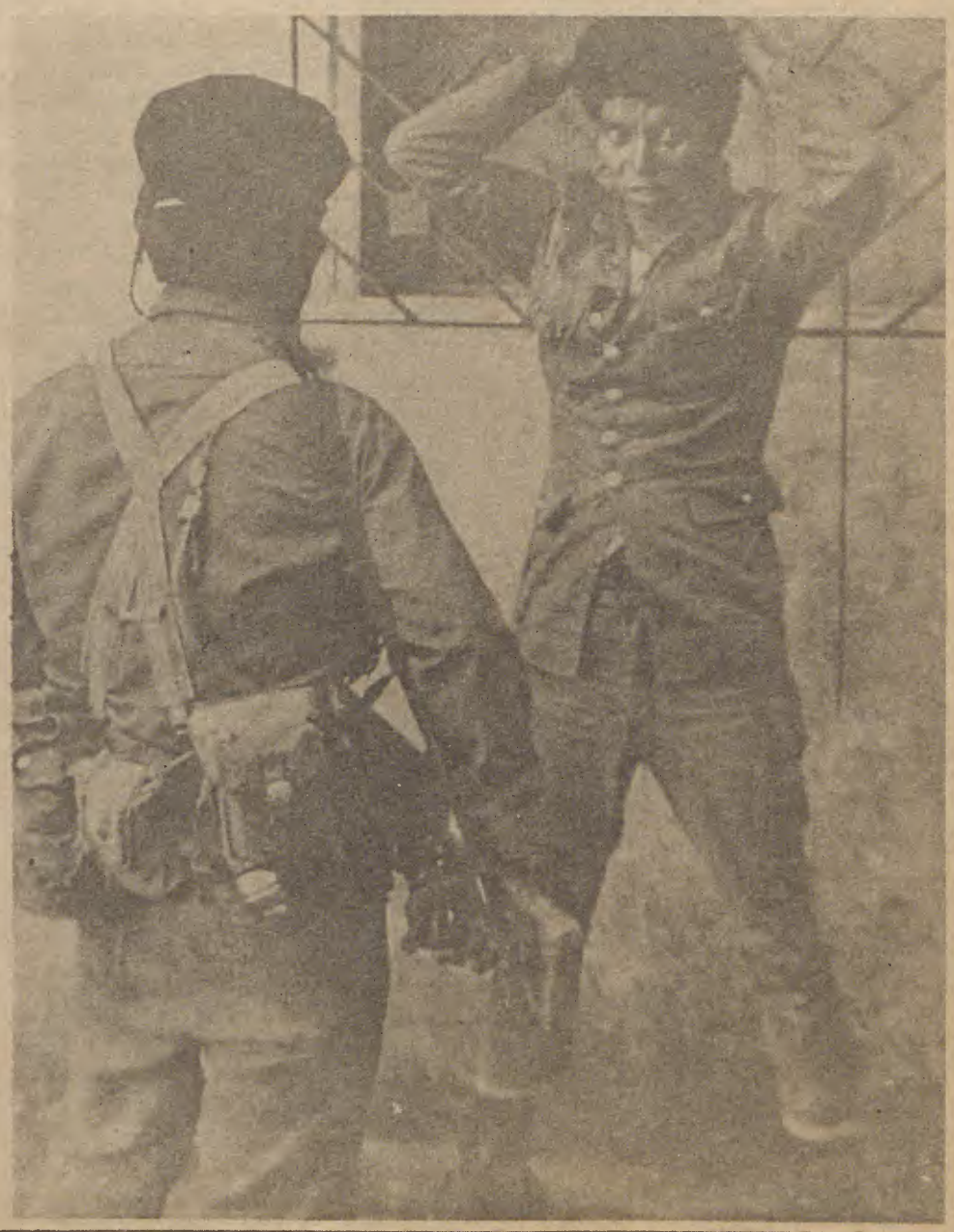
Pude comprovar o sacrifício e a humildade dos combatentes e dos comandantes da guerrilha que, apesar de serem camponeses, possuem uma grande capacidade militar. Quando os guerrilheiros capturaram peças de morteiro de 120 mm. do exército, achei que iam ser incapazes de utilizá-lo efetivamente, mas para meu espanto verifiquei, daí a alguns dias, que estavam usando com eficiência os morteiros de 120 mm. Na guerrilha não existem castigos físicos, não humilham os combatentes, não maltratam os combatentes, não os espancam, a disciplina se baseia nas convicções. É natural que um exército assim tenha moral na hora do combate.

Outra idéia generalizada nas Forças Armadas é a de que nicaragüenses, cubanos e até russos estão combatendo na guerrilha. Durante o tempo em que estou aqui, não vi nem um único cubano, nicaragüense e, muito menos, russo. Tenho visto alguns médicos e jornalistas de outras nacionalidades, mexicanos, venezuelanos etc. O que vi foi, sim, milhares de camponeses, estudantes, operários e até profissionais liberais salvadorenhos. Procuram ensinar nas Forças Armadas a idéia de que a guerrilha está destruindo o país; em relação a isso quero dizer que o que está destruindo o país é a guerra. Em todas as guerras, a economia é um objetivo militar, e é preciso que fique claro que a **FMLN** quer tomar o poder e o poder se baseia na economia. Então, é lógico que procurem quebrar a economia, para tomar o poder. Por exemplo, a sabotagem da Ponte de Ouro sobre o rio Lempa foi um forte golpe econômico e militar. Se, para a **FMLN**, as causas da guerra são justas, então a sabotagem é justa. Na medida em que a guerrilha aumenta a sabotagem, fica evidente a capacidade das Forças Armadas para controlar a situação. A guerrilha ataca a economia, mas não ataca a população civil como, isso sim, o fazem os setores das Forças Armadas. E isso eu pude comprovar quando a Força Aérea bombardeou os povoados de San Fernando e Meanguera.

Outra falsidade que espalham nas Forças Armadas é a de que a direção da **FMLN** está no estrangeiro. Bem, eu me encontrei com os mais altos dirigentes da **FMLN** e é notória a diferença que existe entre os membros do Alto Comando e os chefes guerrilheiros. Tenho sido testemunha de como eles coordenam operações sob fogo de morteiros e da aviação, o que nós nunca fizemos. Isso é feito diariamente na guerrilha, os chefes da guerrilha estão aqui e são eles que dirigem a guerra. Segundo pude me inteirar, a guerrilha conta com um poderoso apoio exterior. Nós temos a idéia de que Cuba e Nicarágua ajudam os guerrilheiros, mas muitos outros governos a apoiam. Acho, numa apreciação global da situação, que a Força Armada da guerrilha lhe permite, sim, ter o domínio da situação regional.

A instituição armada jogou de lado os ideais com os quais foi criada, foi instrumentalizada ao ponto de ter sido transformada em uma força a serviço das famílias acomodadas e dos interesses dos Estados Unidos. As causas econômicas saltam à vista.

Quero me referir também a um aspecto muito importante, isto é, às razões da guerra, as causas do conflito. Dão a nossos soldados explicações abstratas, dizse que a pátria está em perigo, que esta é a guerra contra o comunismo. Contudo, nas Forças Armadas quase todos sabemos que as causas do conflito estão na injustiça social. A instituição armada jogou de lado os ideais com que foi criada, foi instrumentalizada ao ponto de ter sido transformada em uma força a serviço das famílias acomodadas e dos interesses dos Estados Unidos. Setores dentro da instituição transformaram as Forças Armadas em seu instrumento para oprimir o povo.



Há anos estes setores vem fazendo desaparecer, capturando, espancando e assassinando milhares de salvadorenhos. Nós, os chefes militares, demo-nos conta disso direta ou indiretamente. Basta perguntar: O que é feito com os prisioneiros na Guarda Nacional ou na Polícia de Fazenda, ou que trabalho que realizam a Polícia de Fazenda e o Coronel Morán? Uma vez, passei por El Mozote e vi claramente as marcas do genocídio realizado pelo Batalhão Atacatl, comandado pelo Tenente-coronel Domingo Monterrosa. É claro que, em resposta a essa repressão, o povo criasse um aparato armado que, de início, eram apenas alguns guerrilheiros nas cidades e agora se transformaram em um outro exército. É falso que a guerrilha tenha iniciado essa guerra. Foram as Forças Armadas que, influenciadas por determinados setores, iniciou o conflito ao pôr-se a serviço das famílias acomodadas e dos Estados Unidos.

As causas econômicas da guerra estão à vista: a desnutrição, o desemprego, o analfabetismo, a falta de saúde, a falta de moradia, coisa que os diferentes governos que o país teve não puderam solucionar, e que nem mesmo as Forças Armadas se interessaram em levar adiante. Depois do dia 15 de outubro, anunciou-se a realização da reforma agrária. E o que setores das Forças Armadas fizeram foi massacrar camponeses que tinham ocupado algumas fazendas, como ocorreu em Congo ou na fazenda Colima. Posteriormente, as Forças Armadas ocuparam terras para a reforma agrária e, um ano depois, estava devolvendo-as a seus antigos proprietários. Quem ganhou com a reforma agrária foram os interesses políticos.

Outro fator que levou as Forças Armadas a enfrentarem seu próprio povo foi a corrupção na instituição. É sabido por todos que a corrupção virou quase um direito dos militares; os membros do Alto Comando têm conta bancária no estrangeiro, como, por exemplo, meu General Garcia.

Alguns militares, da noite para o dia, tornaram-se latifundiários, como meu General Sánchez Hernández, ou industriais, como

é o caso de meu coronel Mario Guerrero. Outros, chegaram ao ponto de se tornarem contrabandistas de armas e drogas, como o caso do Coronel Onecífero Blandón. Dentro da instituição, há alguns que não são nada menos que ladrões, como é o caso do Coronel Larios Guerra, só para mencionar um exemplo.

Outro caso importante de corrupção é o do Presidente Álvaro Maganã, que é um homem servil, apoiado pelos militares porque quando era presidente do Banco Hipotecário tinha uma atitude servil para com eles, no que se refere aos empréstimos bancários. A injustiça social, a repressão e a corrupção foram os fatores que motivaram este conflito que hoje ensangüenta nossa Pátria.

Devemos analisar objetivamente qual é o atual estado da guerra. Neste ponto, creio que tenho mais elementos para analisar essa situação que qualquer outro membro do Alto Comando, porque conheço perfeitamente como as Forças Armadas conduzem a guerra e tenho podido apreciar, com as limitações impostas por minha condição de prisioneiro, a guerra, do lado da guerrilha. Defendíamos a tese de que tanto a guerrilha como as Forças Armadas se desenvolveriam, mas que íamos ter vantagem nesse desenvolvimento e, por isso, a derrota da guerrilha era questão de tempo. Mas as coisas não aconteceram assim. A guerra já passou por várias etapas e o exército é incapaz de controlar essas etapas, cada dia perdemos armas e não apenas fuzis, mas, também, artilharia, inclusive pesada.

Vi passar por aqui dezenas, senão centenas de fuzis que a guerrilha toma ao exército; vi passar por aqui dezenas de soldados, sargentos e até oficiais que foram feitos prisioneiros pela guerrilha. Cada dia, as Forças Armadas perdem terreno e, num país pequeno, perder terreno é perder a capacidade de domínio estratégico. As Forças Armadas foram postas, praticamente, na defensiva; creio que as Forças Armadas estão correndo um sério perigo, e que somente um milagre pode nos salvar. Isso constatei aqui, quando se iniciam operações das Forças Armadas e escuto o enorme gasto de munição, de fogo de artilharia e de aviação, totalmente ineficiente. Quando termina a operação, nem bem os últimos soldados se retiram, a vida volta à normalidade nas zonas controladas pela guerrilha.

O exército deixa cada vez mais terreno para a guerrilha; são dezenas de povoados que estão sem a presença das Forças Armadas. Aqui onde me encontro, fala-se de 1.200 quilômetros quadrados controlados pela (subversão), e é realmente assim.

Cada vez mais os guerrilheiros aproximam suas frentes de luta de San Francisco Gotera. Assim aconteceu em Usulután, onde foram tomando pequenas povoações, até atingir o objetivo principal, que era Berlín.

A **FMLN** cada vez mais se abastece nas Forças Armadas: toda a artilharia que os guerrilheiros têm foi tomada do exército. Em oposição a isso, as Forças Armadas dependem cada vez mais dos milhões de dólares que os Estados Unidos nos enviam, o que provocou o envolvimento direto dos norte-americanos em nossos assuntos internos. Já não se pode mais auxiliar o exército com armas ou meios. A esta altura, o que poderia ajudar as Forças Armadas seria a participação de outras forças, e isso os membros do Alto Comando bem o sabem e foi por isso que se procurou a participação do exército de Honduras.

Em junho do ano passado, ante a difícil situação em que nos encontramos, eu mesmo participei dos planos de coordenação com o exército hondurenho, já que o governo de Honduras tinha tomado a decisão política de intervir no conflito e se tinha também o apoio e consentimento dos Estados Unidos. Contudo, a guerrilha deu a resposta no próprio território de Honduras, tomou represálias contra Honduras. Até agora, a Força Aérea de Honduras mantém sua colaboração para conosco. Como militar, sei que a participação dos assessores norte-americanos, venezuelanos e argentinos, a participação de tropas hondurenhas, têm efeitos bastante negativos na tropa.

Em seguida ao fracasso da operação coordenada entre ambos exércitos, em junho passado, as Forças Armadas passaram a contar, para sua sobrevivência, somente com os batalhões especiais. E estes estão sendo dizimados. Os batalhões especiais saem de uma operação para outra, constantemente; ocupam, mas não garantem o terreno que perdemos; as forças locais estão desmoronando e os batalhões especiais estão se esgotando, sofrendo constantemente muitas baixas. Por seu lado, a guerrilha tem um crescimento mais acelerado de suas forças. Insisto em que as Forças Armadas estão em sério perigo.

A **FMLN** pode ganhar a guerra, a existência das Forças Armadas está em perigo, mas acho que há elementos sãos e responsáveis nas Forças Armadas que podem desempenhar um papel muito importante para evitar que a instituição desapareça. É lamentável a situação a que chegou a Instituição Armada, pela irresponsabilidade de militares, como meu General Vides Casanova e

outros. As Forças Armadas estão divididas, como ficou evidenciado com a insubordinação do tenente-coronel Sigfrido Ochoa Perez em princípios deste ano. É realmente vergonhoso para as Forças Armadas que dois altos chefes se ponham, como se diz vulgarmente, lavando a roupa suja em público.

Ante a impossibilidade de derrotar militarmente a guerrilha, o governo dos Estados Unidos traçou a estratégia das eleições, para obter uma vitória política. As eleições de 28 de março eram nossa esperança. Quero esclarecer que as eleições foram planificadas para que aparecessem como um êxito, pelo menos na capital: pusemos poucas urnas, para provocar concentrações de pessoas, fez-se um trabalho de intimidação do funcionalismo púbico e privado, para que as pessoas fossem votar. No interior do país, praticamente não houve eleições. Bem, a prova de que as eleições foram um fracasso é que já se passou quase um ano e a guerrilha está nos derrotando, nenhum problema foi solucionado com as eleições, a maioria das pessoas que votaram fizeram-no porque acreditaram que depois das eleições íamos negociar com a guerrilha e, por fim, se ia conseguir a paz.

Novamente se volta a propor eleições para esse final de ano. Elas estão condenadas ao fracasso, porque os Estados Unidos e as Forças Armadas não querem entender que a **FMLN** é um poder político e militar. Quem acreditará em eleições garantidas por meu General García, por meu General Vides Casanova, pelo Coronel Flores Lima e muitos outros responsáveis. Isso é absurdo, é fechar os olhos frente à realidade.

Para finalizar, quero fazer um chamado a meus companheiros de armas. Compreendi nestes meses que a **FMLN** é um poder político-militar com um forte apoio popular. E o problema não é o de se recebem ou não armas do exterior; o problema é que há milhares de homens dispostos a empunhar essas armas, que têm aprendido a usá-las e já constituem outro exército. Conforme essa situação das Forças Armadas, a solução não está nem na continuação da guerra, nem nas eleições.

A instituição armada não foi criada para que centenas de soldados e oficiais morressem para defender os interesses das famílias acomodadas ou dos Estados Unidos.

Companheiros, esta guerra nos levará à destruição do país e, o que é pior, a que este conflito possa se converter em ponto de partida para uma conflagração a nível internacional, de graves conseqüências. As Forças Armadas têm que buscar, como um dever histórico, o reencontro com o povo. Mas para alcançar o reencontro com o povo, penso, e acho que muitos outros companheiros de armas pensam do mesmo jeito, que as Forças Armadas devem ser depuradas: há elementos corruptos que é preciso expulsar, porque são elementos que mancham de sangue a honra da instituição.

É preciso resolver o problema dos corpos de segurança, dos batalhões especiais que tanta morte têm semeado no campo e nas cidades. Temos que ter claro que não podemos pedir à **FMLN** que deponha as armas.

A **FMLN** é um poder político e militar real. É absurdo pedir que deponha as armas, quando são eles que estão ganhando a guerra, e nisso estão de acordo funcionários do governo dos Estados Unidos e a imprensa internacional, conforme pude escutar nas notícias do rádio. A solução para evitar a destruição das Forças Armadas é esse reencontro com nosso povo e suas forças organizadas, a **FMLN**, é recolher essa nobre aspiração que muitos de nossos companheiros expressaram em abril de 1944, em março de 1972 e em 15 de outubro de 1979. Creio que não é apenas necessário, mas um dever, o reencontro com nosso povo, para que, então, com toda sinceridade, e não como simples propaganda, possamos dizer orgulhosamente: Todos pela pátria, povo e Forças Armadas juntos.

CEDEM

A Igreja popular em El Salvador

A Igreja de El Salvador começou a ser conhecida no mundo através do testemunho de seus sarcedotes, mártires do povo. O caminho se abre especialmente pelo testemunho e pelo martírio de nosso bispo, Monsenhor Oscar Romero. É por isso que muitas pessoas se aproximam de nós para perguntar por essa Igreja com admiração e, alguns, com receio ou condenações. Este pedaço de povo salvadorenho fermentado de Evangelho e situado no interior do processo popular de liberação não pode ser definido, mas gostaríamos de descrevê-lo por meio de alguns fatos de sua história recente.

Nos dias de hoje, essa Igreja, composta de centenas de Comunidades Eclesiais de Base, que vivem sua fé em "zonas sob controle popular", em "zonas de expansão" ou nas cidades ainda consideradas como "zonas do inimigo", vai adquirindo organicidade através da COORDENAÇÃO NACIONAL DA IGREJA POPULAR - CONIP. É o momento atual de um processo pastoral libertador que recolhe a melhor experiência da igreja dos pobres em nosso povo e, por isso, sente-se herdeira do bispo Antônio Valdivieso, o bispo mártir de León, por defender os índios, o índio Anastacio Aquino, o padre Palacios de San Miguel, em 1871, e os heróis de 32: José Feliciano Ama ou Chico Sánchez.

1. Surgimento popular: 1960

a) No ano de 1960, por diversas circunstâncias, as maiorias populares de nosso povo emergiram porque vislumbraram, pela primeira vez em muitos anos, uma esperança de libertação.

Surge também, nesse momento, uma primeira tentativa de impulsionar a luta armada revolucionária no país, e vão sendo criados núcleos que se preparam para a guerrilha. Foi o FUAR, que teve uma vida muito breve.

b) Naquela época, também a Igreja procurava responder ao momento, criando uma mística de incorporação dos cristãos à vida política e, nesse sentido, são deflagrados movimentos animados pela hierarquia, que terão repercussões no futuro.

1. É trazido da Venezuela o método dos "Cursos de Capacitação Social", dirigidos a estudantes e profissionais liberais, para formar quadros da Democracia Cristã.

2. É dado um grande impulso ao movimento das Cooperativas que se coordenam no FUNPROCOOP, apadrinhadas por Mons. Chávez e estimuladas pelo Pe. Maeda. Tinha sua escola de formação de quadros, que tiveram uma grande influência futuramente.

3. Resgata-se a Doutrina Social da Igreja para torná-la políticamente operacional.

Procura-se canalizar todo este movimento para o Partido Democrata Cristão, numa linha de anticomunismo militante. O que há de positivo nisso tudo é a mística de participação política dos cristãos e a formação de seculares conscientes.

2. CONCÍLIO VATICANO II

A presença de nossos bispos no Concílio permitiu-lhes assumir novas perspectivas e, especialmente os bispos da Arquidiocese de San Salvador, sentem a necessidade de lançar uma séria programação para formação do clero e dos seculares.

a) É deflagrado um novo dinamismo no Seminário, onde se começa a combinar o estudo teológico na linha do Concílio com a prática pastoral, especialmente no campo.

b) Dá-se acolhida a muitos movimentos apostólicos de "atualização" da Igreja, como o MFC, o Mundo Melhor, os Cursilhos de Cristandade, etc, que se desenvolvem nos setores da burguesia.

Em 1965, começam a surgir novos movimentos que, de um modo mais consciente, assumem a perspectiva dos empobrecidos e de suas organizações, embora ainda são com análises próximas às da D.C.

a) Os padres são deflagradores da UNOC, que tem suas expressões na FECCAS, para o campo, ou FESTRAS, para o setor operário.

b) Por influência da experiência de Choluteca (Honduras), formam-se Centros de Formação Camponesa como "El Castaño" e, em seguida, outros, onde são formados agentes de pastoral com liderança na comunidade civil.

c) Corporificam-se novamente movimentos cristãos de juventude, de forma massiva, como as "jornadas", JOC, ACUS, JEC, com predominância de colégios católicos que procuram viver a expriência das favelas ou do campesinato.

d) Na zona surburbana, estimulam-se o Movimento da Família de Deus, conforme a experiência de San Miguelito, Panamá, que já contém uma dinâmica de Comunidades de Base. Da mesma forma, aumenta-se a participação de massas nos "Fins de Semana com Cristo" e na "Igreja Jovem".

3. CAMINHOS DE COORDENAÇÃO

Em 1967, há uma efervência de luta popular e são deflagradas greves que começam a superar os limites economicistas. Têm, também, um significado especial, as greves de professores que são levadas a cabo nessa época. Aqui, muitos critãos participam espontaneamente.

a) Nasce o Centro de Estudos Sociais e Promoção Popular (CESPROP), que vai recolhendo todas essas inquietações e pretende deflagradar novos níveis de análise da realidade nacional, como ponto de partida para viver e celelebrar a fé. O CESPROP é patrocinado pela arquidioce, embora sua direção esteja nas mãos da Juventude da D.C. Daqui sairão muitos dirigentes do Movimento Revolucionário.

b) Em 1968, os bispos de El Salvador participam em Medellin e assumem o eixo da Libertação para pensar a fé e organizar as tarefas pastorais.

c) Entre os jovens critãos, surge uma crise de identidade cristã, pois ao assumir novos níveis científicos para a compreensão da realidade, não encontram a explicitação da fé, enquanto outros iniciam caminhos de novas sínteses ou convergências entre fé e revolução.

d) Os sacerdotes diocesanos, face aos novos desafios, procuram formas de Coordenação, pois as estruturas da igreja Salvadorenha não respondem a suas inquietações. O primeiro feito significativo desse grupo de sacerdotes é a denúncia da nomeação do Monsenhor Casariego como Cardeal na América Central, e uma denúncia pública do partido oficial (PCN) como manipulador do povo.

Os objetivos desta Coordenação são:

1. Partilhar as novas inquietações e a problemática que vive o povo em um ambiente de amizade. Todos estes sacerdotes viveram a nova experiência do Seminário juntos e havia entre eles um forte clima de amizade.

2. O estudo conjunto das novas experiências que surgiam na América Latina.

3. Coordenação do trabalho pastoral.

4. Planificação de ações conjunturais conjuntas.

5. Dar respostas conjuntas às ondas de repressão.

4. A PRIMEIRA SEMANA NACIONAL DE PASTORAL

O crescimento do movimento popular, as novas formas de lutas que vão surgindo e a crise provocada pelo conflito entre El Salvador e Honduras, dentro da manifestação da crise econômica, propicia o surgimento de movimentos político-militares que vão incidir gravamente na totalidade do povo. Assim, são formadas em primeiro lugar as Forças Populares de Libertação Farabundo Martí (FLP) e, meses mais tarde, o Exército Revolucionário do Povo (ERP), nos quais se incorporam muitos dos cristãos dos movimentos dos anos 60.

Toda essa experiência questiona fortemente a Igreja e suas estruturas pastorais e métodos. É por isso que se procura dar resposta, e isso nos leva a convocar uma Semana Nacional de pastoral.

a) Era como um Sínodo, mas escapando a todas as travas canônicas. Foi precedido de jornadas de reflexão e estudo nos setores mais inquietos da Igreja e das Comunidades.

b) Houve confrontos de posturas e métodos pastorais, mas em geral foi um momento em que se pôs em comum a metodologia teológica da Libertação. O trabalho pastoral foi igualmente legitimado e massificadas as experiências mais avançadas das Comunidades e seu compromisso com a mudança da sociedade.

c) Dão-se novos níveis de coordenação na formação dos agentes de pastoral e nos métodos de trabalho das experiências de Cuzcatlán, Suchitoto, Morazán ou San Vicente, assim como dos Centros de formação camponesa já florescentes.

d) Os resultados desta Semana foram questionados por alguns bispos e, de Roma, foram pedidas explicações a Mons. Rivera, Bispo Auxiliar de San Salvador.

CEDEM

e) Fundados nessa experiência, foram feitos materiais de trabalho com as Comunidades, como o boletim das comunidades camponesas: "Justiça e Paz" e "Notas de Estudo", que ajudaram muitíssimo a análise da realidade.

5. INCORPORAÇÃO DAS RELIGIOSAS À PASTORAL

O movimento pastoral da arquidiocese e a aproximação espontânea ao mundo das favelas tinha provocado questionamentos em muitas comunidades religiosas femininas. Algumas das mais inquietas optavam por deixar as comunidades quando estas eram um obstáculo para o trabalho pastoral no mundo dos pobres.

Por outro lado, Mons. Chávez sentia cada dia mais a urgência de atender pastoralmente a tantas comunidades que iam surgindo e, por isso, propôs a todas as comunidades religiosas um plano conjunto de formação coordenada por pequenas equipes de religiosas que tomassem a seu cargo paroquias, especialmente nas zonas rurais.

Foram feitos cursos de preparação e foram sendo criadas estruturas de coordenação entre todas as equipes para realizar avalições e planejamentos contínuos.

Este fato foi motivador e dinamizador até mesmo para os próprios colégios católicos, de onde saíram a maioria das "religiosas da pastoral", que se sentiram questionadas pelas experiências de suas irmãs. Chegou um momento em que já eram mais de quarenta as equipes de religiosas que foram se abrindo para a problemática do povo de um modo integral e foram entrando em um processo de coordenação com as instâncias colegiadas da Igreja Popular.

6. AS COMUNIDADES CRISTÃS E O MOVIMENTO POPULAR

O aguçamento da crise econômica, a fraude eleitoral de 1972 e a incidência dos Movimentos político-militares no povo, fizeram com que grande setores populares convergissem para novas formas de organização e de luta. É neste espaço, também, que surgem movimentos de convergência entre Comunidades, grupos cristãos e movimentos populares a níveis mais amplos. Nessa época, muitos cristãos já estão militando, por exemplo, na FEC-CAS-UTC e mesmo em movimentos político-militares.

a) Nasce o "Movimento", grupo de estudantes de teologia e cristãos universitários que assumem como sua tarefa ser "Colaboradores" dos grupos e movimentos camponeses para que estes assumam novos níveis de organização em torno de seus interesses objetivos; exige-se uma grande contextura revolucionária e deflagram novam formas de luta popular.

b) Tem início uma série de reuniões entre grupos de cristãos e organizações de massas que fundarão com o surgimento da FAPU, que nasce com um "setor cristão", mas logo desaparece. Esta primeira frente sofreu muitas crises internas e aqueles que participavam do "setor" também se apercebem de que os cristãos não podem ser "setor" de nada.

c) Neste ano de 1974 dão-se inúmeros conflitos trabalhistas e deflagradas lutas populares nas quais participam significamente grupos e comunidades cristãs. Um fato sintomático é a ocupação de terras de "La cayetana".

Dentro do plano pastoral da paroquia de Tecoluca, é deflagrada, por razões justíssimas, esta ocupação pacífica de terras. A Guarda Nacional chega para massacrar aquele povoado e assassina seis irmãos. Ao mesmo tempo, descobre-se que há pessoas organizadas dentro da comunidade e o bispo de San Vicente, Mons. Aparício, reage violentamente contra este fato que qualifica de manipulador da fé do povo.

As Forças Populares de Libertação (FPL), citadas pelo bispo, aproveitam esta oportunidade para manifestar sua posição ante o fato religioso e ante a participação de cristãos em seu interior. É um gesto de maturidade revolucionária com um grande sentido de responsabilidade histórica.

Esse documento tem um significado especial, por ser a primeira vez que uma organização, que se autodefine como marxista-leninista, assume criativamente a militância dos cristãos.

d) Podemos dizer que nesse ano de 1974 também se dá a superação das mediações reformistas por parte dos cristãos e das comunidades para limitar a dimensão polititca do dinamismo da fé. Estas mediações reformistas foram, talvez, as que mais frustações causaram no povo cristão.

7. 30 DE JULHO DE 1975

O dinamismo do Movimento Popular ao qual se incorporam muitos membros de Comunidades Eclesiais de Base e mesmo comunidades inteiras, e o dinamismo de morte da Tirania Militar têm um momento de auge de sua confrontação no dia 30 de julho de 1975, em torno de uma manifestação universitária junto ao Seguro Social em San Salvador. A manifestação, totalmente pacífica, é reprimida com forças combinadas do Exército e dos Corpos de Segurança, que utilizam helicópteros e pequenos tanques.

A reação popular se concretiza na Catedral, onde os bispos presidem um grande funeral e, em seguida, o Movimento Popular é convocado por grupos cristãos para a primeira tomada da Catedral, que faz do templo do bispo um símbolo da libertação do povo.

Em volta da Catedral dar-se-ão, também, novos níveis de convergência de massas e de unidade revolucionária com o surgimento do Bloco Popular Revolucionário.

O ano termina com o incêndio, por parte da Guarda Nacional, da Igreja de San José, no centro de San Salvador.

8. SEMANA DE PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE SAN SALVADOR

Estava proposta a "II Semana Nacional", mas muitos dos bispos rompeu, nesse momento, o processo em suas dioceses e desconvocam suas comunidades. Isso é significativo para entender a necessidade da Coordenação Nacional que se vai organizando a partir das comunidades e de modo interdiocesano. Novamente se realiza um grande esforço de reflexão sobre a prática das comunidades, por um período de seis meses. Nessa Semana Nacional são dados novos passos, coletivamente. (Janeiro de 1976)

a) A nova Encíclica "Evangelli Nuntiandi", de Paulo VI, é assumida criativamente, a partir de nossa realidade.

b) A perspectiva e a problemática das Comunidades de Base assumem a hegemonia no desenvolvimento da Semana e sua presença é significativamente majoritária.

c) São assumidas como opção pastoral da arquidiocese: a pastoral intensiva, a partir das comunidades de base; a formação e consolidação dos agentes de pastoral; a configuração de todas as instâncias colegiadas da igreja arquidiocesana, de forma viva e operativa, a serviço da Pastoral Libertadora. Depois dessa Semana pode-se dizer que a diocese de San Salvador adquire uma configuração bem estruturada e dinâmica, na linha de Medellín.

UM FATO: no dia 30 de julho de 1976, em celebração do primeiro aniversário do massacre do ano anterior, é realizada a manifestação mais espetacular, até então, dos últimos 30 anos. Essa manifestação terminou em uma grande Eucaristia presidida por nove sacerdotes diocesanos salvadorenhos. Nosso arcebispo, Mons. Chávez, surpreso, convoca todos eles a partilhar com ele de uma semana de reflexão, coordenada por aquele que será o primeiro sacerdote mártir de nossa igreja salvadorenha, o padre Rutilio Grande.

9. CHEGADA DE MONSENHOR OSCAR ROMERO

O início da perseguição sistemática à Igreja em seu dinamismo pastoral pode ser localizado no dia 5 de dezembro de 1976. A partir daí, as ações de perseguição já não serão fatos isolados, mas ações planejadas e de massas. Propaganda milionária contra a Igreja e contra Mons. Chávez, expulsão de três sacerdotes, metralhamento de casas paroquiais e colocação de bombas nessas mesmas casas, etc.

No dia 20 de fevereiro, dá-se, novamente, uma fraude eleitoral ampla e descarada, que culmina com o massacre da população na praça de "La Liberdad", no dia 28 fevereiro, depois que o padre Alfonso Navarro (assassinado no dia 11 de maio) presidiu à Eucaristia nessa mesma praça.

A Coordenação da Igreja Popular, que nessa época se chamava "A Nacional" já tinha um alto grau de organicidade, e tínhamos reuniões mensais a nível nacional e a nível diocesano, para a coordenação e direção conjunta do trabalho.

a) Mons. Romero, em função do testemunho evangélico das Comunidades e de nossos mártires, assim como pelo desmascaramento das entranhas de morte do sistema, provocado pela ação do povo, entra num processo de mudança radical de sua prática pastoral e eclesial. Entra-se, assim, num processo dialético entre as CEBs e o ministério hierárquico de nosso bispo, sumamente enriquecedor e não sem conflitos. Chega-se, assim, a constituir uma Igreja Popular na qual as Comunidades, as estruturas eclesiais e o bispo configuram um modelo de Igreja especialmente profundo e evangélico.

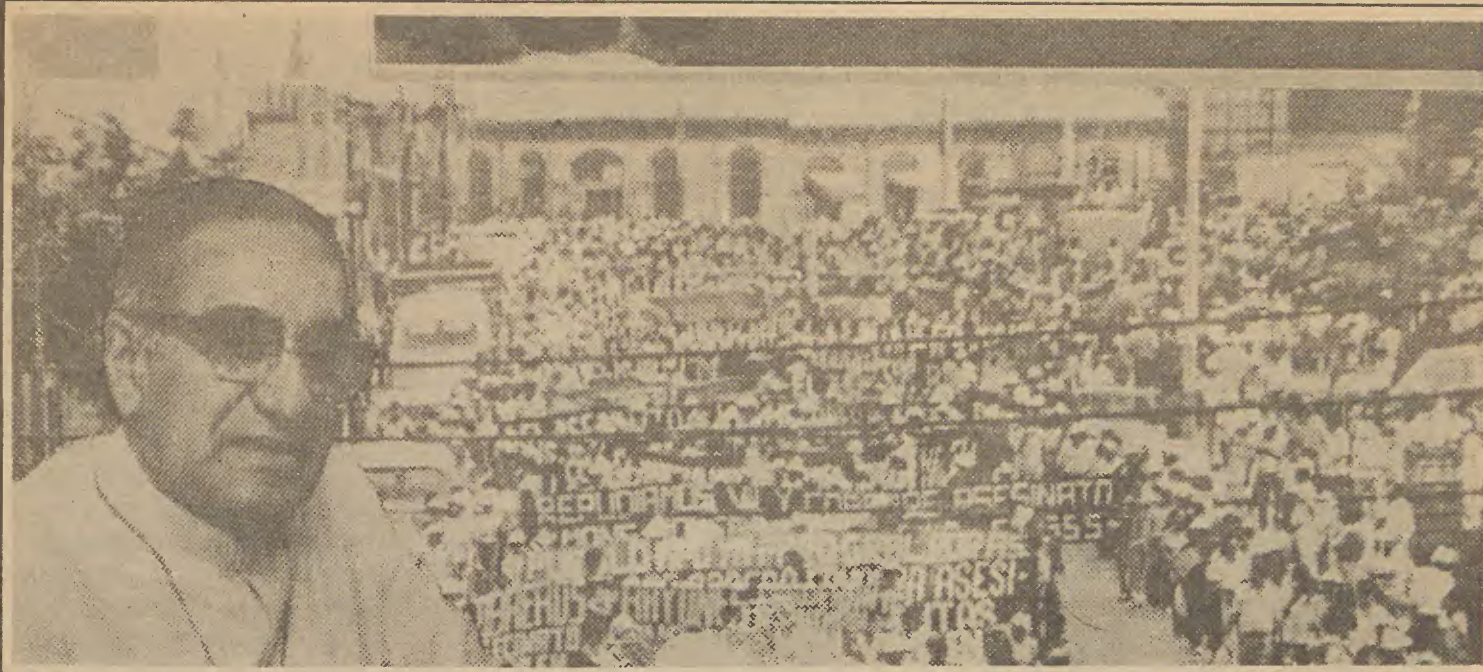
b) Dado o nível de repressão, assume um papel supletivo de ser "voz daqueles que não tem voz" e consciência crítica do sistema.

c) Na cidade, especialmente, a convergência entre a Igreja e o movimento popular adquire uma categoria superior, tal como se tinha dado anteriormente no campo.

d) Os níveis de perseguição aumentam incrivelmente. A repressão é massiva contra a igreja e as comunidades, de modo que a Bíblia é tomada como propaganda subversiva e qualquer

IMPRESSÃO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM



símbolo dos mártires ou do Monsenhor de transforma em motivo de prisão ou tortura. Nessas circunstâncias, a palavra do Monsenhor tem uma repercussão insuspeitada. Sua homília tem uma audiência de 75% no campo e 48% na cidade, e o povo em geral se identifica com ele.

e) Também a perseguição dentro da Igreja endurece. Os bispos como Mons. Aparício, visitam Roma para acusar nosso bispo de louco, e Mons. Revelo, em sua ausência, consegue superá-lo no favorecimento dos planos do Governo.

A partir de uma carta de denúncia com o antitestemunho do Núncio, são suspensos "a divinis" dez sacerdotes da diocese de San Vicente, etc.

f) Um momento crítico é a morte em combate do padre Ernesto Barrera, o primeiro sacerdote guerrilheiro, membro da FPL e, ao mesmo tempo, pároco de um bairro operário da diocese. Frente a este fato, a Igreja tem que colocar-se diretamente o problema da violência revolucionária. Mons Romero assume o fato, crítica e positivamente e, a partir disso, se coloca a compreensão do que chamávamos de pastoral de acompanhamento do povo em seu processo de libertação.

g) As Cartas Pastorais de nosso bispo vão balizando esse processo. Primeira: Interpretação pascual da situação de perseguição; Segunda: Compreensão da Igreja como serviço ao mundo e não como fim em si mesma; Terceira: Organizações populares e Comunidades de Base; Quarta: Pastoral de Acompanhamento.

O aguçamento das contradições, o triunfo sandinista e a imagem criminosa do Governo da Tirania impõe aos EUA a necessidade de realizar uma mudança para manter a dominação. É a Junta Cívico-Militar, na qual se procura mascarar a Tirania Militar com novas formas. Isso provoca vacilações eclesiasticas e as Comunidades cristãs se pronunciam abertamente em contrário, provocando uma crise que os fatos sucessivos resolverão a favor do povo. É um momento crítico também nas relações de Monsenhor Romero com as Comunidades.

10. ASSASSINATO DE MONSENHOR ROMERO

Quando Monsenhor desmascara a manobra do imperialismo, adquire uma maior lucidez que lhe permite ver com maior clareza, na perspectiva da causa popular. Aqui começa mais frontalmente a denúncia do imperialismo (Carta a Carter), a denúncia da Oligarquia como a verdadeira responsável pela morte do povo, o desmascaramento da Democracia Cristã como acobertadora dos crimes e a ordem aos soldados da Tirania para que parem de matar.

Ficam como um testamento as últimas homílias do profeta e seu discurso teológico em Louvain, em fevereiro de 1980.

As comunidades cristãs apontam como responsáveis o imperialismo, a oligarquia salvadorenha e a Tirania Militar, mas, ao mesmo tempo, denunciam como cúmplices o Núncio e três dos bispos salvadorenhos, e lhes negam participação na Eucaristia do funeral onde estão presentes bispos da Europa e América. Da hierarquia episcopal de El Salvador, somente Mons. Rivera estava ausente.
vera estava presente.

11. COORDENAÇÃO NACIONAL DA IGREJA POPULAR

Dentro do genocídio que a Junta Militar-Democrata-Cristã deflagra em seu programa de repressão e promessas, as comunidades cristãs têm que suportar também a perseguição intra-eclesial contra o testemunho e a herança de Mons. Romero. É assim que se sente a necessidade de fortalecer os vínculos de coordenação que já se estavam dando desde 1967 e que eram demasiados fracos para os momentos que se viviam.

Perde-se com Mons. Romero o centro da comunhão eclesial e se passa a temer, com seu assasinato, a traição à sua mensagem. Ao mesmo tempo, muitos sacerdotes foram assassinados e expulsos do país, ou tiveram que passar à clandestinidade para continuar acompanhando seu povo.

Por tudo isso, a partir de março, entra-se num processo de reflexão que levará à formação da Coordenação Nacional da Igreja Popular "Mons. Oscar Romero", que se propõe seguir o testemunho do Monsenhor e possibilitar a presença dos cristãos no interior do processo de Libertação do povo. Esse fato acontece no dia 4 de agosto de 1980.

A CONIP coordena as Comunidades cristãs de 12 dos 14 repartamentos do país. Está organizada por setores:

1. A Coordenação das Comunidades cristãs camponesas.
2. A Coordenação das Comunidades eclesiais urbanas.
3. A Coordenação das Organizações cristãs juvenis.
4. A Coordenação das religiosas da Pastoral.
5. A coordenação dos seminaristas.
6. O Movimento de cultura religiosa popular.

A CONIP e a FDR

Depois de consultar todas as bases da CONIP e, em assembléia de representantes de todo país, a Coordenação tomou a decisão de incorporar-se, na qualidade de "observadora", na Frente Democrática Revolucionária (FDR), por ser a única organização do povo que era esperança de vida frente ao projeto de morte simbolizado na Junta, segundo expressão de Mons. Romero. Esse fato significa:

a) Compromisso de enquadrar "a dimensão política da fé" dentro da estratégia da FDR, reconhecendo a FMLN como vanguarda do povo.

b) Compromisso de manter ao mesmo tempo a autonomia e a identidade cristã tanto no terreno intra-eclesial como no inter-eclesial.

c) Ter um canal orgânico para exercer o profetismo no interior do próprio processo.

12. SITUAÇÃO ATUAL DA COORDENAÇÃO

No dia dez de janeiro de 1981, o povo de El Salvador pôs-se em situação de OFENSIVA GERAL, o que leva a uma reestruturação do país de seus habitantes.

a) Nascem as zonas sob controle popular, retaguarda estratégica das Forças Populares.

b) São foramadas "zonas em expansão", onde se dão os enfrentamentos diários e o inimigo realiza campanhas de despopulação ou de aniquilamento.

c) E restam ainda "zonas de controle do inimigo", especialmente nas cidades.

1. Em conseqüência, a setorização da CONIP é tornada inoperante e, por outro lado, muitos dos agentes de pastoral com maior experiência assumem tarefas novas dentro do processo popular. Isso faz com que se perca a Coordenação.

2. Como prova do dinamismo das Comunidades, as tarefas pastorais vão se reproduzindo em todas as zonas, espontaneamente, mesmo nas cidades onde se tem que atuar com extremas medidas de clandestinidade.

3. No mês de maio de 1981, um grupo começa a tarefa de recoordenação, contatando as pessoas dispersas. Existem dificuldades, devido à situação de guerra popular e dado o pluralismo político necessário dentro do único projeto popular. E especialmente por falta de meios econômico.

4. Em dezembro de 1981 e em janeiro de 1982 são realizados três encontros entre responsáveis da CONIP nas diferentes zonas, nos quais é avaliado o trabalho e as dificuldades, reflete-se sobre a nova problemática e vão sendo assumidos novos esquemas de coordenação, a partir da nova situação. Nesses encontros, reafirma-se que a CONIP é um organismo da Igreja, e não uma igreja paralela, mas uma igreja de serviço ao povo a partir da perspectiva do projeto popular e sem buscar uma parcela de poder, uma igreja em comunhão eclesial e solidária com a luta de todos os povos por sua libertação.

CEDEM

A Igreja salvadorenha luta, reflete e canta

Numa pequena casa de Santa Rosa de Copán, em Honduras, encontramos um homem pequeno, marcado com traços indígenas, olhos brilhantes e um sorriso que denuncia uma pessoa tímida. Está vivendo no meio dos refugiados salvadorenhos, compartilhando com eles o risco e a pobreza. Seu nome é Porfírio Martínez, sacerdote da Igreja Popular de El Salvador.

Um Homem, um povo e uma família

— Porfírio, conte-nos algo de sua vida, de sua família, de seu povo...

— Ora, sou um sacerdote salvadorenho. Mais que seu servidor, tem sido meu povo e minha família quem tem tido alguma coisa a ver com o processo de Libertação do povo Salvadorenho. Por isso, prefiro falar deles. Agora estou na frente externa da luta de nosso povo e é preciso que se saiba isso.

Meu povoado é muito humilde, povoado de camponeses pobres. Fica numa zona semi-montanhosa, ao sul do Lago de Ilopango, a 20 Km de San Salvador e se chama Chinamequita. Somente 10% dos habitantes conseguem viver com as terrinhas que têm. O resto são bóias-frias, que dificilmente têm trabalho todo o ano. Há um grupo de comerciantes que formam o centro do povoado. Tem uns 8 mil habitantes; muitos tem que ir procurar trabalho na cidade e acabam em zonas marginalizadas.

Uma característica de meu povo tem sido a rebeldia. E isto é muito antigo, pois nossos pais nos contam que aconteceram muitas rebeliões no passado. E a mais recente aconteceu no ano de 1945. A guarda tinha castigado um dos membros do povoado, e o mataram. Todo o povo se pôs de pé e expulsou todas as autoridades militares. No dia seguinte o exército tomou a povoação inteira e a reprimiu cruel e covardemente.

Nosso povo sempre teve consciência de sua exploração e por isso sempre que lhe permitem expressar-se, fica na oposição. Quando em 1962 nasceu a Democracia Cristã, a maioria a apoiou por que representava uma oposição ao partido oficial. Vale a pena dizer que em nosso povoado há um grupinho de agentes que mantêm uma mentalidade de caciques. São os menos pobres e vivem ao lado da força, usando a astúcia para ocupar os postos públicos. Prefeitos, juízes, etc.

No entanto, à medida que cresce a consciência cívica das pessoas, vai crescendo também a resistência popular e estes senhores vão sendo isolados. É quando surgem os problemas.

Em 1972, aconteceu a fraude eleitoral, criando muita resistência no povo. E em 1974, nas eleições para prefeito, a oposição ganhou por maioria absoluta. Novamente nos roubaram a vitória e o povo já não suportou. Não se submeteram e na véspera do 1º de Maio, quando o novo prefeito imposto devia ocupar o cargo, de noite, tomaram a prefeitura e suas instalações, prenderam o policial de guarda e ficaram a postos exigindo que se respeitasse a vontade popular. Mas como não tinham suficiente prática nessas coisas, deixaram que um dos caciques saísse do povoado e avisasse os quartéis vizinhos.

Por volta de uma hora da madrugada, chegaram 4 caminhões e um pequeno tanque do exército com mais de 100 soldados e massacraram a população, prendendo todos que eram apontados pelos caciques. Cortavam o cabelo das pessoas com facão chegando também a cortar-lhe pedaços de pele. Uma senhora muito querida que estava grávida abortou ali mesmo por causa dos golpes. Foi a noite mais triste de nosso povoado.

Em seguida levaram uns 70 prisioneiros e entre eles vários parentes meus, pois o candidato a prefeito era meu irmão.

A partir deste acontecimento, a maioria tomou outro caminho. Já sabiam que os caminhos eleitorais só serviam para que o povo sofresse mais e começaram a se unir em organizações populares conseqüentes e combativas. Assim é que a maioria se incorpora à União de Trabalhadores do Campo (UTC) que forma parte do setor camponês de Bloco Popular Revolucionário (BPR).

E continuaram as ameaças e perseguições a grupos, famílias inteiras e às Comunidades Eclesiais do povoado.

É que o trabalho pastoral, já há algum tempo, vinha estimulando uma tarefa conscientizadora. A base disto era a própria religiosidade popular. Alguns não compreendem que a religiosidade popular é parte do próprio homem e querem levar uma pastoral progressista, tirando ritos e mitos, e deixando o povo sem nada. Em meu povo, a religiosidade é manifestada nas suas celebrações, romarias do mês de Outubro para São Francisco e, especialmente, na celebração da Semana Santa. Para tudo isto o povo se organiza, cria seus comitês e reúne-se em seus grupos de trabalho religioso.

Os grupos de trabalho religiosos de agora não são como os de antigamente porque, pelo que nos contam, antes dos plantadores de café estrangeiros destruírem nossas comunidades e terras comunais (1881), esses grupos eram como organizações populares, que uniam de uma maneira global o culto, a cultura e o cultivo e mantinham sua autonomia frente ao governo, ao bispo e ao padre. Por isto é que temos em El Salvador estes grupos como a base social da maioria das insurreições populares. Eram como as comunidades de base daqueles tempos, ainda que não houvessem sacerdotes.

Claro que nosso povo não tem sido suficientemente evangeliza-

do, mas quando em 1970, se nomeou um pároco que compreendia o povo, companheiro e amigo meu, começa um novo dinamismo nas Comunidades de Base a partir do próprio povo e de sua religiosidade. Harmoniosamente vai desenvolvendo na fé e no compromisso de fazer sua própria história. Foram surgindo os responsáveis da comunidade, os celebradores da Palavra, os catequistas de crianças e adultos, os cursos de Iniciação Cristã. Daqui surgiu um Comitê Popular para levar adiante os trabalhos da comunidade e um Conselho Pastoral para estimular a Pastoral. Estas comunidades nasciam no povo, nas povoações e aldeias.

Esta experiência também era feita em outras paróquias e regiões e assim começamos a compartilhar experiências e a ajudar-nos. Logo veio a coordenação das comunidades do campo e mais tarde da cidade. Assim fomos crescendo até a Coordenação a nível nacional. Todos sentíamos Monsenhor Romero como o Bispo da Igreja Popular, ainda que fôssemos de outras dioceses.

Em Chinamequita, isto se desenvolveu muito e por isso veio a reação dos caciques. Eles sentiam-se donos no plano religioso, causando muita dor às nossas comunidades cristãs.

Problemas Familiares

— Falemos um pouco mais de sua família no meio de tudo isto...

— Éramos 7: papai, mamãe e 5 filhos. Eu sou o 3º de 4 homens e minha irmãzinha era a mais pequena. Tínhamos um terreninho que meu pai herdou plantado de café, mas de maneira rudimentar. Vivíamos muito pobremente porque não havia possibilidades econômicas de melhorar as técnicas do cultivo de café. Com muito sacrifício, fizeram todos nós estudarmos, mas só o primário, não dava para continuar. Meus irmãos foram trabalhar na cidade, e com esforço, enquanto trabalhavam nas fábricas, estudavam. Eu consegui uma bolsa de estudos para o Seminário.

Todos nós nos fizemos trabalhando duro no campo com o machete na mão. Minhas férias eram para trabalhar com a família. Isto nos educou e nos fêz crescer no meio do povo trabalhador e explorado.

Com relação à política, papai sempre militou em partidos de Oposição. Tinha muita consciência de dignidade e solidariedade com os demais. Foi um dos fundadores da Democracia-Cristã (DC), um de seus mais fervorosos animadores. Também meus irmãos faziam parte. Meu irmão foi candidato à prefeito na época do conflito e logo foi trabalhar em San Salvador, onde foi dirigente a nível nacional.

No plano religioso, o clima em que crescemos não podia ser mais cristão. Apesar de sermos pobres e não podermos ter uma roupa especial, aos 8 anos todos fazíamos a 1ª Comunhão preparados por nossos próprios pais. Meu pai estava sempre ligado aos trabalhos paroquiais. Durante 20 anos foi presidente dos Cavalheiros de Cristo-Rei e participava nos Comitês das celebrações aos padroeiros, Semana Santa, etc. Mamãe trabalhou na Legião de Maria. Sempre admirei sua capacidade de sacrifício durante os 25 anos de legionária. Nunca faltava nas visitas às famílias nem às reuniões regionais de cada mês. Meus irmãos sempre se destacaram nas tarefas das Comunidades Eclesiais de Base. Tomaram parte tanto do Comitê como do Conselho Paroquial. Eles levaram adiante todo o trabalho das comunidades quando tiraram o pároco.

Meus pais, apesar de sua idade e formação, nos deram um testemunho maravilhoso de caminhar, de avançar na fé. Eles próprios chegaram a saber conjugar sua vivência de fé com o compromisso e a prática política. Sabiam ler nos acontecimentos o passo do Senhor.

Esta postura cristã dos membros de minha família com sua dimensão política, foi o fator determinante do que podemos chamar a perseguição à minha família. Eles foram os primeiros que apareceram nas listas dos comandos e dos quartéis e até à nível de Ministério de Defesa. E isto se concretizou a nível pessoal.

Fizeram uma acusação falsa ao meu irmão mais velho, dizendo que havia assaltado o prefeito e que lhe havia roubado. Esteve preso 3 meses. Ao outro irmão, que já em 1974 havia sido membro das Comunidades Eclesiais de Base, como tinha sido candidato a prefeito teve que fugir ao campo. Logo toda a família o acompanhou, voltando apenas com a anistia.

Houve outros acontecimentos no ano de 1976. Este irmão foi ameaçado de morte e quiseram comprometê-lo em atos de delito. Tudo foi descoberto a tempo e um advogado conseguiu evitar o processo criminal. Em 1977, novamente, veio a ameaça, as calúnias e a perseguição. Então novamente toda a família, principalmente os homens, tiveram que voltar ao campo, à insegurança, enfrentando o frio e a chuva. A acusação é de que eram guerrilheiros, comunistas, e que na nossa terrinha, entre as plantações de café, os guerrilheiros faziam treinos.

Eu não vivia em casa mas os visitava com freqüência e geralmente ia com catequistas da minha paróquia. Então também diziam que eu levava guerrilheiros. Claro que era mentira, que bom seria se tivesse sido verdade...

Em 1978, sequestraram e prenderam meu pai, que tinha então 71 anos de idade. Esteve na prisão da Guarda durante 3 dias com os olhos vendados, torturaram o velho de todas as maneiras e no fim o soltaram. O espírito de vitória com que meu velho saiu surpreendeu-me. Eles nos disse: "mas não conseguiram fazer-me chorar..." Ele contou-nos que o colocavam contra o solo e os guardas pulavam contra seu corpo e gritavam contra seus filhos e especialmente contra mim por ser sacerdote. E ele se sentia orgulhoso de nós. Mas, aí nos demos conta de que estavam vigiando de perto todos nós, pois nos interrogatórios lhe perguntavam por cada um de nós e, ainda que meu pai quisesse despistá-los, eles sabiam onde estávamos e o que fazíamos. Por isso bateram muito nele nos interrogatórios.

Mas, o golpe mais duro começou em 1979. Meu irmão mais velho morreu assassinado "misteriosamente". Saía de um restaurante e esperava um táxi com um amigo, quando passou um carro e depois de parar um momento seguiu em frente. Deu uma volta no quarteirão e então dispararam nele. Imediatamente chegaram duas rádio-patrulhas e simularam uma investigação, mas não fizeram nada.

Massacre da Família

Foi em 21 de Janeiro de 1980 o massacre de toda nossa família. Foi fruto do enfrentamento entre as forças do mal e o dinamismo da fé quando transforma-se em vida.

Desde que, em 1970, começou o processo de conscientização e promoção, a Guarda Nacional, as autoridades do povoado e os pára-militares da ORDEN perseguiam sistematicamente o padre e os responsáveis das Comunidades Cristãs. Por exemplo, em 1º de Maio de 1974 quando o povo tomou a prefeitura para protestar pela fraude eleitoral e exigir seu legítimo prefeito, não só massacraram o povo, como também profanaram o templo paroquial, tiraram as chaves do sacristão, torturaram-no e prenderam-no. Nem sequer respeitaram o delegado do Bispo, enviado para retirar o Santíssimo e um oficial o insultou, chamando-o de "cachorro comunista".

O padre e os responsáveis pelas comunidades, sempre foram considerados responsáveis pela revolta popular, e nunca a injustiça dominante.

Conseguiram que o bispo tirasse o padre, mas as Comunidades continuaram trabalhando. Logo foi enviado um sacerdote comprometido com o governo, com o objetivo de acabar com tudo o que já estava organizado.

A Igreja perseguidora

Também tem que se falar da perseguição do bispo e seus auxiliares ao povo. Podíamos falar das posições de Mons. Aparício ou de seu Vigário Freddy Delgado. Este chegou em nome daquele para destituir todos os celebradores e pôr tudo nas mãos dos agentes pára-militares da ORDEN. Até deu ao comandante local a chave da Igreja. Muitas dessas pessoas que foram destituídas, foram depois assassinadas. Não podemos provar que estas pessoas haviam sido dedadas por eles.

Então eu falei com o bispo. Fiz-lhe ver que tipo de gente estavam pondo à frente das coisas da religião e dos assuntos paroquiais e o adverti claramente do perigo de morte que recaia sobre as pessoas que eram tiradas do trabalho pastoral.

Meus pais, já podem supor, eram pessoas muito sensíveis e respeitavam a autoridade, principalmente o bispo. No entanto, estavam conscientes dos fatos. Eles me perguntavam "por que o Bispo é tão injusto e nos impõe um padre à força". Eles davam-se conta de que o Bispo e os militares falavam a mesma linguagem e ambos se acusavam de comunistas. Um dia minha mãe me perguntou chorando "por que o Bispo não quer os pobres e alia-se com os outros?". Era 1972, quando começaram a acusar-me de pertencer a uma célula comunista. Eu nem entendia nada disso. Quero deixar registrado que aquele bom sacerdote que foi culpado seria assassinado em novembro de 1980. Era o Padre Marcial Serrano.

É muito doloroso para mim recordar aquele 21 de janeiro. Minha família havia saído do povoado e havia construído 3 casinhas de barro perto da plantação de café, para viver um pouco afastadas da povoação. Aí vivia minha cunhada, viúva de meu irmão assassinado, com seus filhos, meu irmão e minha irmã menores. Eu havia saído do país, pensando (talvez erradamente) que eles estariam mais tranquilos estando eu distante, pois podiam ser ameaçados por minha causa. Apesar do pouco que eu fazia.

Acontecimentos sangrentos

Foi minha sobrinha de 15 anos que estava lá quem me contou tudo. À uma hora da madrugada cercaram as 3 casinhas. Meu irmão, graças a Deus, estava ausente. Eram uns 30 homens armados, com os rostos cobertos. Fizeram um disparo com G-3 e escopetas cortadas. Logo deram ordem para que todos saíssem. Minha mãe se adiantou para não deixar passar meu pai, acreditando que a respeitariam. Apenas abriu a porta e perguntou o que desejavam, e disparam nela. Morreu instantaneamente. Meu pai avançou sobre o corpo mas nem o deixaram abaixar. Levantaram-no e perguntaram-lhe sobre as armas. Ele, com um gesto de dig-

CEDEM

nidade, lhes disse: "Aqui as únicas armas que temos são essas" e apontava o lugar da casinha onde estavam as ferramentas de trabalho: enxada, "barras", picaretas e machete. Isto desagradou os criminosos e insultaram-no ao mesmo tempo em que faziam outro disparo. Entraram em casa. Jogaram no chão do lado de fora, os homens e as mulheres e fizeram-nos deitarem-se rente ao chão. Mexeram em tudo. Só encontraram dinheiro, que era mais ou menos 3 mil colones (US$ 1 mil), fruto da venda da colheita do ano. Levaram algumas pequenas coisas de valor. Tentaram violentar minha sobrinha e no final metralharam meu cunhado, esposo de minha irmãzinha grávida, um amigo que estava de visita e um primo que vivia conosco há muito tempo. Golpearam outro primo com machete nas costas e braços e o deixaram pensando que estava morto, mas ele sobreviveu. Foi este que reconheceu o comandante local, pelo tom de sua voz. Apossaram-se de um sobrinho de 14 anos pois queriam obrigá-lo a mostrar onde guardavam armas e onde estava meu outro irmão. No final, também assassinaram-no. Outro sobrinho de 8 anos foi ferido, mas se salvou.

Os amigos deram muita publicidade a este fato e acusaram o comandante local, prendendo-o por 3 dias. Isto só serviu para que continuassem buscando os que ainda tinham ficado. Outra vez quis o exército nos pegar, mas escaparam a tempo.

Em Maio desse mesmo ano o povoado foi cercado e ocupado por parte do exército. Já levavam a lista das pessoas das comunidades a quem tinham que matar. Conforme os encontravam nos ônibus, nas ruas ou nas casas iam assassinando-os.

Eu estou orgulhoso de pertencer a meu povo e à minha família. Sobretudo porque eles têm sabido encontrar na sua fé em Jesus de Nazareth, a força para viver com dignidade e dar a vida para os caminhos de libertação do nosso povo. Espero que esta narrativa, a que faltam muitos dados, sirva para todos crescerem em sua fé e em seu compromisso; um compromisso histórico se verdadeiramente esperamos uma plenitude de tudo o que fazemos na outra vida, essa vida plena, esse céu que construímos na esperança, no mento que nos foi dado viver.

Gilberto: um catequista do povo

Encontramo-nos num hospital. A televisão alemã estava filmando um homem pequeno, de tez indígena, que falava com dificuldade. Entre seus dedos tinha um pedaço de bala, que mostrava com certo orgulho para a câmera dos curiosos europeus que vem à América Central com uma pergunta espantada: "O que está acontecendo com os cristãos destes países?". Gilberto disse: "esta bala que me tiraram da cabeça é uma bala imperialista. Denunciem isto ao mundo!"

Durante a noite, uns irmãos da comunidade cristã de refugiados ficam cuidando dele, passando por seus primos para o pessoal do hospital. Quando ficamos tranquilos, começo a fazer-lhe perguntas para que nos conte sua experiência.

A criança é testemunha da sociedade em que vive

— Fale-nos um pouco da tua vida, da tua família, do teu povoado.

— Se eu fosse alienado, falaria de meu povoado, Huizúcar, a 15 Km de San Salvador, de uma forma muito bonita: "É um povoado com fortes tradições populares e características coloniais, que cresceu rodeado de cafezais e fontes de água limpa, com uma paisagem belíssima"...; mas como sou consciente, tenho que dizer para vocês, que esse meu povoado é um lugar onde moram homens miseráveis, que lutam contra a morte, a fome e a sobrevivência; enquanto os senhores do café de nossa terra, acreditam que são donos das nossas vidas...

Eu sou produto deste ambiente. Nasci em 1958 e aos 6 meses morreu minha mãe. Meu pai jamais soube o que fazer comigo, eu atrapalhava. Quando podiam, meus irmãos foram fugindo de casa para fazer suas vidas. Meu pai trabalhava na fazenda dos Guirola e dos Regalado e recebia um miserável salário para sobreviver. Apenas me lembro das tortas de milho com sal que foi todo o alimento que tive durante muitos anos, de manhã, à tarde e à noite.

Fugi de casa, por fome, aos oito anos de idade. Tentei morar com algum parente no mesmo povoado, mas todos eles tinham medo do meu pai, então não queriam ficar comigo. Assim, saí a andar pelas ruas... e me transformei numa criança orfã e perdida.

Cai, então, no mundo cruel de crianças jogadas na rua, marginalizadas... Eu sei muito bem como se vê o mundo nesta situação. Tentei conseguir o privilégio de ser engraxate ou arrumas alguns ovos de tartaruga para sobreviver no porto "la libertad". Ali eu convivi com filhos de bêbados, de prostitutas ou filhos de ninguém. Tínhamos como casa, enquanto nos deixavam, o bar do porto.

Quando chegavam os "mariachis" com suas canções para lazer dos turistas, era como um presente, pois esquecia minha fome, até que sentia o cheiro de alguma cozinha perto... Outras vezes passava horas na praia debaixo de uma amendoeira, observando as ondas do mar, golpeando as pedras da "Praia do Bispo" e daí a pouco descia até a areia para perseguir os caranguejos-cavalos. Desejava pegar algum deles para contar-lhe minhas tristezas, mas eles corriam de mim. Como tinha necessidade de comer, a última possibilidade eram as latas de lixo, onde disputava com os cachorros, os pedaços de comida.

CONTE—NOS DE TUAS IDAS E VINDAS...

Em 1969 — 11 anos — encontrei-me numa casa de Sonsonate. Era um pessoal pobre, mas de bom coração. Fizeram-me estuem cursos noturnos e assim fiz o primeiro e segundo graus.

Foi aí que voltei a dormir debaixo de um teto, depois de andar três anos daqui pra lá. Varria a casa, pegava lenha, cuidava de cinco porcos... Fui para Nahuizalco e voltei a pedir esmola no mercado, de mão em mão. Eu já tinha alguma experiência. Os amigos que me pegaram faziam artesanatos e cerâmicas para vender. Eu os ajudava trazendo comida para eles dos restaurantes do mercado. E nisto eu era bem "agulha" (esperto).

Quando completei catorze anos, cheguei a San Salvador e fui pedindo comida de casa em casa. Um dia eu pedi comida e expliquei que estava perdido a uma empregada de uma casa muito bonita. Então ela me fez entrar na casa, escondeu-me num quarto e, depois que passou a noite me levou para sua casa no Estado de La Paz. Sua família era camponesa, e ensinaram-me a trabalhar na agricultura um ano inteiro. Ao final, levaram-me a um senhor que tinha uma padaria na capital, no bairro de San Miguelito. Ali deveria aprender a ganhar a vida. Mas a vida dos aprendizes é bem dura, e mesmo os colegas são cruéis com a pessoa que vem do campo. Na verdade eu tinha muita saudade de meu povoado, de Huizúcar, e voltei. Lá eu sabia quem era quem e ficava mais seguro. Assim trabalhei dois anos em algumas padarias até que, com um amigo, trabalhando até 16 horas por dia, fiz minha própria padaria. Voltava a começar a vida...

CATEQUISTA E RESPONSÁVEL DA COMUNIDADE

— E como foi que você entrou nas comunidades cristãs?

— Foi exatamente nesta época. Eu via que todo o pessoal do povoado participava nas missas e que os pobres viam a Igreja como sua casa; que as procissões eram atos que todos os pobres sentiam como seus, e pensei que se a classe mais pobre gostava assim dos atos religiosos, eu por ser pobre

CEDEM

também tinha que participar...

Por outro lado, percebia que não tinha recebido os sacramentos e nada sabia do que significavam porque não havia tido a capacidade de descobrir nada disto e sentia que alguma coisa me faltava.

Assim, fui me aproximando e prestando atenção no que se falava nas reuniões, percebendo que o padre queria que todos participássemos, mas que tínhamos que ser de outra forma: mais homens, mais puros, mais preocupados com os problemas da comunidade... E que nosso Deus não concordava que existissem muitos pobres sem trabalho e o pão de cada dia, que as crianças morressem por falta de remédios ou alimentação, pela maldade dos homens injustos, e que Deus não queria que deixássemos tudo assim...

Uma frase muito bonita de Cristo me sensibilizou: "Tudo o que fizerem a um de teus irmãos mais pequenos, estarás fazendo a mim mesmo". Isto era como mudar toda a minha vida. Isto jamais conseguirei esquecer. Nestas missas eu comecei a ficar amigo dos catequistas e dos responsáveis das comunidades e logo fiquei muito amigo do padre. Para fazer alguma coisa, entrei para o coro e, depois de alguns domingos, fui convidado para uma reunião de catequistas onde começaram a dar-me responsabilidades. Pela primeira vez me senti pessoa. Alí cada um tinha que fazer algo, segundo sua capacidade. Um dia, fui escolhido para responsável pela catequese na paróquia de Huizúcar.

Enquanto ia realizando minha responsabilidade e explicando aos demais as conseqüências de ser cristão em nossa comunidade, ia tomando consciência maior dos compromissos evangélicos. Depois estive no trabalho de expansão nos povoados de: Tilapa, El Almendro, El Zapote, La Esperanza, Santa Marta e outros que não me lembro. A tarefa seguinte foi coordenar os catequistas de todas essas zonas a fim de que fossem coordenando todas as comunidades.

— Continue falando de tuas responsabilidades na Comunidade Eclesial de Base. Isto é muito interessante...

— Aquilo cada dia era mais duro, porque tinha que fazer tantas coisas, que não tinha tempo para nada. Um dia me pediram que deixasse de fazer pão e me dedicasse o tempo todo ao trabalho pastoral. Aos domingos o trabalho era na paróquia onde tínhamos as reuniões pré-sacramentais: batismos ou casamentos. Ninguém poderia participar dos sacramentos, enquanto nós não os considerássemos formados para isso. De segunda a sábado, saíamos pelo povoado para

avaliar com os responsáveis de cada lugar, as tarefas, dar-lhes ânimo e planejar os trabalhos juntos.

Também tínhamos cursos de três dias com responsáveis de outras paróquias. Em um destes encontros de aprofundamento é que conviví com Monsenhor Romero e pude contar-lhe todo o trabalho pastoral que estávamos fazendo. Para ele era muito importante tudo o que nós fazíamos. Era um homem muito cristão.

MONSENHOR ROMERO, O BOM PASTOR

— Depois continuaste vendo ele? O que significou para você?

— Sim, sim, voltei a falar com ele no povoado vizinho, San José Villanueva. Ele lembrava-se de tudo e me animou muito. Ali mesmo jantamos juntos. Depois, disse-nos que nosso Estado tinha sido muito esquecido anteriormente pela pastoral, mas que nós éramos uma grande esperança. Terminamos a jornada com uma missa na qual celebramos muitos casamentos preparados na comunidade. O próprio Bispo comprovou que o pessoal estava bem preparado e disse que pelos frutos, podia-se comprovar a qualidade da nossa catequese. Outra vez foi em Huizúcar. Veio até nossos morros para dar a comunhão a 150 crianças que eu mesmo tinha preparado. Era dia 24 de dezembro. Ficou muito contente.

Quando a repressão começou a ficar mais dura, tive que ir para a cidade e aos domingos ia à missa da Catedral. Ele não me perdia de vista, pois jamais esquecia dos seus cristãos, como o Bom Pastor.

PERSEGUIÇÃO À IGREJA

— Como foi essa repressão?

— A perseguição à Igreja foi crescendo e por isso tivemos que tomar medidas de segurança e métodos de clandestinidade. A Guarda andava perguntando por nós e nos fazia saber "que estava em nosso encalço". É que a experiência das Comunidades fazia com que os pobres começassem a entender as coisas, e a reunirmos para ver o que podíamos fazer juntos. E já não podiam enganar-nos fazendo-nos entrar na Democracia Cristã, que já tinha demonstrado que não representava os interesses objetivos da maioria da população.

FÉ CRISTÃ E ORGANIZAÇÃO POPULAR

— Muito se fala da participação popular dos cristãos no processo de libertação do povo. Você teve participação política?

(Gilberto ri com meio rosto... a conversa vai sendo mais difícil, pois a operação foi muito delicada e ele faz esforço para falar. Apesar disso, com um gesto gozador e malandrão, mostra-me os curativos que envolvem sua cabeça).

— Para mim, a participação tinha que vir muito ligada ao meu cristianismo, pois tomei a decisão de participar também na organização política popular, quando vi a perseguição contínua à Igreja, por ser fiel à sua mensagem.

E assim, também tive que assumir responsabilidade de direção e orientação. O trabalho nas Comunidades tinha nos dado muitos elementos que nos capacitavam. Desta forma, depressa passei a ser membro de uma pequena equipe de direção, na qual o próprio povo me reconhecia muito bem, porque já conheciam meu trabalho religioso e sabiam da minha dedicação e do meu desprendimento... Também à nível político, dei saltos de qualidade e aprendi, no próprio trabalho, a dar respostas às necessidades.

Também fui testemunha da brutalidade e da tirania contra o povo. Vi como iam caindo os melhores de nossos irmãos camponeses e isto empurrava-me a maiores compromissos. A maioria dos que iam caindo eram camponeses pobres e cristãos. Ali estão os testemunhos de Piolín, Patrícia Puertas e um grande número de catequistas. Eu os conhecia por ter trabalhado junto com eles em diversos níveis.

— Quais responsabilidades você teve no trabalho de massas?

— No começo formei parte duma organização de quadros. Éramos dez. Recolhi muita experiência porque o trabalho ficava cada dia mais duro e a tarefa de educar o povo, para assumir suas tarefas, tornava-se cada vez mais difícil; por outro lado, tínhamos a convicção da necessidade de estar em permanente contato com as massas.

Conseguimos conscientizar e organizar grande parte do povo. Aqui é que fui tentando superar todas as minhas fraquezas para servir melhor ao povo, chegando a ser sub-secretário de organização da sub-zona, com a responsabilidade da capital e de todo o Estado. Em seguida, assumi a responsabilidade das finanças.

Mas nossa formação ia tornando-se a mais integral possível e por isso, quando foi necessário, assumi a Secretaria de Propaganda para informar o povo sobre o desenvolvimento do processo e, utilizando os caminhos do povo, tentar derrotar a mentira dos meios de comunicação, que estavam todos nas mãos do inimigo. Jesus já compreendia o caráter revolucionário disto quando nos disse que a "verdade nos fará livres".

Quando meus companheiros foram caindo, tive que responsabilizar-me da direção, passando a ser Secretário Geral da Zona. Isto foi muito difícil para mim, com meus dois anos de primário mal feitos, mas também me enchia de alegria ter a oportunidade de servir melhor ao povo. Quanto mais sacrifícios tinha que fazer, mais me comprometia. Nestes momentos compreendi melhor o que significava solidarizar-se até as últimas conseqüências. Ser secretário significa que o inimigo vai estar de olho em você, pois eu peguei esse cargo exatamente porque os secretários anteriores haviam sido assassinados. Mas acho que não tenho medo da morte, pois morrer assim é dar a vida pelo povo no caminho da sua libertação. É diferente.

— Gilberto, é dura a vida da clandestinidade?

— Eu já tinha me acostumado à clandestinidade com a experiência no trabalho pastoral. Tive que passar toda a época das chuvas no monte, sem ter mais pro-

CEDEM

teção que as árvores e com a tarefa de manter o ânimo de todos os demais. Comíamos o que podíamos, até as folhas das árvores que sabíamos serem venenosas e caminhávamos dias inteiros aguentando o cansaço, a sede e a fome...

Eu tinha que dar o exemplo. Tinha que mostrar-lhes que, em nenhum momento, os abandonaria. Além do mais, em nossa região os "orelhas" (dedos-duros) estavam consolidados e, para não cometer erros, tínhamos que sair dos caminhos. Então as reuniões tinham que ser de noite e todos nós dormíamos no próprio monte.

A uma certa hora, os pés começaram a dar mostras de podridão por ficarmos só no mato. Saiam feridas que sangravam e eu as curava com suco de folhas. Mas chegou um momento em que já não podia mais caminhar e tinha que continuar do mesmo jeito, mantendo o ânimo dos demais com os pés cheios de chagas e desnutrido. Como cristão, achava que tinha que ocupar o lugar de Cristo no meio de todos, até o final.

As rádios repetiam continuamente que tinham acabado com todos os "subversivos", mas eu demonstrava-lhes que estávamos vivos e que, enquanto um revolucionário sobreviver, a luta continua.

— Você falou do teu testemunho como cristão, mas apesar disso, se diz por aí, que ao ingressar no processo a gente perde a fé ou que a organização pede que não se acredite...

— Bom, eu fico contente com essa pergunta porque eu acredito que tenho que respeitar meus princípios e minha convicção cristã, que não é de jeito nenhum superficial e ninguém vai tirá-la de mim.

Eu acredito que a fé é alguma coisa que o Espírito nos passa e com esse espírito é que eu sou militante, pois em todas as minhas atividades, e especialmente no mato, sempre, antes mesmo de fazer uma reflexão política, eu falo aos companheiros que quem me dá essa capacidade de analisar e de ir caminhando até as últimas conseqüências é a presença viva de Deus, e que em última instância, é quem dá sentido a tudo isto. Minha fé cristã ninguém pode me tirar, ainda que me falem o contrário.

NAS MÃOS DO INIMIGO

— E o que se experimenta quando uma pessoa cai impotente nas mãos do inimigo?

— Estive em suas mãos quando era Secretário Geral na Zona. Foi a primeira vez e a mais dolorosa. A 24 de setembro de 1980 fui capturado quando visitava a base que ia estar esperando-me numa esquina. Sempre andava fora dos caminhos ou das ruas. Mas esse dia dei de cara com um grupo de policiais que conhecia por ser paisano. Reconheci um deles, pois tinha lhe dado palestras sobre o batismo de seu filho. Eu não imaginei que vinham por mim. Então, como era conhecido e só vi um deles, não pensei em tomar maiores medidas de segurança. Quando passei frente a eles, saíram outros com revólveres, bateram em mim e amarraram meus dedos. Pessoas conhecidas foram testemunhas disso, então eles as ameaçaram de morte se falassem. E me levaram para o monte.

Eles sabiam muito bem que eu tinha sido responsável pastoral, e que tinha muitos amigos catequistas. Começaram a bater em mim para que entregasse meus companheiros que já não estavam no povoado. Também me exigiram que dedasse o Padre Benito e me perguntavam por outras pessoas que nem conhecia.

Eu insistia que vinha do trabalho e nada sabia daquilo, então, começaram as torturas. Levaram-me para perto do rio, me deixaram nú e começaram a me bater com as "cachas", dar socos e pontapés... Acredito que passaram três horas assim.

Perceberam que tudo era inútil, pois eu tinha claro que era "revolução ou morte" e nada mais. E nisso estava também minha fé em Deus. Pedi-lhe, então, o milagre de sobreviver para poder continuar lutando. Sentia-me impotente, nú e golpeado, mas também sabia que meu povo precisava de nós.

Duas horas depois, comecei a sangrar pela boca e os ouvidos, então atiraram em mim, o tiro atingiu o dedo pequeno da mão direita. Mas logo ficaram mais bravos quando me acusaram de ser o responsável pelo justiçamento dos "orelhas" (dedos-duros) membros do esquadrão da morte.

Então me colocaram de pé numa parede, amarrado por dois deles, um em cada braço e outro dizia que ia escrever no meu peito, com a faca, as iniciais do "Esquadrão da Morte". Queriam assustar-me, mais nada.

Outro falou que era melhor me matar simplesmente com 5 tiros, se ainda vivesse, esvaziariam o carregador de 9 mm que levava. Nesse momento, há dois metros, apontou e me deu um minuto...

Então, gritei que preferia morrer a entregar um irmão camponês e eles atiraram em mim. A bala entrou pelo lado esquerdo da cara, perto do olho e eu senti apenas esta, porque logo percebí que tinha mais duas. Caí rolando até o río, mas ao chegar lá, corrí e me escondí, à 500 mts das balas.

Entrei no capinzal mais espesso com cuidado de não deixar rastros. Ainda não sentia as balas. Passaram procurando-me até as quatro da tarde e eu sentia que iam daqui pra lá, fazendo barulho para que saísse. Ainda às sete da noite ouvi que falavam perto. Passei toda a noite nu e aguentando o frio e já não podia movimentar-me de fraqueza. Só na quarta noite consegui chegar até uns companheiros e mandar um recado para uns médicos colaboradores que chegaram e me levaram a um hospital do povoado. Nesse momento, perdi a razão por 15 dias.

No final de outubro, acreditava que já podia reiniciar o trabalho, mas tive que ficar de repouso. Em dezembro o sangue coagulado que tinha na cabeça, começou a incomodar-me e isto chegou a deixar-me maluco. Não reconhecia ninguém.

Mas no início da ofensiva, me animei e incorporei-me ao trabalho.

Duas vezes mais estive nas mãos do inimigo, mas consegui fugir.

TIRAR DE MIM AS BALAS IMPERIALISTAS, E CONTINUAR

— Já te tiraram uma bala e o médico disse agora que te salvou por milagre. Ainda te ficaram duas, mas são mais fáceis. Você acredita que já fez o suficiente ou pensa que tem que continuar?

— Já fiquei muito tempo fora do trabalho porque com 3 balas na cabeça, não pude mais e tive que ficar nos refúgios do Arcebispado de El Salvador. Tinha que ficar o máximo de repouso porque qualquer movimento produzia dores muito fortes. Deste modo tenho estado quase um ano. Até que consegui sair do país e encontrar-me com meus irmãos no exterior, que me cuidaram com tanto carinho... Mas por aqui anda minha consciência revolucionária que me diz sempre que é necessário começar de novo.

Comecei a luta com consciência de que era uma causa justa, a guerra santa dos pobres, e anda tem mudado senão que cada dia eu me convenço mais de que o imperialismo representa a própria morte. Isto fica mais claro quando cada povo oprimido por ele, começa seu caminho de libertação. E a luta é até a morte. Não tem nenhum sentido abandonar uma luta justa em que parte de mim mesmo e de meu próprio sangue já está e que também é Sangue e Corpo de Cristo.

Se depois disto eu ficar inválido, há que se encontrar algum posto para a participação dos inválidos.

— Há no mundo milhares de cristãos que se organizam para estimular a solidariedade com nosso povo: que mensagem lhes enviaria?

— É para mim de muita alegria que um cristão salvadorenho e camponês possa fazer chegar sua voz a tanta gente. Nunca tínhamos pensado nisso.

A única mensagem que tenho é dizer-lhes que, onde quer que haja ditaduras, exploração e marginalização das maiorias populares, devem escutar a voz de Deus que está do lado dos empobrecidos. E que nossa fidelidade não pode ser outra que ocupar o lugar que nos corresponde na luta.

E então é necessário organizar-se corretamente porque as organização é a única força dos pobres e que os cristãos devemos servir de exemplo para todos. Quanto mais rápido nos organizemos e façamos cumprir tarefas corretas, impediremos que o imperialismo se intrometa com nossos povos. Nós, os salvadorenhos, estamos cercados por este imperialismo de morte, porque as fronteiras de Honduras ou Guatemala foram cedidas aos EEUU contra nós.

Esta bala e as que ficam ainda

na cabeça, são balas imperialistas. Se eles são cristãos têm que sentir a dor de nosso povo, pois o Deus em que cremos é um Deus solidário. Eu também me sinto solidário com todos os que sofrem no mundo pois o vivo em minha própria carne. Nosso inimigo comum é o imperialismo norte-americano que, através das oligarquias e tiranias, chegam até ao genocídio, quando um povo pretende libertar-se. Se Deus é nosso Pai e nós somos irmãos, é necessário que nos unamos contra o imperialismo.

A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

— Como é possível que você, sendo cristão, tenha participado na violência? Não acredita que a violência é pecado?

— Como cristão mantenho viva a memória do povo de Israel, subjugado e violentado pelo Faraó. Moisés tentou uma maneira de libertá-lo com ajuda de Deus e que não parou até consegui-lo e, na prática, foi descobrindo que só podia realizá-lo com a violência, e se viu obrigado a isso. Deus mesmo disse a ele: "se não for pela violência, o Faraó não permitirá a libertação de meu povo".

Defender nossa vida, nossa terra e nosso povo não pode ser pecado quando já não resta outro caminho. Então passa a ser obrigação... O pecado seria ver seus irmãos sendo mortos e não defendê-los.

Como filhos de Deus, como responsáveis por nossos irmãos e como filhos de nosso povo, temos o dever de utilizar todas as formas de luta e combiná-las adequadamente para acabar com a violência de morte, da tirania e do imperialismo. Nossa vocação é fazer avançar o Reino de Deus.

(Gilberto devia descansar. Havia chegado uma camponesa da comunidade para atendê-lo e me fazia sinais de que devíamos deixá-lo dormir.).

Rádio Venceremos, primeira voz do poder popular

Desde janeiro de 1981 a emissora da Frente Farabundo Martí transmite desde a montanha. Muitas vezes o exército tentou localizar e destruir a rádio da guerrilha. Nunca conseguiu, apesar de que a estação móvel emite às vezes das próprias áreas de combate. A simples existência da Rádio Venceremos, escutada em todo o país e em toda a região centro-americana mediante uma emissão matutina, uma vespertina e outra noturna, é um símbolo da impotência política e militar do exército em um território que há vários meses se converteu no centro da guerrilha. Como expressou o comandante Joaquín Villalobos, membro do Comando Geral da FMLN "pensar que existe uma rádio que o exército sabe onde está e não pode fazer nada para calar sua emissão é simplesmente uma prova do perto que está a vitória para o povo salvadorenho".

A reportagem que segue sobre a Rádio, feita por um correspondente, é um retrato vivo da guerra e do poder popular em Morazán.

Nós Venceremos

Um povoado, como existem centenas em Morazán, no norte de El Salvador: pequenos ranchos debaixo de mangueiras, dispersos no roçado, entre canaviais. Este é o atual acampamento da Rádio Venceremos, que emite diariamente às 6 da manhã, às 6 da tarde e às 8 e meia da noite, através da frequência internacional dos 40 metros, 7 MHz.

Mais de 100 pessoas asseguram as emissões diárias da Rádio, inclusive sob bombardeios e próximo dos combates que se realizam nas áreas vizinhas. Em um rancho está a equipe da redação; os recursos técnicos são umas gravadoras, duas máquinas de escrever e dois rádios transistores para produzir, dentro do acampamento guerrilheiro, as emissões cotidianas. Num rancho vizinho está a estação emissora, através da qual se pode estabelecer comunicação com outras frentes de guerra em todo o país. A emissora funciona mediante um gerador portátil a diesel.

No maior dos ranchos está a cozinha central, rodeada das casas onde se encontram os combatentes que garantem a segurança da Rádio; além deles, tem os grupos de milicianos que se encarregam do abastecimento, correio, vigilancia da área onde a Venceremos está localizada.

Ninguém pode se proximar do Povoado Venceremos sem ser detectado a distância. Em cada rancho foi construido um *tatu*, para que mesmo sob intenso bombardeio todo esse trabalho continue ininterruptamente, debaixo da terra.

Ao chegar, depois de uma longa caminhada durante muitas noites pelo centro da zona liberada, realiza-se uma reunião com uma comandante para decidir a forma de trabalho jornalístico no lugar. Decidiu-se que me incorporaria no coletivo de Rádio Venceremos. Assim, todo dia eu saia para buscar nas aldeias, nos acampamentos e nas posições da guerrilha, informação sobre a guerra e também sobre os avanços da sua produção coletiva e de seu sistema de saúde; sobre os atos políticos, o abastecimento e os refugiados. Durante o dia montávamos o *Plantão Informativo,* noticiário da Rádio Venceremos e discutíamos os comentários políticos. Já avançada a noite, gravávamos o programa.

Para resistir a essas reuniões noturnas tomávamos *café de milho*, uma vez que não tínhamos possibilidade de preparar o verdadeiro café. Essas reuniões noturnas me faziam sentir como se estivesse em casa, apesar de todas as dificuldades para orientar-me sob as condições de guerra. Eram atividades que muitas vezes se interrrompiam por candentes discussões políticas, mas também por explosões de humor.

Venceremos é sobretudo a voz oficial de um exército popular em guerra contra a ditadura e a intervenção yanki. Em todos os ranchos de Morazán, às 6 da manhã em ponto já se vê os camponeses ao lado de um rádio para escutar a voz da sua revolução. Em outras partes do país, centenas de milhares de salvadorenhos tem que escutá-la clandestinamente. Nas cidades, Rádio Venceremos é, às vezes, a única ponte entre o povo e a FMLN.

O sistema de saúde

Outra vez a alegría dos rapazes da Rádio. A cadeia oficial havia transmitido uma notícia: "Sequestrado um médico em San Salvador. Supõe-se que foi a guerrilha que necessita de um cirurgião para amputar uma perna de Leoncio Pichinte, que está gravemente ferido depois de um ação militar na capital. Leoncio é o secretário geral de uma das organizações populares e membro do Comitê Executivo da Frente Democrático Revolucionária e que há meses se encontra na área de Morazán trabalhando com as milícias camponesas".

Saímos imediatamente a entrevistar Leoncio. Ele se encontrava em um povoado onde funciona a clínica principal da zona, em uma reunião política com as brigadas de saúde. Dezenas de brigadistas participaram de um das entrevistas mais interessantes que jamais conheci e vivi.

A mentira da propaganda governamental não apenas foi desmentida, como também se aproveitou o fato para apresentar o próprio sistema de saúde revolucionária. Ao fim da entrevista com Leôncio, ainda informamos:

"Não necessitamos sequestrar a nenhum médico, pois temos os nossos e além disso centenas de camponeses formados como brigadistas de saúde, garantindo uma atenção médica que nunca se teve nessa região".

Dia das Mães

No acampamento das milícias populares, 58 homens e 17 mulheres formam uma Coluna. Oswaldo, o responsável pelo acampamento, dirige-lhes a palavra. Com sua linguagem de camponês fala sobre o Dia das Mães, que será o dia seguinte, 10 de maio. Diz que "a guerra separa a família. Nós, os camponeses, somente vamos depor as armas quando tivermos ganhado para os nossos filhos a paz, escolas e saúde".

Pela primeira vez em minha vida estou diante de uma unidade formada militarmente. Ex-

CEDEM

plicamos aos companheiros camponeses que Rádio Venceremos quer emitir um programa dedicado às mães. E pedimos a eles que expressem no microfone sua mensagem. Um depois do outro se acerca: "Abraços a minha querida mãe que se encontra em Honduras, num campo de refugiados, já que vamos encontrarnos logo, pois o triunfo não está longe."

"Minha mãe foi morta em Meanguera. Muitos de nós já perdemos nossas mães, mas quero dirigir-me a milhares de mães de todo o país, que confiam em nós. Estamos lutando para vocês e para as crianças".

Ficamos algum tempo mais no acampamento. Os camponeses contam suas *histórias*. Todos tratam de miséria, dor e morte, mas eles estão cheios de esperança e valentia. Quase todos perderam pelo menos um familiar por ações repressivas do exército.

O coletivo da Venceremos

Constituem a Rádio básicamente cinco pessoas: *Mariposa'* cuja vo séria e firme sempre é surpresa. *Maravilha,* que sempre regressa das longas caminhadas não apenas com reportagens, mas também com comentários já escritos em sua cabeça. *Rafael* que é especialista em notícias; através de um rádio mantém contacto com todas as frentes de guerra. *Santiago* é cochecido em todo El Salvador como a voz da Rádio Venceremos. Sua voz é o sinal da emissora, mas também faz reportagens e comentários. *Apolo* é o técnico eletrônico que fez o mesmo trabalho em uma emissora católica. Cada vez que a direita bombardeava a emissora era ele quem reparava as instalações. Até que os militares fecharam de vez aquela emissora e Apolo foi para Morazán.

Os círculos de escuta

Uma das formas de organização das massas urbanas são os *círculos de escuta* da Rádio Venceremos. Estes círculos foram organizados nos bairros e desenvolveram variados esquemas para despistar os esquemas de controle e segurança. Diariamente mudam as casas em que se reunem nas horas de emissão. Nas ruas, as crianças organizam um sistema de alerta. Se o controle está forte, não há reunião. Limita-se a distribuir de casa os cassetes com gravações ou os volantes com as notícias e instruções da Rádio. A mesma organização se dá nas fábricas, escritórios, nas escolas e nos mercados populares.

por outro lado, os círculos de escuta escrevem informes e cartas e fazem perguntas que, através de canais clandestinos, chegam até a frente de guerra, onde está localizada a Rádio Venceremos. Com isso, a Venceremos se converte na escola da insurreição: suas transmissões são também de cursos de primeiros socorros, como organizar um depósito de alimentos, como fabricar armas caseiras, como editar propaganda, táticas guerrilheiras, etc.

A partir desses cursos pelo rádio os círculos elaboram volantes explicativos e dividem tarefas em todos os bairros, fábricas e escolas.

Nos acampamentos de refugiados

A importância da Rádio Venceremos é ainda mais evidente nos acampamentos de refugiados. No interior do país, onde todos os refugiados são controlados pelos agentes de segurança e pelos grupos pára-militares da ORDEN, a Rádio Venceremos tem o mesmo caráter clandestino dos bairros urbanos.

Em Honduras, Costa Rica, Panamá, Nicarágua, Belize, México, em todos os lugares a Rádio Venceremos constitui-se no vínculo entre os refugiados e seu país e também entre estes e seus familiares, que ficaram para seguir lutando. Freqüentemente a Venceremos emite mensagens que dão às famílias distantes força moral para não desanimarem.

Não há outro lugar onde as pessoas escutam a Venceremos com tanta paixão e atenção, com a cabeça e o coração, como nos acampamentos de refugiados salvadorenhos espalhados por toda a América Central.

Recordo-me certa vez, quando um pastor evangélico chegou com uma delegação das igrejas alemãs para verificar a situação dos refugiados salvadorenhos em Honduras. Era Natal e o acampamento *La Virtud* ficava próximo da fronteira.

Todos os dias — conta o pastor — os refugiados se reuniam às 6 da manhã, desesperados e ansiosos para saber se a Rádio Venceremos tinha voltado ao ar. Havia chegado boatos de uma matança em Morazán e também as declarações do exército sobre o aniquilamento da Rádio. O silêncio fúnebre reinava no acampamento ao lado dos aparelhos de rádio, que permaneciam mudos. Até que uma alegria transbordante explodiu na manhã do dia 26 de dezembro, depois de tantos dias de silêncio, com o som da melodia *Venceremos, venceremos*. Aprendi então que esta não é apenas uma rádio, mas a voz de todo um povo decidido a lutar e a vencer.

Uma rádio que faz filmes

"As necessidades da luta nos obrigam a criar instrumentos e canais artísticos-culturais que acreditamos trazem às lutas latino-americanas novas formas de participação artístico-cultural dentro do acionar revolucionário. Hoje, nosso povo tem músicos, poetas, pintores, teatristas e cineastas que sem o processo revolucionário dificilmente teriam nascido e se desenvolvido. Estes trabalhadores da cultura negam o absurdo de que a sensibilidade artística está condicionada pela divisão de classe: nas frentes de guerra e nas zonas liberadas se está produzindo hoje uma arte autêntica. A cultura e a arte deixaram de ser patrimônio da oligarquia, da burguesia ou da pequena burguesia e como um bumerangue são armas que hoje o povo usa contra elas" **(Reseña, p. 125)**

Com apenas dois anos de existência a rádio guerrilheira dá outros passos, formando em 82 o Coletivo de Cine e Televisão do Sistema Rádio Venceremos, que se integra ao Comando Internacional de Informação da Revolução Salvadorenha, COMIN.

O COMIN, fundado também em 1980, é uma das estruturas criadas pelo movimento revolucionário salvadorenho para a informação a nível interno e internacional e ao qual estão vinculados vários fotógrafos, repórteres, câmeras, etc. O COMIN coordena os movimentos e trabalhos de várias equipes de filmagem em San Salvador, nos operativos do exército governamental e dentro das zonas liberadas, produzindo filmes e vídeos para a televisão.

Com a criação do COMIN a Revolução Salvadorenha é a primeira da América Latina a apropriar-se do uso alternativo e militante dos meios de comunicação durante o processo revolucionário.

Internamente é a infra-estrutura do Sistema Rádio Venceremos que permite desenvolver uma cinematografia que documenta e por sua vez projeta a guerra de libertação do povo salvadorenho. Vários filmes militantes e documentários já foram feitos: "El Salvador, o Povo Vencerá", "El Salvador, outro Vietnã", "Morazán", "A Decisão de Vencer", etc. externamente, essas películas, todas premiadas em vários festivais internacionais, são divulgadas pelo COMIN, que distribui também a revista "Sinal de Liberdade", "El Salvador" e do qual participa a SALPRESS, Agência Salvadorenha de Imprensa, com sede oficial na Cidade do Méxxico, e sucursais em vários países do mundo.

CEDEM

Frente Mundial de Solidariedade com o povo salvadorenho

APRESENTAÇÃO

A Frente Mundial de Solidariedade com o Povo Salvadorenho foi fundada no México nos dias 26, 27 e 28 de março de 1982; tendo os seguintes objetivos e princípios:

Seus princípios:

Art. 2 - A Frente Mundial se guiará pelos seguintes princípios:

a) Reconhece-se a aliança FMLN-FDR e sua condução política, como a única e legítima representante do povo salvadorenho.

b) A solidariedade dada pela Frente Mundial será ampla, unitária e conseqüente com a luta do povo salvadorenho.

c) A Frente Mundial terá um caráter anti-intervencionista e em defesa do direito inalienável à liberdade, soberania e autodeterminação dos povos.

d) A Frente Mundial será um organismo baseado no consenso e nas normas democráticas de organização, decisão e execução.

Seus objetivos:

Art. 3 - A Frente Mundial terá os seguintes objetivos:

a) Lutar pela vigência dos Direitos Humanos e pelo respeito à autodeterminação do povo salvadorenho.

b) Lutar incondicionalmente e aceitando qualquer sacrifício, junto ao povo salvadorenho até deter a intervenção dos EUA e seus aliados.

c) Denunciar e combater as ações intervencionistas em El Salvador por parte dos regimes da Venezuela, Argentina, Chile, Guatemala, Honduras, Colômbia, o estado sionista de Israel, assim como de qualquer regime pró-imperialista.

d) Desenvolver e fortalecer todo o potencial de solidariedade com El Salvador existente no mundo.

e) Estender essa solidariedade aos demais povos centro-americanos e do Caribe, apoiando a legítima luta por sua autodeterminação.

f) Lutar por manter o caráter permanente da solidariedade com o povo salvadorenho na forma em que este o exija; hoje, na luta pela derrubada da ditadura; amanhã, para as tarefas da reconstrução nacional.

As organizações reunidas no FORO INTERNACIONAL DE SOLIDARIEDADE COM O POVO SALVADORENHO, concordaram em nomear um Bureau Permanente e um Secretariado Executivo, ficando estes organismos integrados pelos seguintes companheiros e companheiras:

Bureau Permanente
Secretariado Executivo:
Bill Zimmermar
Presidente do F.M.S.P.S.
Andrés Fábregas
Coordenador do S.E.
Lucía Pavletich
Heidi Tarver
Willy Rozenbaum
Ulf Baumgarner
Silvia Reyes
Enrique Colón
Membros do Bureau Permanente:
José María Mohedano
Mons. Méndez Arceo
Ahmad Zobeh
Julio Escalona
Josefina Finders
Massoun Kassawat
Jorge Gallardo
Jesús Escandel
Sandy Pollack
Antonio Silva

Av. Hidalgo nº 107, altos 230
Z.P. 1 — México D.F. - México

Carta ao povo brasileiro

Companheiros e companheiras das Organizações Populares e Democráticas do Brasil.

Recebam um fraternal e revolucionário cumprimento da Rádio Venceremos, voz oficial da Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN).

Antes de mais nada, queremos expressar nosso agradecimento pela participação de todos no Movimento Mundial de Solidariedade com o nosso povo e estamos convencidos de que vocês saberão definir as formas concretas para ampliar esse movimento na atual conjuntura.

Pensamos que a regionalização da guerra impõe o desenvolvimento da solidariedade mundial para impedir novos passos na escalada norte-americana e para determinar a saída das tropas de Honduras, que estão em nosso país. Em março de 82 foi fundada a Frente Mundial de Solidariedade com o Povo Salvadorenho, representando um progresso significativo para a solidariedade com o nosso povo. Estamos convencidos de que também no Brasil se farão sentir as repercussões desta iniciativa e que se multiplicarão as afiliações à Frente Mundial.

Como coletivo da Rádio Venceremos queremos aproveitar a oportunidade para apresentar a vocês o nosso trabalho. A Rádio Venceremos, voz ofical da FMLN, começou suas emissões em 10 de janeiro de 1981 nas montanhas do Norte, no Estado de Morazán, em territórios controlados pela FMLN. Sua história, entretanto, começa no ano 1979, quando um grupo trabalhava num projeto de rádio de onda média para a capital de San Salvador, emitindo pela primeira vez em 22 de janeiro de 1980 com o nome de Rádio Revolucionária do Povo.

A aparecimento da Rádio Venceremos constituiu uma experiência nova e extremamente significativa para a história dos meios de comunicação em El Salvador. Os poucos jornais que sustentavam uma atitude crítica tinham sido fechados. Os jornalistas honestos foram exilados, presos ou assassinados. Muitos correspondentes estrangeiros eram ameaçados e vários deles foram assassinados como Ignacio Terraza, do diário mexicano "Uno más Uno", como os quatro correspondentes da cadeia de televisão holandesa "Ikon" e o norte-americano John Sullivan, que o Esquadrão da Morte raptou em dezembro de 1980 em seu hotel de San Salvador. Até Monsenhor Romero, "a voz dos sem voz", tinha sido assassinado em 24 de março de 1980 e, poucos meses depois, foi fechada a emissora do arcebispado de San Salvador, a YSAX, cujas instalações foram dinamitadas pelos agentes de segurança.

Por isso, Rádio Venceremos converteu-se na última voz livre contra a ditadura e a primeira do poder popular.

Atualmente, a Rádio Venceremos está cumprindo vários papéis. Além de ser a fonte de informação principal do nosso povo, a emissora dá instruções concretas à massa, ajudando na formação de comitês populares, orientanto em tarefas que vão desde a organização das unidades de saúde até a fabricação de armas caseiras. A partir da Venceremos está se organizando toda uma rede de colaboração, de círculos de escuta, de correspondentes populares e também todo o processo nas distintas zonas em combate, através da unidades radiofônicas móveis. A Venceremos apoia o trabalho das Comunidades Cristãs de Base, muitas vezes obrigadas à clandestinidade, transmitindo homílias, comentários e mensagens desta nova Igreja das catacumbas.

Durante os últimos anos, a Rádio Venceremos tem dado atenção especial à luta das mulheres, que atuam com grande empenho em todos os terrenos da guerra e também no sentido de reativar o movimento popular de massas na cidade. A nível internacional, a emissora ganha audiência. Atual-

CEDEM

mente, alguns povos solidários podem nos sintonizar principalmente na América Central, Caribe e México. Recentemente, realizamos a "Jornada Internacional da Poesia e Canto" com a participação de amigos e material enviado de mais de 40 países. Por outro lado, a imprensa internacional reconhece-nos como um meio sério e veraz, que rompe o cerco informativo do imperialismo.

A ditadura montou várias ofensivas para aniquilar-nos, lançando milhares de soldados na zona onde trabalhamos, massacrando a população como medida de represália. Mas não conseguiram seus objetivos. Graças ao apoio da população nos deslocamos quando era necessário e, apesar das dificuldades técnicas, já conseguimos passar de uma emissão diária de uma hora para três emissões diárias.

Frente à incapacidade da ditadura salvadorenha para calar a emissora rebelde utilizando seus próprios meios, o governo norte-americano tomou o problema em suas mãos e enviou o barco militar "Caron" às águas do Golfo de Fonseca (na costa de El Salvador). No dia 26 de março de 82, o "Caron" começou a emitir uma forte interferência, que tem sido regular até os dias de hoje. Algumas vezes se trata de um zumbido muito forte, que cobre totalmente o sinal da Rádio Venceremos e outras vezes, interferem com música de diversos tipos.

Contra essa interferência, a Rádio Venceremos se move no dial e emite simultaneamente em duas frequências. Mas, às vezes, o "Caron" consegue interferir nos dois sinais ao mesmo tempo.

Por isso, decidimos lançar uma campanha internacional contra a interferência para impor a retirada do barco militar "Caron". Pedimos a todos para dar conhecimento desta situação no Brasil e de ver como mobilizar-se para defender este direito à informação que o povo salvadorenho conquistou com sacrifício e heroísmo.

Gostaríamos também de estabelecer relações entre a Rádio Venceremos e os meios de comunicação brasileiros, de receber informações sobre a solidariedade e a situação de seu país e assim informar melhor o nosso povo. Nosso endereço no exterior para o correio é: Rádio Venceremos, Apartado Postal 7-907, México DF, México.

Unidos para combater até a vitória final!

Revolução ou Morte, Venceremos!

Sucursal dos correspondestes no México da Rádio Venceremos, voz oficial da **FMLN**

Jornalivro é uma publicação da *Sociedade Cultural Jornalivro*, CGC 46.827/0001-40 — Rua Vergueiro, 7.290 — São Paulo — SP Tel.: 273.6828

Conselho Editorial: Manoel Del Rio, Pedro pontual, Sueli Bossam, Regina Festa, José Luiz N. Ohi, Serafim Pinto Neto, Maria Júlia S. Prado, Valquíria Elizabete Teixeira.

Trabalharam nesta edição: Frei Beto, Regina Festa, Maria Luz Osimani, Ohi, Serafim Pinto Neto, Juca Martins (Agência F4) e o Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos da América Latina - *CBS*

Jornalista Responsável: Regina Festa — MT-9044

Composto na **Proposta Editorial** fone: 263.3115.
Impresso na *Jorues*.

Agustin Farabundo Martí

Agustin Farabundo Martí nasceu no departamento de La Liberdad, no ano de 1893. Filho de um fazendeiro, Pedro Martí e Socorro Rodriguez de Martí, tinha 13 irmãos. Concluiu o curso básico em ciências e letras no ano de 1913 e ingressou na Universidade Nacional, o curso de Jurisprudência e Ciências Sociais, onde começou a participar de um núcleo de estudo do marxismo.

Por sua participação em manifestações em defesa da unidade centro-americana, Martí foi preso pela primeira vez em fevereiro de 1920 juntamente com inúmeros outros estudantes. Manifestações de protesto contra as prisões, obrigam o Presidente da República, Jorge Meléndez, um latifundiário cuja família ocupou durante 14 anos a presidência, a libertar os presos. Jorge Meléndez ordena a libertação dos detidos, menos a dos estudante José Luiz Barrientos, que havia publicado um panfleto contra o ditador. Farabundo Martí, em protesto, recusa-se a sair da prisão. A resposta do ditador é expulsar José Luis e Farabundo Martí de El Salvador, exilando-os na Guatemala.

Martí viveu no exílio entre 1920 e 1925, mas pouco se conhece de sua vida nesse período. Sabe-se apenas que esteve no México e que trabalhou como pedreiro, assalariado em propriedades rurais e como professor. Em 1925, participou da fundação do Partido Socialista Centro-americano, na Guatemala. Os ideais de unidade centro-americana ressurgiam com vigor, e foi causador de grandes mobilizações de massas que levaram à derrubada do tirano Estrada Cabrera, ditador guatemalteco. Na mesma época, os fuzileiros navais norte-americanos invadiam a Nicarágua.

De volta à sua pátria, Farabundo Martí incorpora-se, à Federação Regional dos Trabalhadores Salvadorenhos. A luta dos trabalhadores organizados na FRTS conseguiu que fossem decretadas algumas leis de interesse dos trabalhadores, como a Lei de Proteção aos empregados do Comércio, a Lei de Registro de Organismos Operários e Sindicais, ou a Lei de Horas de Trabalho, que instituiu a jornada de 8 horas. Cresce a organização sindical de trabalhadores da cidade e do campo, e a FRTS adota como palavra de ordem principal a luta pela reforma agrária, com a adoção de medidas de apoio aos pequenos agricultores, como o crédito agrícola, fornecimento de assistência técnica, sementes, adubos, etc.

Em 1928 Martí viaja para os Estados Unidos, e passa a morar em Nova Iorque, onde funcionava a Liga Anti-imperialista. Nesse ano, é preso novamente, quando a polícia invade a sede da Liga Anti-imperialista. Libertado, regressa a El Salvador e segue, posteriormente, para a Nicarágua, onde se incorpora às tropas do Exército Defensor da Soberania Nacional, comandadas por Augusto Cesar Sandino.

No exército guerrilheiro de Sandino, Martí participou de ações militares e veio a se tornar secretário de confiança de seu comandante em chefe, alcançando o grau de coronel. É dessa época sua frase "*quando não se pode escrever a história com a pena, deve-se escrevê-la com o fuzil*", que segundo a lenda teria pronunciado num momento em que o bombardeio dos aviões americanos obrigaram-no a abandonar seus escritos para entrar em combate.

No final de setembro de 1929, Farabundo Martí separa-se de Sandino e vai para o México, onde vive até junho de 1930, quando é expulso pelo governo mexicano e retorna a El Salvador como representante do Socorro Vermelho Internacional.

Em dezembro de 1930, às vésperas das eleições presidenciais, o governo, temendo as atividades de Farabundo Martí e do Partido Comunista de El Salvador, de que ele fazia parte, ordena sua prisão e de outros companheiros. Os presos iniciam uma greve de fome, imediatamente. Levado à presença do Diretor Geral da Polícia, Martí recusa-se a apertar sua mão, e levado imediatamente de volta à cela e expulso do país.

Embarcado no navio mercante "Venezuela", com ordens para ser desembarcado no porto norte-americano de San Pedro, na Califórnia, Martí é mantido preso em seu camarote durante toda a viagem. Nos Estados Unidos, Martí recusa a ajuda de advogados da Internacional Labor Defense (Defesa Internacional dos Trabalhadores) que queriam obter dos tribunais americanos permissão para que permanecesse no país. Em função dessa recusa, é embarcado de volta no navio *"Venezuela"*, e tenta reingressar em El Salvador. Preso, volta ao navio, cujo comandante recebe ordens de levá-lo à Nicarágua, onde certamente seria assassinado pela tirania que governava o país. Protestos populares em El Salvador impedem o cumprimento da ordem e Farabundo Martí continua em viagem até o Panamá, de onde retorna no navio "Colômbia", até o porto de Corinto, na Nicarágua. Vinte dias depois, retornava por terra a El Salvador.

Entre 1930 e 1931, agrava-se a crise econômica e social. Sucederam-se greves de trabalhadores agrícolas e demostrações públicas de trabalhadores urbanos.

O dia 20 de março de 1931 seria, por determinação da Confederação Sindical Latino-americana, o "Dia Continental dos Desempregados". O governo, porém, impediu a realização das manifestações organizadas em El Salvador e prenderam Farabundo Martí, nos primeiros dias de abril, sob a acusação de que era um "agitador comunista" cabeça das manifestações reprimidas. Libertado em função de instensas manifestações de protesto contra sua prisão, Martí foi, no entanto, preso novamente dias após, acusado de injuriar o Presidente da República. Esta nova prisão foi enfrentada por ele com uma greve de fome que durou 27 dias e obrigou o governo a fazer aprovar uma lei de anistia. Durante sua prisão, novas manifestações de protesto foram realizadas e duramente reprimidas pelo governo, chegando ao assassinato de trabalhadores que delas participavam.

Com a derrubada do presidente Araújo, pelo exército, no dia 2 de dezembro de 1931, as eleições marcadas para o dia 3 de janeiro são realizadas num clima de tensão. O Partido Comunista resolve participar das eleições e Farabundo Martí desenvolve intensa campanha de agitação eleitoral, apelando contra a tendência à abstenção. Mas, as brutais violências, corrupção e fraude eleitorais campearam. Tinbase a impressão de que a política governamental de repressão, massacres e fraudes tentava levar as massas ao desespero e, daí, à insurreição. O Comitê Central do Partido Comunista, Martí à frente, resolve manter contato com o general Martinez, então presidente. O governo recusa-se à entrevista. O Partido Comunista resolve então, ante a inevitabilidade da inssurreição, tomar a si a tarefa de organizá-la.

O levante é marcado para o dia 16 de janeiro, mas as dificuldades de organização obrigam ao adiamento para o dia 19, primeiro, e posteriormente para o dia 22 de janeiro.

Na noite do dia 19, Agustin Farabundo Martí, Mario Zapata e Alfonso Luna, dirigentes do Partido Comunista que organizavam a inssurreição são presos pela polícia. Na ocasião é apreendida pequena quantidade de material de guerra e documentos, dando ao governo o pretexto para declarar o Estado de Sítio.

A inssurreição do dia 22 de janeiro de 1932 mobilizou milhares de camponeses que lançaram-se a enfrentar as tropas do exército. A luta encarniçada durou 3 dias, ao fim dos quais as inssurreição foi esmagada. E aí desatou-se o massacre. Em alguns locais, todas as pessoas maiores de 18 anos foram fuziladas. Trinta mil trabalhadores foram assassinados nos dias posteriores à inssurreição. Martí, Luna e Zapata são julgados no dia 30 de janeiro e condenados à morte.

Às sete horas de doze minutos da manhã o do dia 1º de fevereiro de 1932, são levados ao pelotão de fuzilamento. Em nome de seus companheiros, Agustin Farabundo Martí pede que seus olhos não sejam vendados. Quando o oficial comandante do pelotão de fuzilamento dá a ordem de fogo, Farabundo Martí lança seu grito de "Viva o Soci..." que fica inacabado mas latejando na história salvadorenha.

CEDEM